

**CÁSSIA ALVES FERREIRA**

**ESTUDO CRÍTICO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO  
ANTÔNIO : 1977-1989**

ASSIS-2003

**CÁSSIA ALVES FERREIRA**

**ESTUDO CRÍTICO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO  
ANTÔNIO : 1977-1989**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa).

Orientadora: Ana Maria Domingues de Oliveira

ASSIS-2003

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

F383e Ferreira, Cássia Alves  
Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1977-  
1989 / Cássia Alves Ferreira. Assis, 2003  
177 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Ferreira Filho,  
João Antônio, 1937 – 1996. I. Título.

CDD 869.909

## **DADOS CURRICULARES**

**CÁSSIA ALVES FERREIRA**

NASCIMENTO: 02.10.74

FILIAÇÃO: Francisco Ferreira  
Valterísia Alves Ferreira

1995-1998: Curso de Graduação  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

1999-2000: Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira  
Centro de Educação Básica para jovens e adultos “Prof  
“Professor Manoel R. Silva”.

À minha família, que abriu mão  
do meu convívio;

A Rômulo, pelo apoio constante no  
decorrer desta pesquisa;

A João Antônio.

## AGRADECIMENTOS

Devo agradecer, sobretudo, à querida orientadora Ana Maria Domingues de Oliveira, que me prestou valiosa orientação e auxílio sempre generoso e incondicional na elaboração desta pesquisa;

aos professores doutores Luiz Roberto Velloso Cairo e Maria Lídia Lichtscheidl Maretti pelas relevantes sugestões e sensíveis leituras de meu trabalho no exame de qualificação;

às estudiosas de João Antônio, Jane, Luciana, Renata e Clara pelas valiosas contribuições em conversas e material sobre minha pesquisa;

ao pessoal de iniciação científica, sempre disposto a dar “aquela mãozinha”.

Agradeço também à professora Iracy Corrêa, pela revisão precisa e minuciosa deste trabalho;

aos professores de graduação, especialmente May Holmes Zanardi, a quem devo meus “primeiros passos” na trajetória dos estudos literários;

a todos os funcionários da Seção de Pós-Graduação desta faculdade, pelo apoio;

à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pelo financiamento da pesquisa.

FERREIRA, C. A *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1977-1989)*. Assis, 2003, 178 p. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

## RESUMO

Este estudo propõe uma análise da recepção crítica do escritor João Antônio (1937-1996), no período compreendido entre 1977 e 1989, a partir de um conjunto de textos reunidos por ele mesmo e que se encontram depositados em seu Arquivo, na Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP. Sendo este trabalho uma das etapas de um projeto maior que visa à reconstituição de toda a fortuna crítica do escritor, esta pesquisa corresponde à segunda etapa do levantamento da recepção crítica. O primeiro levantamento, já feito por Jane Christina Pereira, intitula-se *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1963 – 1976*. Assim, nosso trabalho compreende a análise de textos do ano de 1977 a 1989, estando prevista ainda uma terceira etapa, a ser realizada por outro pesquisador, a qual finalizará a pesquisa, analisando os textos de 1990 até a atualidade. O trabalho tem por objetivo a preservação da memória cultural e a divulgação deste autor no cenário literário brasileiro. O material analisado mostra como a crítica em jornais e revistas interpretou e divulgou as obras de João Antônio em uma determinada época. Este trabalho levanta dados relevantes para fundamentar estudos sobre o autor, tanto os de caráter mais avançados, como os histórico-críticos, quanto os de fases iniciais, para os que desconhecem a bibliografia do escritor.

**FERREIRA, C.A . *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1977-1989*. Assis, 2003, 177 p. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.**

#### ABSTRACT

This study has as proposal an analysis of critic reception of the writer João Antônio (1937-1996), during the period of 1977 to 1989, from the amount of texts gathered by himself. These texts can be found in his record at Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. This research is linked to another one done by Jane Christina Pereira with the title *Critic study on the bibliography of João Antônio: 1963-1976*. In her research she aims to cover critic treasure written about João Antônio during this time. So it just one step to be included in a bigger study, because there is a desine to be concluded a third step by another researcher who will analyse text from 1990 to our days. Therefore, our research covers textual analysis from 1977 to 1989. The material analyzed points us how newspapers and magazines disclosed and understood João Antonio's work in a certain period of time. This work gathers important data to bases studies about the author, such as the advanced ones, as the historicals and criticals as the elementaries ones, to whom the author's bibliography is unknown.

Key-words: memory cultural – João Antonio's bibliography – critique on newspapers.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESCRIÇÃO DO MATERIAL	13
3. JOÃO ANTÔNIO E A LUTA NA (E PELA) LITERATURA	19
4. UM BREVE PANORAMA DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE JOÃO ANTÔNIO	27
4.1 <i>Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto</i> : o romancista visto sob a ótica de João Antônio	31
4.2 <i>Lambões de Caçarola</i> : a vida política popular do Brasil na década de 70	37
4.3 <i>Ô Copacabana!</i> : a desmitificação da “Princesinha do mar”	42
4.4 <i>Dedo-Duro</i> : os novos malandros de João Antônio	48
4.5 <i>Meninão do Caixote</i> : a marginalidade no mundo infantil	54
4.6 <i>Abraçado ao meu rancor</i> : o autobiográfico na narrativa de João Antônio	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
6. BIBLIOGRAFIA COMENTADA	72
7. CATEGORIA DOS TEXTOS	158
7.1 Levantamento numérico dos textos	158
7.2 Levantamento numérico dos textos ano a ano (1977-1989)	158
8. ÍNDICES	159
8.1 Índice alfabético de jornais e revistas	159
8.2 Índice alfabético de autores	164
9. BIBLIOGRAFIA	174
a) Bibliografia de João Antônio	174
b) Bibliografia crítica e teórica	174

## 1. INTRODUÇÃO

A organização bibliográfica, de um modo geral, se torna um fator imprescindível para a praticidade do mundo moderno. E, no que se refere à memória cultural de um país, esse ato torna-se ainda mais relevante, pois toda a cultura de um povo depende basicamente de sua memória e esta, para ser preservada, depende de toda uma equipe voltada para sua organização e preservação.

Podemos citar, como pioneiros que trabalharam neste sentido, Fidelino de Figueiredo, que na década de 40 realizou um estudo sobre a documentação bibliográfica em seu livro *Aristharcos* (1941) e Otto Maria Carpeaux, em sua *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* (1951). Este último afirma que a necessidade de preservação e organização das obras literárias surgiu no Renascimento, período que impulsionou o avanço do conhecimento, com reformulações de obras, reproduções e distribuição destas em várias partes do mundo.

De acordo com Ana Maria Domingues de Oliveira (2001, p.25) , estudiosa da fortuna crítica de Cecília Meireles, embora os estudos sobre documentação bibliográfica no país sejam antigos, remontando ao período colonial, essa prática não estaria se desenvolvendo adequadamente no sentido de facilitar ao pesquisador o acesso a essa modalidade literária. Ao propor, portanto, um trabalho ainda pioneiro nesta área, a autora aponta para um “círculo vicioso” existente no ramo , em que “os estudos de documentação não são usados porque não são produzidos, e não são produzidos porque não são utilizados”.

Atualmente, nossa cultura nacional conta com os acervos literários dirigidos por vários profissionais de diversas áreas, como da historiografia literária, da biblioteconomia, arquivistas e pesquisadores da área de literatura, que trabalham incansavelmente para a imortalidade daqueles que tanto colaboraram no processo de ampliação dos horizontes culturais brasileiros.

Outro fator relevante, não só para a preservação mas também para a divulgação de determinado autor e sua obra, é a crítica literária que, colocando em evidência alguns autores ainda em processo de divulgação no mundo literário, contribui para os estudos de escritores brasileiros e de suas respectivas colaborações no cenário da literatura nacional. Este é o caso da recepção crítica do escritor contemporâneo João Antônio, cujas obras possuem valor relevante para a cultura brasileira.

João Antônio Ferreira Filho (1937 – 1996) destacou-se no cenário literário com seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado em 1963, o qual lhe valeu diversos prêmios, proporcionando-lhe um merecido reconhecimento da crítica.

Conceituado e valorizado por vários críticos, como Alfredo Bosi, Antonio Candido, João Alexandre Barbosa e outros, foi várias vezes premiado, tendo sua obra grande aceitação em países como Argentina, Espanha, Alemanha, Venezuela e Tchecoslováquia.

Admirador de Lima Barreto, procurou enaltecer as “gentes esquecidas” pertencentes ao submundo da sociedade. Nas palavras de Alfredo Bosi (1997, p.18):

[...] o muambeiro de maconha e o menino engraxate, a ‘mulher da vida’[...] e o vendedor de bilhetes da Federal. Esse mundo de pequenos expedientes e da pequena malandragem que no Rio e na Bahia tem (ainda) o espaço livre do morro e do mar, esgueira-se pelas ruas poentas de uma São Paulo suja, sem outro horizonte além das silhuetas dos arranha-céus. Desse fundo torvo tirou João Antônio a linguagem lírico-popular.

As personagens ficcionais de João Antônio são jogadores de sinuca, os malandros, prostitutas, traficantes, otários e os “merdunchos”, termo criado pelo escritor para designar os que não possuem uma renda fixa, como os otários, mas que não chegam à marginalidade, como seria o caso do malandro. Todos eles percorrem os bares, galerias, favelas e tantos outros lugares postos de lado pelas outras camadas sociais. Seu estilo contundente, para o crítico Alfredo Bosi, mescla-se com um certo lirismo, despertando sentimentos diversos no leitor.

Admirador dos livros, João Antônio deixou-nos uma preciosa biblioteca, compreendendo aproximadamente dez mil obras. Seu espólio compreende ainda correspondências, ensaios jornalísticos, discos e objetos de uso pessoal e constitui o “Arquivo João Antônio”, que está localizado no campus de Assis da Universidade Estadual Paulista - UNESP, servindo como objeto de estudo para os pesquisadores que desejam divulgar o trabalho desenvolvido pelo autor.

No caso de João Antônio, apesar dos vários estudos e das soluções já apresentadas em publicações, congressos e outros eventos, a organização bibliográfica de sua fortuna crítica ainda se encontra em fase de desenvolvimento.

É neste contexto que pretendemos, no presente estudo, realizar um trabalho de sistematização e divulgação da fortuna crítica do escritor contemporâneo João Antônio.

Pesquisadores que atuam na área já iniciaram o trabalho de catalogação da fortuna crítica do autor, coletada por ele mesmo, que se encontra na sala de arquivos, correspondendo a um total de três mil textos variados. Estes, num primeiro momento, foram organizados sumariamente por Jane Christina Pereira (2001) que, orientada pela Dr<sup>a</sup> Ana Maria Domingues de Oliveira, estudou a recepção crítica do escritor, especificamente entre os períodos de 1963 a 1976. Sua dissertação intitula-se *Estudo Crítico da Bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)*.

Defendida a sua dissertação no ano de 2001, a estudiosa realizou um trabalho pioneiro no que se refere ao levantamento da crítica literária sobre o autor. Pereira, ao se deparar com três mil textos de natureza diversa, tais como matérias jornalísticas, recibos de editoras, telegramas, bilhetes e cartas, *folders* de concurso de contos, cartazes anunciando noites de autógrafos etc, empenhou-se em organizar os textos, já fotocopiados por ela, separando-os e selecionando-os cronologicamente.

Cabe ressaltar que a autora procurou, acima de tudo, dar ao trabalho um caráter bastante prático, abrindo, assim, vários caminhos para aqueles que se interessarem em conhecer João Antônio. Devido à grande quantidade do material doado pelos familiares do escritor e do prazo para a realização do trabalho (aproximadamente três anos, o correspondente à duração do curso de mestrado), fez-se necessário continuar a sistematização da bibliografia, até que seja esgotada.

Partindo de tais considerações, o objetivo deste trabalho é organizar uma parcela, correspondente ao período de 1977 a 1989, que compreende um total de 673 textos, publicados sobre o escritor. A organização deste material ocorre por meio da ordenação cronológica, da descrição de cada título e da elaboração de estudo crítico sobre o conjunto. Esta pesquisa, ao dar continuidade ao trabalho de Jane Christina Pereira, destina-se a facilitar o acesso às informações sobre a recepção crítica de João Antônio, que, como veremos em capítulos posteriores, não passou despercebido pela crítica de sua época.

Como o trabalho de levantar os originais, organizando-os e selecionando-os em pastas no Arquivo João Antônio, já fora realizado por Pereira, coube, agora, o levantamento da recepção crítica do período de 1977 até o ano de 1989. Dessa forma, o trabalho divide-se em dois momentos: um relacionado à descrição dos materiais, ou seja, um apanhado geral, especificando a quantidade de textos e suas respectivas categorias, e outro de caráter analítico, em que se esboça uma leitura de como a crítica recebeu e interpretou as obras de João Antônio.

Quanto à sistematização da fortuna crítica de João Antônio, foram utilizadas as normas da ABNT (2002), em consonância com a pesquisa de Jane Christina Pereira, à qual esta pesquisa dá continuidade. Os textos serão analisados comparativamente, de modo a proporcionar um panorama da crítica sobre João Antônio no período estudado.

## 2 . DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Para realizar a sistematização sumária dos textos relacionados ao escritor João Antônio, procurei seguir a ordenação cronológica já estabelecida por Jane Christina Pereira (2001), pesquisadora do período de 1963-1976. Segundo a estudiosa, no que se refere à categorização das sinopses, tem-se os mais diversos tipos de textos, como os biobibliográficos, que se referem às entrevistas, reportagens e referências ao autor em colunas literárias, as resenhas críticas, que focalizam os lançamentos das obras, e os estudos propriamente ditos, que são os ensaios e artigos.

Cabe ressaltar que esses materiais são textos, em sua maioria, jornalísticos, reunidos pelo autor. Quanto aos demais trabalhos produzidos sobre João Antônio, tais como teses defendidas nesse período ou livros referentes ao escritor, por exemplo, não entram no *corpus* desta pesquisa, ficando como fonte de outros estudos relacionados ao “Acervo João Antônio”.

Desse modo, para realizar meu trabalho de análise do material, segui o modelo de seleção já organizado por Pereira (2001, p.152), que utilizou o seguinte método para classificar as categorias dos textos:

1) Biobibliográficos:

- a. entrevista
- b. reportagem
- c. referência em coluna literária

2) Resenhas críticas:

- a. em periódicos, por ocasião de lançamento de obras.

3) Estudos da obra:

- a. ensaios e artigos em livros
- b. ensaios e artigos em periódicos

De um modo geral, os textos de caráter biobibliográfico contextualizam os lançamentos das obras de João Antônio. As entrevistas, reportagens e referências abordam diversas temáticas, como a sua opinião diante dos acontecimentos político-sociais da época, seu processo de criação e a maneira como se relacionava com o mercado editorial, enfim, trata-se de textos, em sua maioria, de caráter biográfico. Nesse material, temos informações relevantes sobre recepção crítica em relação ao sucesso do escritor e sua evidência nas letras brasileiras daquele momento.

Nas resenhas críticas, por exemplo, temos um material voltado, especificamente, ao lançamento das obras de João Antônio, portanto, são informações que fundamentam estudos voltados para a relação obra-leitor. Apesar da ocasional superficialidade de alguns desses textos, como é o caso de notas que anunciam brevemente um lançamento de livro, ou a presença do escritor em palestras ou noites de autógrafos, as resenhas, em sua maioria, apontam características singulares e essenciais para o leitor de jornal que buscava informações rápidas e eficientes sobre a obra do escritor. Assim, percebemos como eram recebidos e interpretados os seus livros, que estavam constantemente nas listas dos mais vendidos.

Cabe ressaltar que nem sempre o enfoque dessas resenhas está em seus personagens malandros, pois características como linguagem, temática, autobiografismo, universo infantil em João Antônio, e vários outros pontos, são citados para preparar o leitor sobre o estilo contundente do escritor paulista.

Os textos referentes ao estudo das obras do escritor constituem-se de ensaios e artigos em livros ou periódicos. Possuem um caráter mais acadêmico, com discussões teóricas e mais

consistentes sobre os vários aspectos das narrativas do autor, tais como personagens, temáticas, enfim, o universo narrativo presente nos livros de João Antônio.

Os textos com que trabalhamos abrangem os anos de 1977 a 1989. O de 1977 foi marcado pelas obras *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto e Lambões de Caçarola*. Em 1978, destaca-se o livro *Ô Copacabana!* Depois desse período, houve uma pausa de três anos na cronologia editorial joãoantoniana e, no ano de 1982, João Antônio aparece com *Dedo-Duro* e em 1983 com *Meninão do Caixote*. Novamente teremos uma pausa de dois anos e em 1986 é publicado *Abraçado ao meu Rancor*. Nos anos de 1987, 1988 e 1989 não teremos nenhuma publicação.

A razão de estarmos estudando tal período deve-se à quantidade dos textos - daí nosso estudo cessar no ano de 1989. No período de 1977 a 1989, temos um total de 673 títulos, um número significativo para o curto espaço de tempo do curso de mestrado.

O conjunto dos títulos, considerado ano a ano, divide-se em categorias distintas de textos. No ano de 1977, há 5 textos referentes a entrevistas, 55 reportagens sobre João Antônio, 47 que dizem respeito a referências ao autor em coluna literária, 55 resenhas críticas sobre lançamentos de obras, 3 ensaios e (ou) artigos em livros e 9 ensaios e (ou) artigos em periódicos. Teremos, assim nesse ano, um total de 174 textos. As obras que marcam o período são *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto e Lambões de Caçarola*. Trata-se de um material que se destaca pela temática memorialística, já que o escritor recupera personalidades históricas em suas narrativas.

Em 1978, há um total de 98 textos, dos quais 10 títulos são entrevistas, 30 são referentes a reportagens, 30 sobre referência em coluna literária, 24 resenhas críticas, 1 ensaio em livro e 3 ensaios e (ou) artigos em periódicos. Nesse ano, João Antônio não publicou nenhuma obra, mas existem títulos relevantes sobre o contexto que envolve as obras já publicadas e alguns comentários sobre seu futuro lançamento, *Ô Copacabana!*

No ano de 1979, há a publicação do livro *Ô Copacabana!* Dentre os 68 títulos, os textos estão compostos de 7 entrevistas, 13 reportagens, 15 referências em colunas literárias, 29 resenhas e 4 ensaios e artigos em periódicos e nenhum texto referente a ensaio em livros. Embora não haja texto ensaístico em livro, há resenhas e reportagens consistentes que abordam criticamente vários aspectos da obra, raramente deixando a desejar ao leitor, seja ele pertencente a um público fiel e já conquistado por João Antônio, seja um leigo que procura conhecer a produção do autor.

Já os anos de 1980 e 1981 são períodos de entre-lançamentos e de relançamentos. Desta forma, há um devido destaque para as novas edições de *Malagueta, Perus e Bacanaço, Malhação do Judas Carioca, Casa de Loucos e Leão-de-Chácara*. Nesse período, temos um total de 86 textos que estão compostos por: 7 entrevistas, 23 reportagens, 22 referências em coluna literária, 30 resenhas, 1 artigo em periódico e 3 artigos em livros. Nesses anos, há um material que contextualiza, de forma mais evidente, a produção do escritor. As entrevistas e algumas reportagens ressaltam aspectos biográficos e os últimos acontecimentos da carreira do escritor, já preparando os leitores de João Antônio para seu próximo lançamento, o livro *Dedo-Duro*.

Os 75 textos de 1982, ano da publicação de *Dedo-Duro*, estão compostos por 9 entrevistas, 23 reportagens, 15 referências em coluna literária, 23 resenhas e 5 ensaios e artigos em periódicos. Esse material, de maneira geral, destaca-se pela consistência de seus textos, sejam eles resenhas críticas sobre o livro ou os artigos que focalizam as várias abordagens e discussões que a publicação desta obra desperta na crítica.

Em 1983, ano em que ocorre o lançamento de *Meninão do Caixote*, os textos estão distribuídos em 6 entrevistas, 9 reportagens, 10 referências em colunas literárias, 3 resenhas, e 6 artigos e ensaios em periódicos, compondo, assim, um total de 34 títulos. Considerando que o ano de publicação dessa obra é marcado pela pequena quantidade de textos, existem

abordagens inéditas sobre a produção de João Antônio. Uma delas seria uma análise de como o escritor trabalha o mundo infantil em sua obra.

Quanto ao período de 1984 e 1985, também sem publicação de obras, há 59 textos que se encontram em 5 entrevistas, 24 reportagens, 16 referências em colunas literárias, 9 resenhas, 1 artigo publicado em livro e 4 títulos publicados em periódicos. Esse período, assim como os anos de 1980 e 1981, é marcado por temas biográficos e retomada de outras obras anteriores, como *Meninão do Caixote* e os clássicos *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*.

Em 1986, ocorre a publicação do livro *Abraçado ao meu Rancor*. Os 29 títulos compreendem 2 entrevistas, 3 reportagens, 1 referência em coluna literária, 20 resenhas e 3 artigos publicados em periódicos.

Os textos publicados nos anos de 1987, 1988 e 1989 também são relançamentos e antecedem à publicação de *Zicartola* (1991), penúltima obra do escritor. Somam-se 50 títulos, que se dividem em 3 entrevistas, 13 reportagens, 9 referências em colunas literárias, 18 resenhas e 7 ensaios e artigos em revistas ou periódicos.

Vale ressaltar que, em meio aos livros publicados com a autoria de João Antônio, tem-se lançamentos de coletâneas nas quais o escritor participa com publicações de narrativas, ou até mesmo como organizador de antologias de escritores nacionais para algum livro de contos.

É o caso das coletâneas *Literatura Brasileira em Curso*, *Quince cuentistas brasileños de hoy*, na Argentina, *Vida Cachorra* em que o escritor participa com a narrativa “Frio” e a revista *Extra-Realidade*, nº 4, intitulada *Malditos Escritores!* e organizada pelo próprio escritor, todas publicadas em 1977. Aparece, ainda nesse ano, o longametragem *O Jogo da Vida*, baseado no livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, dirigido por Maurice Capovilla. No ano de 1978, é lançada a coletânea *O Moderno Conto Brasileiro*, organizada por João Antônio, e

em 1983 há a publicação do *Panorama do Conto Paulista*. Em 1984, destaca-se a antologia *Para Gostar de Ler*.

Além disso, grande parte do material corresponde às notas sobre traduções de algumas de suas obras na Alemanha, Argentina, Estados Unidos e outros países.

Outro tema muito ressaltado por notas e anúncios é a constante participação do escritor como jurado em concursos de contos, bem como suas viagens pelos diversos estados brasileiros em busca de um contato maior com o seu público leitor.

Concomitantemente aos assuntos relacionados aos lançamentos de obras, é dado destaque aos temas de caráter político-social em que o escritor questiona, constantemente, a precariedade da educação no Brasil. Sobre tais discussões, encontra-se um material diversificado e consistente. A militância na literatura produzida pelo escritor é proveniente de sua participação ativa na política de sua época; daí os textos focalizarem suas posições em relação ao jornalismo, à malandragem, à classe média, à luta pela profissionalização do escritor e à fragilizada memória cultural no Brasil.

Dessa forma, fizemos uma seleção de algumas reportagens e entrevistas que mostram a luta do escritor na busca da democratização da literatura. Vale ressaltar que, no próximo capítulo, o intuito é mostrar algumas das várias polêmicas que envolvem o nome do escritor nos jornais, pois são vários os temas levantados por ele em suas entrevistas e reportagens, devido ao seu olhar crítico frente ao mundo que o rodeia. Esses textos utilizados e discutidos colocam em evidência alguns pontos sobre a posição de João Antônio em relação à cultura nacional e a tão discutida questão da sua autopromoção como escritor.

### 3. JOÃO ANTÔNIO E A LUTA NA (E PELA) LITERATURA

*A literatura não existe.  
O que há é a vida,  
de que a política e a arte participam.*

(Honoré de Balzac)

Um dos temas mais discutidos por João Antônio em suas entrevistas é a questão da falência da memória nacional. Para o escritor, essa problemática estaria relacionada, basicamente, a três fatores que interferiam no crescimento e na expansão da literatura brasileira, a saber: o impedimento da expressão artística brasileira, ocasionada pela censura, a centralização da cultura, que se encontraria concentrada nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, e o descaso das editoras em relação aos lançamentos de livros nacionais, sendo este último uma justificativa para a atitude tão polêmica do escritor: a de autopromover-se no mercado editorial.

Numa reportagem do jornal *A Notícia*, em dezembro de 1977, o autor, cujo nome não é explicitado, discorre sobre um debate em que João Antônio, junto com Affonso Romano de Sant'Anna, Ignácio de Loyola Brandão e Genolino Amado, discute com estudantes de Letras a respeito da centralização da cultura nacional, impedindo uma arte mais expressiva da realidade brasileira. De acordo com o texto:

Segundo o escritor, o país está ocupado por modelos econômicos e políticos que não são os nossos e anda em tal estado de dependência que não pode inaugurar uma cultura brasileira. Para inaugurarmos uma cultura realmente brasileira, o país tinha que ter mais pólos culturais com força de expressão nacional (*A Notícia*, dez. 1977).

O escritor sugeria, segundo o texto, a transformação de outros estados brasileiros em “pólos nacionais”, como a Bahia, o Rio Grande do Sul, o Pará, o Paraná etc, além do Rio e de São Paulo. Para João Antônio, somente a descentralização cultural traria autonomia para a arte brasileira, eliminando, dessa maneira, a tendência de supervalorizar alguns *best-sellers*, como Hermann Hesse ou Irving Wallace, em detrimento dos autores nacionais.

Outro fator relacionado à falta de autonomia da literatura brasileira seria a ditadura política e cultural no país. Para o escritor, esse acontecimento impediria a liberdade de expressão artística, ocasionando uma lacuna na formação do modelo cultural brasileiro. Esse fato estaria claramente refletido na literatura. O escritor paulista, no *Diário do Povo*, 27 de outubro de 1975, fala sobre o assunto sem eufemismos:

Para mim, a censura é ridícula e inútil. É exceção. Atrapalha e tolhe qualquer ato lúcido, qualquer possibilidade de criação, qualquer manifestação sincera e fundamentada a respeito da realidade. Nem eles próprios sabem o que censuram. Censuram a si próprios. Ela é, em síntese, absurda, simplesmente absurda.

Apesar de não ter nenhuma de suas obras censurada, foi participante ativo do manifesto dos intelectuais contra a ditadura no país. Para João Antônio, as conseqüências do clima repressivo intensificado pelo Ato Institucional nº 5, período de sua produção, agravaria o problema da formação e do desenvolvimento da memória cultural no Brasil.

Segundo o texto publicado na *Folha de São Paulo* em janeiro de 1977, cujo autor é anônimo<sup>1</sup>, o escritor se revoltaria com o impedimento dos livros *Araceli, meu amor*, de José Louzeiro, *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão e *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, defendendo seus colegas escritores que sofreram diretamente as conseqüências do AI-5.

Outro ponto levantado em suas discussões sobre a falta de memória nacional seria o descaso do mercado editorial em relação à divulgação dos exemplares brasileiros. Para o escritor, este fato estaria diretamente ligado à dificuldade enfrentada pelos autores brasileiros na luta pela profissionalização do escritor. Não são raras as vezes em que o escritor aparece movendo processos contra editoras que não pagam os direitos autorais, ou nem sequer o consultam antes de publicarem suas narrativas em coletâneas organizadas pelas mesmas.

De acordo com Bete Rodrigues, no jornal *A Gazeta*, em junho de 1976, João Antônio denunciaria doze editoras que se encontravam no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de

Janeiro. Segundo essa autora, o “contista” teria reunido 76 escritores que tiveram seus textos publicados na antologia *Literatura Brasileira em Curso*, lançado pela editora Bloch, pela qual apenas dois – Drummond de Andrade e Autran Dourado – teriam recebido os direitos autorais, depois de terem levado a questão ao Supremo Tribunal. Partindo dessa premissa, o escritor, ao levar o caso à justiça, receberia “quatrocentos mil cruzeiros” da editora, o equivalente a dois mil exemplares. Mesmo assim, dos outros 74 autores, segundo Rodrigues, nem todos iriam participar da denúncia contra a editora.

Em um de seus depoimentos para a *Folha de São Paulo*, intitulado “João Antônio Contra os Caloteiros”, em 1978, o autor escreve uma carta dirigida à editora Bloch explicitando o “calote” que esta teria dado ao escritor. Nas palavras do mesmo:

Aqui na terra, continuam lançando mão do texto alheio sem a menor contemplação. Ou dignidade. Até hoje, dez anos após o lançamento, não recebi um centavo sequer pela inclusão do meu conto ‘Afinação da Arte de Chutar Tampinhas’ na antologia *Literatura Brasileira em Curso* da Bloch Editores.

O fato de o autor ver seus textos em antologias sem qualquer explicação ou permissão de sua parte o deixava revoltado, principalmente ao ver que ninguém (ou quase ninguém) se dispunha a “brigar” com os ditos “poderosos”, frutos de um sistema competitivo e individualista, em que o intelectual seria considerado como um “desvairado”, como afirma João Antônio numa entrevista cedida a Maria Amélia e intitulada “No mato sem cachorro”, no jornal ST, de 10-11 de fevereiro de 1979.

Dessa forma, João Antônio é constantemente citado em reportagens que abordam esse tema, pois o autor defende, incansavelmente, a democratização da literatura brasileira. Para ele, a luta pelos seus direitos e de seus colegas faz parte do processo de uma literatura empenhada em acontecimentos sociais de sua época. Seu objetivo maior era o de abrir caminhos para outros autores que também buscassem reconhecimento no mercado editorial.

---

<sup>1</sup> Durante o período ditatorial, era comum a preservação do nome dos escritores de colunas literárias devido à perseguição da censura aos jornais.

A imprensa aponta João Antônio como um dos intelectuais que mais marcaram presença na luta pela popularização da literatura brasileira. Em notas sobre a venda de livros nacionais, João Antônio é constantemente citado por defender não só os seus direitos de autor, mas também por buscar o reconhecimento da literatura nacional. São várias as participações do escritor em praças públicas, palestras e seminários, discutindo a situação da literatura no Brasil.

Esse trabalho de conscientização está refletido em várias reportagens e entrevistas em que o escritor nada esconde sobre sua batalha diária com livreiros e editores nacionais, ou até mesmo com o cineasta Maurice Capovilla, diretor do filme *O Jogo da Vida*, baseado em sua obra que, segundo o escritor, também não teria pago os direitos autorais conforme o combinado.

Apesar da atribulação que envolve João Antônio com o mercado editorial, suas obras aparecem constantemente em notas sobre os livros mais vendidos. Todos os seus exemplares são reeditados diversas vezes, como acontece com *Leão-de-Chácara* que, em 1986, se encontra em 7ª edição. O livro *Lambões de Caçarola*, lançado em 1977, chega a ser disputado por três editoras, como afirma Carlos Menezes no Jornal *O Globo*, em 5 de setembro de 1977, e no ano seguinte já se encontraria na 3ª edição. Aproveitando-se do prestígio editorial de que é possuidor, segundo Paulo Klein, João Antônio alertaria seus “companheiros de profissão” sobre o fato, que não deveria ser revelado, assim como o nome das editoras. Mas o escritor o revela no jornal *Diário do Grande ABC*, de 13 outubro de 1977:

Três editores concorreram para publicar meu livro, e pedem para eu não dizer seus nomes; mas eu conto só para alertar meus companheiros de profissão. Foram a Civilização Brasileira, do Rio, a Comunicação, de Belo Horizonte, e a L & PM, de Porto Alegre, que ganhou a parada. Eu exigi 15% de direito autoral sobre o preço da capa, tirando mínima de 10.000 exemplares e tudo pago adiantado, independentemente de venda ou não.

Essa citação mostra seu prestígio e sua importância para as editoras nacionais. Apesar de João Antônio estar sempre indignado com a situação do escritor, particularmente no Brasil,

sempre estava numa posição privilegiada, pois o que se tinha até então entre editoras e autores era o acordo de 10% de 3.000 exemplares pagos à medida que se dava a venda dos livros. Essa era a realidade para grande parte dos intelectuais brasileiros, mas João Antônio, segundo seu próprio testemunho, teria um tratamento bastante diferenciado.

Devido a esse fato, conclui-se que um de seus objetivos, enquanto escritor, foi abrir caminho para outros autores que também buscavam reconhecimento no mercado editorial. Apesar de estar sempre em evidência nos jornais e obter venda considerável de seus exemplares, no Brasil e no exterior, João Antônio confessa não viver exclusivamente da literatura, porque esta, nas palavras do escritor, “não sustenta ninguém”. Lamentavelmente, contudo, viver de literatura foi o grande objetivo de João Antônio que, assim como vários outros escritores jornalistas (ou jornalistas escritores), lutavam pela profissionalização dos autores brasileiros.

Para João Antônio, a busca do reconhecimento do intelectual brasileiro também estaria ligada à escassez de exemplares nacionais comparativamente aos livros estrangeiros que estavam sempre em evidência nas prateleiras das livrarias, chegando a atingir 87% do total. Esse fato, de acordo com o escritor, seria consequência da falta de uma política de divulgação mais eficiente das obras nacionais.

Quanto a essa hipótese, não encontramos controvérsias entre os críticos e os escritores que opinaram sobre o assunto. João Antônio, porém, não pára nessa premissa e afirma em suas entrevistas e reportagens que seria papel do próprio escritor eliminar o distanciamento entre sua obra e o público leitor, ou seja, além de escrever uma literatura comprometida com o real, o autor de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* ia às universidades em diversos estados nacionais, divulgando sua própria produção literária. Na reportagem intitulada “João Antônio e suas viagens pelo Brasil”, publicada na *Folha de São Paulo*, em janeiro de 1977, o escritor afirma:

[...] desta forma tentei ajudar na criação de uma ampliação do mercado para livros nacionais. Sabemos que as editoras não estão preparadas para uma divulgação a nível nacional. Além da falta de dinamismo nas promoções tem o problema de distribuição, que é crônico e precisa urgente de novas fórmulas. Daí resolvi fazer eu mesmo este trabalho.

Mais uma polêmica: “Camelô, cantor de rock, mascate, divulgador, vedete ou escritor, mesmo?” é a pergunta e título do texto de Vivian Wyler. Essa reportagem, inserida no *Jornal do Brasil*, em dezembro de 1978, trata de opiniões de alguns autores brasileiros diante da nova proposta literária.

Embora seja unânime a opinião de que as editoras não pagam suficientemente os direitos autorais e não desenvolvem um trabalho sério de divulgação dos livros nacionais, formam-se duas vertentes diante do fato: uma mais acadêmica e conservadora, representada por Autran Dourado, José Louzeiro e J.J. Veiga, outra mais ofensiva, que luta contra o ostracismo do escritor e da literatura brasileira. Esta última teria como adeptos João Antônio e Vilma Guimarães Rosa, além de Júlio César Monteiro que, apesar de concordar com a idéia da autopromoção, não acredita na figura do escritor como fator da venda de seus livros.

Na reportagem de Wyler, (*Jornal do Brasil*, dez. 1978), José Louzeiro afirma que, apesar de não recusar uma “boa conversa” com estudantes de Letras, não viajaria pelo Brasil afora em busca deles. De acordo com o escritor, o distanciamento entre o autor e seu leitor não estaria relacionado a um “corpo-a-corpo” com o público leitor. Rejeitando essa idéia, discorre:

Não somos cantores de rádio, atores, compositores para quem a imagem é parte da profissão. A verdadeira distancia, a que sempre existiu, é a da literatura individualista, feita por filhos de burgueses, afastados dos problemas básicos do país (LOUZEIRO, 1978, *Jornal do Brasil*, dez. 1978).

De acordo com Louzeiro (1978), o ponto crucial que envolve a problemática autor/leitor tem suas raízes na temática adotada pelo escritor. Para ele, o problema está na literatura alienante de alguns escritores, os quais não são citados no texto.

Mais radical que Louzeiro, J. J. Veiga (1978) não admite ser uma atitude viável para o escritor brasileiro. Além da falta de tempo “material” para sair em busca da divulgação do próprio trabalho, o escritor não estaria incentivando o interesse do leitor pela obra, exclusivamente, e sim por sua pessoa. De acordo com Veiga (1978), “Cabe à editora divulgar o livro, não ao escritor. [...] E pode [o leitor] em muitos casos ficar até decepcionado ao conhecer o escritor pessoalmente”.

A escritora Vilma Guimarães Rosa (1978) não concorda com J. J. Veiga. O trabalho de divulgação, para a autora, seria um trabalho imprescindível para o novo perfil do escritor. De acordo com o texto, nos Estados Unidos, além de o autor receber adiantados os seus direitos autorais, há toda uma jogada de marketing nos lançamentos das obras. Citando a autora: “O escritor tem que fazer seu showzinho particular mesmo. [...] Viagens aos Estados, universidades, escolas, procurar jovens, pois esses ainda estão formando interesse, gosto”.

No Jornal *O Popular*, em outubro de 1977, Edilberto Coutinho, com o texto “Papel do escritor é opor-se às armas da destruição” defende a idéia de que os editores deveriam ter maior discernimento ao selecionar seus escritores e investir, com maior freqüência, no autor brasileiro: “Se você nunca ouviu falar de um autor, como irá comprar seu livro?”, indaga o autor.

Um dos culpados pela situação precária do livro nacional seria o próprio escritor, na visão de Coutinho, que teme passar por vendedor de sua própria produção, acreditando numa duvidosa “nobreza” de um livro que, na verdade, não passaria de um produto qualquer no mercado de consumo. Dessa forma, o autor, no jornal *O Popular*, Goiânia, em outubro de 1977, ressalta uma observação feita por João Antônio sobre essa postura de ostracismo do escritor:

O contista João Antônio observou que algumas boas iniciativas às vezes não são utilizadas pelo escritor em seu proveito, porque ele não quer passar por vendilhão de livros. Isto é, acredita numa suposta nobreza de um produto, que não é mais que um produto – como sabonete ou qualquer outro.

Para Coutinho, o livro deve ser colocado no mercado e chegar até o consumidor, que é o leitor. Há uma preocupação por parte desses escritores em estabelecer um laço mais consistente entre o público e o autor. Assim, o elo de ambos contribuiria para o que Coutinho acredita ser a “função social da Literatura”, fortalecendo as armas necessárias para a grande luta contra as “forças da repressão”<sup>2</sup>, pois este deve ser o papel do escritor brasileiro.

Nota-se a preocupação proveniente de uma época marcada pela aquisição imediata de bens materiais, em que a literatura seria consumida de forma semelhante aos outros produtos anunciados pelos meios de comunicação, como o “sabonete ou qualquer outro”, como afirma Coutinho na citação acima. E, diante desse contexto, torna-se imprescindível a indagação e a reavaliação da função do escritor e a definição do caminho a tomar para que seu trabalho seja valorizado como profissão e, só assim, poder contribuir realmente para o crescimento cultural do País.

---

<sup>2</sup> A repressão teria uma conotação relacionada à própria censura e à alienação da sociedade em geral; assim, o escritor, segundo Coutinho, teria o papel de conscientizar a população diante de tais acontecimentos político-sociais.

#### 4. UM BREVE PANORAMA DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE AS OBRAS DE JOÃO ANTÔNIO.

No Brasil, a crítica literária não se preocupa profundamente com a produção de João Antônio. Quem diz isto é Ruud Ploegmakers em seu artigo *Frescuras do Coração* (a melancolia nos contos do submundo de João Antônio). Segundo o estudioso, a maioria das críticas a respeito das primeiras obras do escritor: *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara* consistia em artigos e resenhas em jornais que apenas anunciavam publicações e lançamentos de livros e, na maioria das vezes, se “limitavam” a comentários superficiais da obra. Segundo Ploegmakers:

A maioria dos críticos limita-se a apenas alguns contos e coletâneas. Não se encontra uma crítica de conjunto da obra de J. A. [...] O conteúdo da crítica consiste, além dos elogios ao autor, numa caracterização global da obra.[...] O resultado é uma falta de argumentos que corroborem as teses expostas, dificultando assim a avaliação da crítica. (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 1985, Nº 971, p.8).

Como afirma o articulista, salvo raríssimas exceções, os críticos não apontam características que vão além do “realismo brutal” e da “picardia” nas obras do escritor paulista. Narrativas como “Fujie”, “Busca”, “Visita”, “Três cunhadas” e “Meninão do Caixote”, por exemplo, não tematizam o submundo do crime, da marginalidade e da violência urbana. Para esse autor, há muitas temáticas que exploram outro universo, mais lírico e metafórico, além dos personagens malandros criados pelo escritor.

Para Ploegmakers (1985), na maioria das vezes, os comentários à obra eram feitos de uma maneira geral, ao livro como um todo. Não havia críticas a respeito de cada narrativa que compunha a obra. Quando destacavam um texto, era o da história que dava nome ao livro, fato que, na opinião do autor, deixava transparecer uma leitura superficial da produção do escritor.

Sobre esta questão, Antonio Roberval Miketen, no *Correio Braziliense* de 7 de dezembro de 1983, alerta seus leitores a respeito da temática adotada por João Antônio:

[...] cada conto de João Antônio é um universo de lirismo e de alma brasileira. Afirmar que ele é simplesmente o autor dos personagens da Boca do Lixo, de sinuqueiros e marginais, seria o mesmo que afirmar que Guimarães Rosa é o autor dos jagunços. São evidências, generalidades excessivas.

Para o crítico, os personagens do escritor florescem do espaço urbano, mas são também retratados pelos sonhos, angústias e anseios dos que vivem como menos favorecidos socialmente. Ou seja, vão além de uma caracterização generalizada do universo retratado na literatura de João Antônio.

Jane Christina Pereira, em um dos capítulos de sua dissertação (2001, p.57), ao analisar a crítica a respeito das quatro primeiras obras de João Antônio, *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* (1963), *Leão-de-chácara* (1975), *Malhação do Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976), faz reflexões importantes acerca dessa questão.

Segundo a autora, os pontos cruciais da produção do autor, tais como linguagem, retrato da realidade, ficção urbana etc. são ressaltados, porém não passam de citações sem comentários a respeito, salvo raras exceções. Afirmar a estudiosa:

Em relação aos textos analisados, estes revelam a abordagem freqüente de alguns aspectos da obra de João Antônio: linguagem, retrato da realidade (...), entretanto, a maioria dos textos, descritos no capítulo anterior, abordam superficialmente todos esses aspectos. (PEREIRA, 2001,p.57).

Ambos os autores citados, Pereira (2001) e Ploegmakers (1985), levantam um aspecto digno de uma reflexão associada ao material aqui analisado. Quando se tem em mente um estudo sobre a recepção crítica de um autor, a *priori*, é preciso levar em consideração a crítica jornalística em relação ao seu período de produção. Outro fator relevante é a posição do escritor frente a outros autores de sua época.

No caso da recepção crítica do escritor João Antônio, tem-se uma produção marcada por um paradoxo comum à época dos artigos estudados sobre o autor: uma crítica militante

ligada aos acontecimentos político-sociais de sua época *versus* Ato institucional nº 5, período de repressão e controle total de qualquer tipo de expressão.

O livro de Flávio Aguiar *A palavra no purgatório*<sup>3</sup>, no qual o autor recolhe textos de sua autoria publicados em jornais como *Folha da Tarde*, *Última Hora*, *Movimento e Correio do Povo*, levanta esse tema tão imprescindível para um estudo sobre a recepção das obras produzidas num período marcado pela repressão intelectual. Ao comentar a produção no jornal o *Movimento*, o crítico discorre:

A vida em *Movimento* era muito conturbada, embora tivesse momentos emocionantes e criativos. O jornal fora submetido à censura prévia desde seu primeiro número. [...] O sistema era moroso, complicado, e tinha por objetivo inviabilizar o jornal. Tínhamos de terminar as matérias, reportagens, artigos, até o meio da semana. [...] Lá pela sexta à noite, às vezes quinta, nosso correspondente em Brasília passava pelo telefone para o secretário da redação, em São Paulo, os cortes e vetos, página por página, linha por linha (AGUIAR, 1997. p. 12).

A citação deixa claro o processo pelo qual os textos redigidos chegavam ao leitor, ou seja, o que havia sobrado para o público. O livro de Aguiar destaca uma das dificuldades enfrentadas pelos críticos de jornais dessa época, pois, em se tratando de crítica jornalística, outros fatores devem ser levados em consideração, tais como espaço físico reservado para o texto ou até mesmo o tempo de que o crítico dispõe para ler e interpretar uma obra e depois produzir sua crítica.

Outro fator relevante a ser considerado, ao analisar o material da recepção da obra de João Antônio, é a sua posição frente à literatura produzida naquela época. Apesar de uma suposta superficialidade de análise crítica de suas obras, o escritor estava sempre em evidência quando se anunciavam os exemplares mais solicitados pelo público leitor. Tal fato não ocorria, na mesma intensidade, com outros escritores daquela época, como José Louzeiro,

---

<sup>3</sup> O título deste livro é o de uma crítica que Aguiar fez sobre o primeiro lançamento de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963.

Ignácio de Loyola ou Wander Piroli, só para citar alguns, apesar destes também produzirem obras de grande valor para a construção do quadro literário nacional.

É certo que a crítica sobre João Antônio consiste, em grande parte, apenas em anúncios que não passam de síntese da obra, com um tímido ensaio que não vai além do óbvio na produção do autor, com abordagens que insistem em ressaltar a linguagem, o retrato da realidade presente na obra, a consciência de classe e o submundo e, inutilmente, tentar enquadrar a obra em algum “ismo” literário. Por outro lado, é também relevante ressaltar que, diante das condições que envolvem a crítica jornalística e de um escritor contemporâneo, recém-lançado na literatura, os dados apresentados sobre o lançamento de seus livros são direcionados a um público leitor específico: o do jornal.

Dessa forma, a crítica de jornal, apesar de não desenvolver seus apontamentos com muito poder de reflexão, tenta revelar e alertar ao leitor as diversas facetas de João Antônio no que se refere a uma análise mais aprofundada das suas obras, sobretudo no que concerne à questão do gênero de seus textos.

A trilha está traçada, assim como alguns questionamentos quanto à dificuldade em classificar o escritor contemporâneo, que ora segue uma linha mais sociológica, como a denúncia social, trazendo à tona tipos considerados marginais e subversivos, ora segue uma linha grotesca, tendendo mais para o caricatural – como as histórias envolvendo o personagem Jacarandá – ,ora uma linha emotiva, recorrendo ao autobiografismo. Ou, ainda, as três linhas mesclam-se, simultaneamente, em suas narrativas, como ocorre nas obras analisadas neste estudo.

#### **4.1 – *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto: o romancista visto sob a ótica de João Antônio.***

*“Nunca, na minha vida, tentei coisa mais desinteressada do que escrever as minhas confusas emoções e pobres julgamentos; e nunca esperei desse meu ato senão aquilo que, entre nós, a literatura pode dar digna, limpamente.”*

(Lima Barreto)

O ano de 1977 é marcado pelo maior número de textos sobre João Antônio, que abrange um total de 175 títulos. Além de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, ao qual pertencem os textos a serem analisados neste tópico, há ainda matérias sobre *Lambões de Caçarola*, em fase de pré-lançamento, *Revista Extra Realidade* e vários outros assuntos. Dessa forma, selecionamos alguns textos para uma leitura da recepção crítica da obra *Calvário e porres*, cuja temática é o romancista Lima Barreto.

Quanto ao método utilizado para a seleção do material, levamos em consideração dois fatores básicos – o primeiro diz respeito ao grande número de textos, tornando impossível a utilização de todos, já que este tópico almeja apenas um breve panorama da opinião de alguns críticos sobre a obra em questão. Em segundo lugar, grande parte das resenhas compõe-se de textos produzidos para jornais, sendo bastante comuns as notas breves ou os assuntos diversificados sobre a carreira do autor.

Diante de tal material, escolhemos os textos mais consistentes e que procuram abordar aspectos variáveis na produção do escritor. Entre eles estão os artigos: “Literatura de caráter (de Lima Barreto a João Antônio)”, de Mário Athayde Silva, “Escreveu um homem chamado Lima Barreto: Nasci sem dinheiro, Mulato e Livre”, de Samuel Rawet; as resenhas “Lima Barreto- Um porre de calvários”, de Jácomo Mandatto , “Calvário e Porres do Pingente Lima Barreto”; o novo livro de João Antônio”, de Eduardo Francisco Alves, “O Riso dos Pingentes”, de Pedro Lyra e uma reportagem intitulada “Vida e morte do Quixote Afonso Henriques de Lima Barreto”, de Marcelo Beraba.

Há, naturalmente, neste período, um claro destaque do escritor Lima Barreto, devido ao lançamento de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Concomitantemente à ênfase na memória do autor de *Numa e a Ninfa*, ressaltado na obra de João Antônio, a crítica se volta para o aspecto biográfico e para o valor sócio-cultural brasileiro contidos na narrativa.

O trabalho do escritor paulista ao colocar Lima Barreto em evidência no meio literário brasileiro chama a atenção não só do público leitor de João Antônio, mas também dos “limanos”, que terão um novo trabalho sobre o “escritor maldito”, como afirma Jácomo Mandatto. Segundo este autor (1977), em razão de trabalhos como esses, *O triste fim de Policarpo Quaresma* acabaria sendo traduzido para o inglês pela editora Rex Collins, em Londres. Afirma também ser essa a primeira obra de Lima Barreto a ser publicada na Europa. Tal acontecimento, para Mandatto, deve-se aos trabalhos realizados por diversos estudiosos que contribuíram para a memória de Lima Barreto. O articulista cita a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* como uma grande “máquina publicitária”, que colocou o nome do romancista em evidência. É o que afirma Mandatto, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 05 jan. 1977:

João Antônio trabalhou como louco junto ao infindável número de amigos que tem pelo Brasil, mandando “releases” para Deus e todo mundo. O resultado foi benéfico para ele, pelo faturamento, e para Lima Barreto pelo reavivamento do seu nome, raramente lembrado.

De acordo com o autor, o trabalho de João Antônio nessa obra teria duplo valor para a literatura brasileira: um trabalho de reconhecimento de Lima Barreto e outro que se voltaria para si, pois venderia não só para seu público leitor, mas também para o de Lima Barreto.

Ao evidenciar o fenômeno barretiano na narrativa do escritor, a crítica em geral discute dados biográficos contidos em sua obra, desde os “porres” do escritor Lima Barreto até mesmo o depoimento do professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que, por diversas vezes, desperta a curiosidade de ser ou não personagem ficcional na obra do escritor paulista.

Num depoimento sobre o processo de criação da obra, o próprio João Antônio admite que em um de seus delírios chegara a duvidar da existência do professor:

Confesso que uma vez, a uma certa altura eu cheguei a duvidar das coisas. Era tão real e tão absurdo, que eu cheguei a pensar se havia inventado o tal professor, ou ele é quem estava inventando, ou eu e ele é que éramos realmente doidos. (FERREIRA FILHO, *Livraria Cultura Imprensa*, 1977).

Ao analisar a estrutura da narrativa no depoimento do professor Nóbrega, o escritor observou que a linguagem utilizada por ele ia constituindo um retrato de época muito rico e forte, pois se tratava de vocábulos que recompunham todo o clima intelectual e cultural de 1916.

Partindo dessa premissa, João Antônio, num determinado momento de sua criação, segundo seu próprio testemunho, chegou à conclusão de que o professor era também ele um personagem de Lima Barreto dentro do *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, daí o fato dessa “personagem” ter incorporado a estilística e a linguagem barretianas.

Vale ressaltar que as críticas nem sempre são elogiosas, havendo também desconsiderações, como é o caso de Samuel Rawet em seu artigo intitulado “Escreveu um homem chamado Lima Barreto: ‘nasci sem dinheiro, mulato e livre’”, *Correio Braziliense*, no dia 4 set. de 1977. Nesse texto, o estudioso diz ter-se decepcionado com a obra de João Antônio, pois o texto passaria uma imagem de derrota do grande Lima Barreto:

Me decepciono com o livro de João Antônio: **Calvário e Porres do Pingente Afonso de Lima Barreto**. A imagem que nos dá do grande escritor [Lima Barreto] é a da derrota, imagem medíocre de péssimo leitor ou péssimo companheiro. Conheci o subúrbio de Lima Barreto em clima diferente (RAWET, 1977, grifo do autor).

Para o crítico, João Antônio teria confiado em demasia no professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que cedeu as informações sobre Lima Barreto no sanatório da Tijuca.

Segundo Rawet, o professor, que sofria de arteriosclerose, não teria condições psicológicas necessárias para esse tipo de depoimento.

Apesar da diferença de uma geração entre o romancista e o articulista, este afirma ter conhecido o subúrbio de Lima Barreto em clima bem diferente: “enquanto Lima chegava a Inhaúma por Todos os Santos, eu chegava, vindo dos subúrbios da Leopoldina, pela Rua Diomedes” (*Correio Brasiliense*, 4 set. 1977).

Samuel Rawet focaliza o romancista sob outra perspectiva. Concorde com o livro de João Antônio sob determinados aspectos, tais como a vida desregrada na boêmia, sua singularidade entre tantos escritores de sua época, mas não reconhece o Lima Barreto derrotado como o descrito na narrativa de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

Desta forma, os comentários até agora apresentados sobre o livro partem de aspectos biográficos sobre o escritor de *Policarpo Quaresma*. É bastante comum a presença de depoimentos de João Antônio sobre o processo de criação da obra e seu objetivo de resgatar a memória barretiana que também marcaria, por meio do uso da linguagem do professor, o retrato do Rio de Janeiro no ano 1916.

Pedro Lyra (2 jul. 1977), em seu texto intitulado “O Riso dos Pingentes”, comenta três biografias lançadas simultaneamente: a de Cornélio Pires, feita por Macedo Dantas, a do ficcionista Xavier Marques, por David Salles e a de Lima Barreto, escrita por João Antônio. Ao comentar a finalidade expressiva de cada uma dessas biografias, o crítico afirma que o trabalho deste último ultrapassaria o objetivo de fornecer dados sobre Lima Barreto e traria, para o leitor de sua época, todo o retrato sócio-cultural vivido pelo romancista brasileiro.

Diante dessas considerações, o crítico afirma que o trabalho de João Antônio seria bem mais “expressivo”, em se tratando de um trabalho de caráter biográfico, pois estaria

mostrando o quanto Lima Barreto sofreu por retratar a realidade de seu tempo, não compartilhando das idéias e ideais burgueses já tão arraigados na época de sua produção:

O objetivo do Autor pode até ter sido o de revelar o caráter autobiográfico da obra de LB. Mas o resultado é bem mais expressivo: mostra como Lima foi um escritor radicalmente comprometido com o real – um escritor que sacrificado por esse real e, a partir disto, empenhado em transformá-lo (LYRA, 1977, p.3).

Para o crítico, se Lima Barreto foi por um longo tempo marginalizado pela crítica de sua época, João Antônio estaria trazendo-o de volta, para que finalmente pudesse ocupar seu lugar oficial e definitivo: o de precursor de uma “prática estética” ainda inédita na literatura brasileira.

Esta “prática”, na opinião de Lyra, estaria no plano da representação da realidade nas narrativas de Lima Barreto, designada como “realismo crítico”, expressão aliás utilizada por João Antônio numa entrevista cedida a Marcelo Beraba no *Jornal O Globo*, em 19 de jun. 1977. O escritor, ao admitir a influência do romancista em sua produção literária, faz a seguinte afirmação sobre o estilo da obra barretiana: “Acho que quando a literatura brasileira de hoje chegar a um estágio avançado de ‘realismo crítico’ ela terá chegado exatamente ao ponto em que Lima Barreto já estava em 1916” (FERREIRA FILHO, 1977, p.5).

Ainda evidenciando a influência literária de Lima Barreto na obra de João Antônio, o estudante Mário Athayde da Silva, em seu artigo “Literatura de caráter (de Lima Barreto a João Antônio)”, no dia 19 de junho de 1977, apresenta considerações relevantes ao fazer uma leitura comparativa entre o romancista e o escritor contemporâneo.

Para esse estudioso, ambos os escritores se comprometeriam com o real em suas temáticas. A linguagem popular e a total liberdade de impor-se aos “ismos” e aos dogmas ditados pela elite cultural brasileira, são os fatores que aproximam ambas as produções literárias. Nas palavras do autor:

[...] o tema é função da sinceridade, da posição que compromete a arte com a vida de maneira indissociável e inesgotável. Já aí L.B e J.A nutrem identidade –

essencial identidade – inclusive pela consideração, comum a ambos, de que artista é sempre um homem, num lugar e num tempo. Aí, a função da arte chega a ser a de mediatizar criticamente o dia-a-dia invisível das propinas sorrateiras, com o outro dia-a-dia, visível, do trabalho, do batente, da luta pela sobrevivência (SILVA, 1977, p.5).

Dessa forma, de acordo com Silva, a arte para ambos os escritores exerceria uma função mediadora entre o cotidiano dos seres marginalizados, que lutam pela sobrevivência, e os favorecidos na sociedade com suas vidas “graciosas” e abundantes.

A abordagem de Mário Athayde Silva (1977) é calcada no aspecto social presente em *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor, ao fazer uma aproximação entre os dois escritores, busca ressaltar a luta de ambos contra a depredação da “alma” nacional, deixando para segundo plano o academicismo e dogmas que constituem as escolas literárias.

A propósito da mesma questão, Samuel Rawet focaliza aspectos biográficos na obra joãoantoniana. O crítico levanta informações sobre a presença do professor Carlos Alberto da Nóbrega na narrativa e discute o valor de seu depoimento ao escritor paulista, que estaria, juntamente com o autor do depoimento, internado num sanatório.

Jácomo Mandatto e Pedro Lyra observam o trabalho social em João Antônio, que evidencia a importância de Lima Barreto para a literatura brasileira. Mário Athayde Silva observa a temática e a linguagem de ambos os escritores e comprova a influência do romancista no trabalho de João Antônio.

Diante de tais considerações, nota-se a ausência de uma discussão consistente em relação ao gênero da obra, embora este fato não signifique indiferença da crítica, pois muitos chegam a tocar no assunto, mas sem desenvolvê-lo. Quanto às discussões a respeito do caráter biográfico no livro em questão, estas ficam no território do desejo de separar o fato - vida de Lima Barreto, da ficção - o romancista na obra de João Antônio, sem nunca mencionar sobre a indissociabilidade de ambos como projeto da obra.

Não obstante essas questões abordadas pela crítica, a obra de João Antônio parece-nos ultrapassar os elogios e opiniões desfavoráveis, pois, de acordo com Pedro Lyra, o escritor faz muito mais do que evidenciar o autor de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, ao utilizar-se de sua produção literária para destacar um dos grandes escritores brasileiros.

Concluindo este tópico sobre a recepção de *Calvário e Porres do Pingente Afonso de Lima Barreto*, transcrevemos as palavras do crítico Eduardo Francisco Alves, que, no *Suplemento Cultural do Jornal de Minas*, em Belo Horizonte, afirma a grande repercussão do livro no âmbito da crítica literária:

[...] dois olhares sobre uma só vida, um COMLOT de sensibilidades a psicografar este arqui-poético itinerário das andanças, pensares e fazeres de um escritor que – para um reconhecimento justo da sua grandeza de brasileiro e de artista – nos obriga a crescer muito como gente para poder entendê-lo. (ALVES, 1977, destaque do autor).

#### **4.2- LAMBÕES DE CAÇAROLA (A VIDA POLÍTICA POPULAR DO BRASIL DA DÉCADA DE 50)**

“ [...] o sorriso do velhinho estava acima dessa historiada. Agüentáramos black-out, desemprego, gasogênio, racionamento e a molecadinha fuçava o chão com a língua para lambar o açúcar caído...”

(Lambões de Caçarola)

O período que traz a publicação de *Lambões de Caçarola*, que se dá em outubro de 1977, é marcado pela “sucessão temática da obra memorialística”, retratando personagens relevantes para o cenário brasileiro de uma determinada época. Essa afirmação é de Roberto Gomes que, ao entrevistar João Antônio, numa matéria intitulada “Ainda há o que escrever”, no *Jornal do Estado do Paraná*, em 16 de dezembro de 1977, faz colocações relevantes a esse respeito.

Teremos como ponto de partida, nas análises posteriores, essa observação do autor sobre o memorialismo presente no livro em questão. Quanto aos demais textos, além dos citados acima, temos as considerações de Jorge Escosteguy em “Lambões”, publicadas no jornal *Versus*, e um texto intitulado “Lambões de Caçarola’, o novo livro para os jovens”, sem autor, publicado no jornal *O Fluminense*, todos pertencentes ao ano de 1977.

Quanto a uma possível classificação, nas diversas abordagens sobre o livro, encontramos algumas afirmações sobre a tipologia do texto, embora a crítica não tomasse este aspecto como prioridade. Houve uma preocupação maior em destacar o trabalho memorialístico contido na temática e na linguagem, aspectos, aliás, observados pela maioria dos estudiosos da obra de João Antônio.

Autores, como Dirceu Lurdoso (1977), afirmam: “*Lambões* é uma crônica política numa situação ficcional”, ou, como no jornal *O Fluminense*, (1977), em que se afirma que o livro “é uma novela que poderia ser definida como ficção-realidade”. Ambos os textos procuram indagar ou classificar a obra de João Antônio, mas esses aspectos não são pontos essenciais, são citados apenas como uma forma de tentar informar ao leitor, de maneira generalizada, sobre o estilo do livro.

Esse uma entrevista a Roberto Gomes (*O Estado do Paraná*, 16 dez. 1977, p.24), João Antônio afirma que, ao resgatar o fenômeno Getúlio Vargas, estaria colocando em voga o nacionalismo e o tema da descolonização, tão comprometidos pela ditadura governamental. Sua militância, segundo o próprio autor, se encontraria em seu estado mais agudo, permitindo outros desdobramentos de leitura, o que não aconteceria com sua primeira obra, o clássico *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que tanto impacto provocou na crítica.

Referindo-se à ausência do memorialismo no Brasil, o autor de *Lambões de Caçarola* discorre: “A nossa falta de memória é o resultado de todas as ondas de invasão estrangeira,

hoje principalmente sensíveis na área de consumo, da comunicação e da educação” (FERREIRA FILHO, 1977, p. 24 ).

Esse tipo de literatura seria uma forma de resistência à cultura imposta por meios comunicativos diversos, desde a Coca-Cola até o Kojak na televisão. Para o escritor, obras como *Lambões de Caçarola* e *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* teriam uma função descolonizadora, ao trazerem para a literatura o que foi feito em busca do nacionalismo brasileiro, numa determinada época.

No jornal *O Fluminense*, em outubro de 1977, sob o título “Lambões de Caçarola’, o novo livro para os jovens”, sem autor, é dado destaque à nova clientela joãoantoniana: os adolescentes. Principalmente pelo fato de que a nova geração, desta vez, conheceria Getúlio pela ótica do “chamado povão” e não pelos depoimentos de intelectuais e (ou) da classe média. De acordo com o texto:

Os depoimentos oficiais ou de intelectuais são maravilhosos mas não dizem nada. *Lambões de Caçarola* é Getúlio visto pela ótica do chamado povão. Não é a ótica dos intelectuais, nem dos empresários, nem da classe média (*O Fluminense*, out. 1977).

A linguagem também é um dos principais fatores que auxiliam no resgate da época getuliana. O título, segundo João Antônio, teria demorado um mês para ser encontrado, pois viria de uma expressão muito comum na época e designaria os que não possuíam nenhum poder e viviam das “raspas” do fundo da panela.

Sendo assim, Jorge Escosteguy (1977) destaca a linguagem utilizada em *Lambões de Caçarola*, um dos veículos mais ricos para a representação do cenário nacional de sua geração, nas palavras do autor: “Antes de tudo, porém, o livro de João Antônio é uma obra literária bem realizada ao nível da linguagem. Talvez nenhum escritor brasileiro da nova geração tenha conseguido, como ele, elaborar uma legítima” (*Versus*, nov. 1977).

O trabalho com a linguagem seria um reflexo da grande memória coletiva do povo que se lembraria de todos os acontecimentos ocorridos em uma outra época e que seriam buscados, analisados e registrados. Escosteguy acreditaria que dessa memória se poderiam extrair algumas lições, embora fossem modestas as intenções de João Antônio.

Quanto às possíveis classificações do gênero, temos considerações relevantes, embora sintéticas. No dia 13 de outubro de 1977, no *Jornal de Brasília*, Ary Quintela, ao comentar o recente lançamento de João Antônio, indaga desta forma aos que tentam classificar, inutilmente, o trabalho do escritor: “Críticos, intelectuais, gênios do meu país. Como ides classificar esse arroubo do João Antônio?”.

Em mais um lançamento do escritor, a polêmica do “inclassificável” vem à tona nas análises da crítica. Dirceu Lurdoso, em seu artigo “João Antônio, o malungo”, (11 set. 1977), assim define *Lambões de Caçarola*: “[...] o livro incorporou a reportagem, o ensaio e a ficção. Estava retomado o roteiro da ficção em outro nível, numa situação de amadurecimento político, um livro sobre a época populista”.

Porém, Lurdoso ressalta que o livro de João Antônio alcançaria o mérito não pelo método adotado, ou pela classificação do gênero nele contido, mas pela obra em si. Dessa forma, tem-se a recuperação da memória de um povo e uma nova ótica do fenômeno Getúlio Vargas, ou seja, a visão das pessoas menos favorecidas. Nas palavras do crítico:

O mito getulista não se formou somente de cima para baixo, do Catete para as ruas, os becos, as fábricas, mas ao mesmo tempo de baixo para cima, dos becos, das ruas, das fábricas para o Catete. O seu livro mostra essa segunda vertente.(LURDOSO, 11 set. 1977).

Para Lurdoso, o fenômeno de Getúlio Vargas seria visto sob a ótica dos moradores do Beco da Onça, como os operários, malandros, putas, empregadas, lavadeiras, enfim, o mundo desses seres marginalizados. O mito Getulista trabalhado nesta obra transformaria todos esses infelizes numa única categoria social. A frase “Trabalhadores do Brasil!” eliminaria todas as diferenças sociais e as contradições, impositivamente.

Dessa forma, o discurso criaria a ilusão de que todo esse mundo estaria numa única categoria especial, “do Brasil”. Para Lurdoso, essa unidade seria dada ditatorialmente, do alto para baixo, do “poder para o não poder”. Enfim, esse “apelo” político, segundo o autor, seria feito com indiferença pela situação real de marginalidade de cada um.

O mito getulista, manifestar-se-ia através da voz de um suposto protetor invisível, distante da realidade de cada ser marginalizado. Para eliminar essa “ausência” do pai protetor, o povo apelaria para a imagem de Getúlio, nas palavras de Lurdoso (1977): “Daí a razão dos retratos de Getúlio em cada lar, em cada botequim, nos prostíbulos, nos muros, nas oficinas, nas fábricas. O pai ausente deve ser visto. E a imagem está ali na parede, na sala, junto ao oratório”. Para este estudioso, João Antônio teria apreendido muito bem o processo de mitificação de Getúlio Vargas nas camadas populares, daí o livro tratar do populismo desta época sem ser populista, pois revelaria uma outra vertente do fenômeno Vargas para a história brasileira. Ao desvelar esse mito pela ótica marginal, João Antônio desmitificaria o mito criado pela burguesia, que seria a maior manipuladora dos fenômenos de mitificação na sociedade em geral.

Pelos aspectos levantados, podemos afirmar que a análise de Lurdoso (1977) é um estudo partindo da semiologia e da literatura e sociedade, já que está fundamentado nas considerações do discurso criado pelo fenômeno getulista. Os principais pontos destacados pela crítica na obra *Lambões de Caçarola* são a temática getuliana e sua relação com o contexto sócio-cultural de uma época, a linguagem como resgate desse contexto, a indefinição quanto ao gênero e ao método adotados por João Antônio. Entretanto, este último seria ultrapassado pela obra em si, como afirma, ainda, Dirceu Lurdoso (1977):

Um método só é válido quando privilegia a criação. Não quando fica parado diante dela a perguntar-se para que existe [...] João, seus livros nem sempre agradam aos cultores de um certo estruturalismo universitário e esnobe. Para esses professores o método é que é absoluto e a obra de arte relativa. Uma inversão. Para mim contam as obras.

Há, por parte da crítica, um certo incômodo em classificar a obra de João Antônio. Mas, por outro lado, a própria crítica se perde em seus métodos para avaliar uma obra do escritor. Contudo, esse fato não nos parece negativo, pois cada um parte de sua vivência e das sensações ao ler um livro como *Lambões de Caçarola*, já que o mito está em todos, seja pelas leituras, seja pela experiência de cada um.

Embora tenham sido destacados pontos específicos dessa obra, cada um deles colaborou para que o leitor pudesse ter uma visão mais global do fenômeno Vargas. Seja pela linguagem, retratando a realidade da época, seja pelo caráter didático, que tem como alvo o público jovem, o leitor se depara com o mito visto por outro ângulo, assim como a grande carga mítico-ideológica que fez com que o povo criasse sua própria memória do “grande pai” Getúlio Vargas.

### **4.3 – Ô COPACABANA! : A DESMITIFICAÇÃO DA “PRINCESINHA DO MAR”**

*“Copacabana, princesinha do mar  
Pelas manhãs tu és a vida a cantar  
E à tardinha, ao sol poente,  
Deixas sempre uma saudade na gente”*

(Alberto Ribeiro e João de Barro)

Violência, muita pressa e mau humor. Essa é a Copacabana vista por João Antônio. Como afirma Paulo Cezar Guimarães, em *O Globo*, no dia 21 fevereiro de 1979, a beleza desse bairro observado pelo escritor só estaria mesmo em cartões-postais. De acordo com esse autor, João Antônio vira Copacabana “pelo avesso”, o que resulta na desmitificação da “princesinha do mar”, característica central que a crítica procura focalizar no livro.

João Antônio, ao mudar-se para o Rio de Janeiro, viu-se fascinado pela cidadania e, assim como fez com São Paulo, nada passou despercebido ao seu olhar de repórter e escritor “rodando 360 graus”, como afirma Mário Lago (18 nov. 1978), ao escrever sobre a obra de

João Antônio. E, ao virar Copacabana pelo avesso, o escritor desmitifica, sem pudor, a fama de “Princesinha do mar”.

Diante dos vários títulos que abordam o livro de João Antônio, selecionamos “Ô Copacabana!”, inserido no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, de Mário Lago (1978); com o mesmo título, um texto de Carlos Cunha, também no *Suplemento Literário de Minas Gerais*; “Um livro sobre gente num bairro de cão”, de Adinoel Motta Maia, no *Jornal da Bahia*; “Ô Copacabana – eu te bato porque te amo”, de Jácomo Mandatto no *Suplemento Literário de Minas Gerais*; “Falsa Copacabana”, de Mário Sérgio Conti, no *Diário de São Paulo* e Copacabana, de Campomizzi Filho, todos pertencentes ao ano de 1979.

Nesta obra, a crítica, além de ressaltar o processo de desmitificação do bairro, volta-se para o trabalho com a linguagem, como é o caso do emprego da gíria do morro carioca, o que contribui para uma certa sonoridade no texto, observação feita por Mário Sergio Conti, em seu texto “Falsa Copacabana”, no *Diário de São Paulo* no dia 25 de março de 1979. Outro aspecto ressaltado por esse autor seria o uso dos adjetivos “acumulativos” no livro em questão, recurso que é analisado sob uma perspectiva da semântica e da literatura comparada, já que Conti aborda esse mesmo processo de criação nos discursos de Ruy Barbosa e Coelho Neto.

Quanto ao aspecto biográfico, João Antônio, ao escrever sobre o bairro, envolveu-se profundamente com a obra, pois ali morava há dez anos. Reflexo desse envolvimento está também nas fotografias que acompanham o texto, intercalando-se na narrativa, mostrando a crueza também pela imagem, a fim de reforçar o que o autor diz pela palavra. Adinoel Motta Maia, em sua resenha “Um livro sobre gente num bairro de cão”, no *Jornal da Bahia* (3 fev. 79) e Mário Sergio Conti também trouxeram considerações a esse respeito.

Campozi Filho se prende mais à análise a partir da história da literatura, afirmando ser João Antônio o seguidor de uma linhagem começada por Manoel Antônio de Almeida,

Machado de Assis e Marques Rebelo, que retrataram as transformações da tão mitificada “Princesinha do mar”.

Para Jácomo Mandatto, o trabalho de desmitificação em *Ô Copacabana!* ocorre por meio da personificação do bairro, que se dá através da adjetivação de uma mulher “da vida”, daí o trabalho com a linguagem ser imprescindível para a temática em João Antônio. Este, segundo Mandatto (03 mar. 1979), “recusa-se a aceitar Copacabana como a cantaram Alberto Ribeiro e João de Barro num samba canção muito em voga lá pelos anos quarenta”, ou seja, procura mostrar o lado negro que seus olhos de repórter não deixaram de ver:

O arguto repórter não se deixou engambelar pelo canto maioso da sereia Copacabana e desmitificou-a, desnudou-a, colocou-a dissecada diante dos nossos olhos. A sensual Copacabana, prostituída, enxovalhada, usada e abusada pela ratatuia. (MANDATTO, 1979, Nº 648)

A personificação do bairro seria utilizada para retratar o avesso de Copacabana, um cenário tão exaltado nas letras de músicas e na literatura. Assim, João Antônio mostraria, segundo o autor, o que tantos outros artistas e intelectuais tentariam esconder. Aliás, esconderiam exatamente o que a sociedade não quer ver.

No parecer de Mário Lago, o olho do repórter se fundiria com a visão do artista. Dessa forma, o processo de desmitificação do bairro carioca estaria calcado não só na oscilação do escritor/repórter, mas também no uso de adjetivos que denunciariam e criticariam um bairro que corresponderia a uma síntese do Brasil.

Enquanto repórter, na visão de Mário Lago, o autor nada deixaria passar despercebido pelos seus olhos rodando “360 graus”; daí o levantamento de várias temáticas ainda inéditas na literatura, inéditas por trabalharem assuntos sob outra ótica, ou seja, a dos seres marginalizados. Embora Mário Lago parta de uma análise sociológica a respeito da obra de João Antônio, afirma que não há pretensão de um estudo socioeconômico no texto do escritor. Este, para Lago, contaria apenas sua vivência:

Quantos romances estão contidos nessas poucas páginas. O salva-vidas; o zona-norte que vem botar banca com mulheres e acaba se contentando com homossexuais da Galeria Alaska [...] nada disso passou despercebido aos olhos de João Antônio (LAGO, 1978 *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Nº634, 1978).

Além da observação do repórter, o texto também estaria composto pelas impressões do artista; daí um certo lirismo que denunciaria o amor do narrador pelo seu bairro. Um lirismo representado pela lamentação do eu-lírico, que não poderia mais escrever e descrever o “amor de flor-poema”, no dizer de Lago, que um dia foi Copacabana. Pois toda essa beleza se perderia num passado remoto; daí o tom lírico presente na obra.

Para Mário Lago, o lirismo de João Antônio se chocaria com uma linguagem contundente, traduzida pelo crítico como o “amor de flor-poema ou esfaqueamento”, a qual colocaria em evidência um grande enigma que percorre a obra de João Antônio: até onde vai o repórter e começa o escritor? Talvez Carlos Cunha possa responder em seu texto “Ô Copacabana!”, ao discorrer sobre o gênero da obra: “Crônica, romance, reportagem, novela? Tudo isso e nada disto ao mesmo tempo”. (*Suplemento Literário Minas Gerais*, 24 mar. 79).

Segundo Carlos Cunha, a relação escritor-repórter se dá no processo de criação da obra. O repórter João Antônio “escavaria” as informações que só o jornalista ou repórter poderia coletar no fundo das “podridões sociais” e, após todo esse contato com o universo marginalizado, o escritor filtraria esses dados dando um enfoque incrivelmente humano, digno de um escritor que estaria em seu período pleno de maturidade intelectual. Nas palavras do autor:

Onde haja no Rio de Janeiro um reduto de marginalidade, não sabemos como, somente seu talento de jornalista explica [...] Ele vive as noites, dias e madrugadas da malandragem carioca. Sente, avalia, coleta dados, vivencia apaixonadamente a sua pauta literária. Depois sua pena dá um enfoque humano terrivelmente belo (CUNHA, 1979, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 24 mar. 1979, p.4).

Um dos motivos pelos quais se daria esse processo seria o uso dos vocábulos que se distanciam da linguagem convencional. Esta, na opinião de Cunha, uniria a dicotomia prática/teoria para fisgar o leitor que quisesse conhecer Copacabana via João Antônio.

Outro aspecto muito discutido pela crítica é a questão das fotografias inseridas na obra. Na resenha de Adinoel Motta Maia, no *Jornal da Bahia*, em fevereiro de 1979, o autor faz uma comparação interartes, ao aproximar a descrição do bairro com um quadro impressionista, tamanha a minúcia e a capacidade de captar detalhes dos moradores do bairro, observação, aliás, feita também por Mário Sérgio Conti.

O texto de Conti (1979), intitulado “Falsa Copacabana - tudo em classe” prova que nem sempre de elogios, está composta a crítica de João Antônio. Nessa resenha, há um discurso construído por adjetivações nada favoráveis ao livro, assim como um constante uso de ironias, que aparecem logo no primeiro parágrafo do texto:

Este apanhado de tipos e situações do bairro carioca talvez não seja sequer representativo do que foi escrito por ele até o momento. Mas, na sua cândida pretensão a retrato sem retoques e sem truques de Copacabana, este livrinho é mais um momento de um certo tipo de literatura que vem sendo publicada (e lida, pelo jeito) em nosso país (CONTI, 1979, *Diário de São Paulo*, 25 mar. 1979).

Esse autor faz um estudo semântico da obra em questão, focalizando os aspectos formais utilizados. A partir desses elementos, o crítico tenta provar uma certa incoerência em duas propostas literárias de João Antônio: uma seria o retrato da realidade, ou seja, a preocupação em retratar as coisas tais como elas são, a outra estaria relacionada ao seu público por excelência, que, na visão de Conti, seria o povo.

O autor acredita serem propostas inviáveis, já que a linguagem “empregada para o povo”, na opinião do autor, seria um meio para que João Antônio expressasse suas próprias ideologias e frustrações. Partindo de tal premissa, o autor constata que os recursos estilísticos utilizados pelo narrador refletiriam apenas sua própria visão de mundo, ou seja, uma

“realidade” vista por alguém da classe média, a qual seria também o público consumidor. Daí o subtítulo “Tudo em classe”.

Um de seus argumentos está calcado na triplicação dos adjetivos utilizados por João Antônio que, na narrativa, formariam seqüências apenas com o som, deixando a desejar quanto ao signo; “por aí vai, numa triplicação que não esclarece o significado das frases, mas apenas elastece plasticamente o texto” (CONTI, 1979).

Dessa forma, para o autor, a “plasticidade abusiva” contida na obra simularia uma atitude falsa em retratar Copacabana visto pelo povo. Todo esse empenho com a linguagem estaria escondendo a necessidade de expressão do próprio autor sob as “vestes” da glória. O povo é que estaria fornecendo o poder do discurso para João Antônio atacar seu alvo principal, a classe média.

As fotografias inseridas no livro também são utilizadas para tal argumento de Conti. Para ele, tal recurso contribuiria para reforçar o que se faz com a linguagem. Para o autor (1979): “E assim vai o texto espelhando a foto, que espelha a ‘realidade’, que espelha a cabecinha de João Antônio, que espelha o ponto de vista das classes populares, de quem é cúmplice o leitor”.

Enfim, ao provar uma suposta incoerência na proposta literária de João Antônio, o autor acaba por levantar uma questão relevante para os estudiosos da obra do escritor paulista: o autor de *Ô Copacabana!* estaria revelando os horrores do bairro somente para compartilhar com seu leitor, nas palavras de Conti, do “seu ódio pela classe média” ? Jácomo Mandatto, ao comentar a contundência do escritor em desmitificar a “Princesinha do mar” revela uma outra face da moeda:

[...] João Antônio ama Copacabana, apesar de tudo. E esse seu livro, que é uma bordoadá, uma tunda, uma sova, no fundo mesmo é uma tremenda declaração de amor, confessada pelo contista:... eu te bato porque te amo!(MANDATTO, 1979, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, nº 648, 03 mar. 1979).

#### 4.4 – DEDO-DURO: OS NOVOS MALANDROS DE JOÃO ANTÔNIO

“[...] *Dedo-Duro*. Ofensa maior que essa palavra na malandragem não há, pois, seu dono não é carne nem peixe. E não conheço um que não seja magro, espantado”

(Zé Peteleco, personagem de *Dedo-Duro*, p. 146).

É comum, nos textos que discorrem sobre João Antônio, encontrarmos certa dificuldade por parte dos estudiosos em classificar essa nova maneira de narrar do escritor. No caso do livro *Dedo-Duro*, publicado em 1982, quatro anos depois de *Ô Copacabana!*, a crítica ressalta o uso da linguagem e da temática como elementos essenciais para a construção da literatura do escritor.

Temas até então inexplorados pelo autor estão presentes neste livro, como a vida de um artista e a trajetória de sua carreira, ou a fábula de gente grande em que ocorre a estréia do personagem Jacarandá, constante na obra de João Antônio, aparecendo aqui em dois contos de maneira diversa. Há também o malandro que divaga sobre o mundo capitalista, sonhando ser rico, a quem o narrador chama de poeta. Bahia, São Paulo, Paraná; cada lugar evoca uma linguagem própria, um ritmo próprio, assim como a ambientação e os personagens.

Selecionamos cinco textos distintos: “O João do Povão lesado” (*Isto é*, 14 jul. 1982, p.10) de Mário da Silva Brito; Benedito Nunes (Jornal *O Estado*, 02 set. 1982), com o título “Dedo-Duro”; “De árvores cortadas” (*Leia*, 1982,) de Flávio Aguiar; “João Antônio, retratos da realidade” (*O Estado de São Paulo*, 22 set. 1982), de Gilson Rebello; e “Colcha de retalhos ou êngodo bem temperado” [*sic*], de Marcílio Farias (*Leia*, 15 ago a 14 set. 1982).

Cabe ressaltar que os textos que abordam esta obra de João Antônio são vários, não lhes faltando qualidade. Mas assim como ocorre com os textos da recepção crítica de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão de Chácara*, há autores que apenas anotam os traços característicos da obra de João Antônio, seguidos de resumos dos contos e elogios ao autor.

Contudo, em meio a estes, existem textos significativos e relevantes, que enfatizam questões consistentes a respeito de *Dedo-Duro*. Os contos preferidos da crítica são “Dedo-Duro” e “Paulo Melado do Chapéu Mangureira Serralha”. E o conteúdo dos discursos gira em torno do tema, do recurso estilístico utilizado pelo escritor e da caracterização das personagens, ou seja, a apreciação dos novos malandros de João Antônio.

Mário da Silva Brito (1982), em seu texto, discute a temática humanizadora em *Dedo-Duro*, comparando o escritor paulista a Alcântara Machado, pelas paisagens e “humanidade urbanas” de São Paulo que o autor transpôs para a ficção. Talvez esse fito ocorra pela sua procedência proletária ao mesmo tempo em que fazia parte da “burguesia amesquinhada”. O crítico afirma que a vivência do autor seria a fonte de sua criação, daí a realidade que transborda em sua obra. Segundo Brito (1982, p.1): “[...]todas nascem de suas vivências de homem [...], daí a transbordante realidade do narrador”.

Assim como Dalton Trevisan, João Antônio não mudaria o universo narrado. Mas haveria algo vivo nessa maneira de narrar que faria com que a ênfase fosse sempre diferente a cada texto. Haveria uma cumplicidade entre autor e personagens, sendo estes últimos o resultado de toda uma experiência vivida que se torna um elo entre criatura e criador.

Já para Benedito Nunes (1982), o segredo dessa manobra literária estaria na estilística. As palavras e seus significados e a criação de neologismos enriqueceriam o trabalho de João Antônio, causando tamanho efeito no leitor. O próprio termo “dedo-duro” traria consigo, e para o leitor, uma conotação pesada e significativa: a relativa ao período do AI-5. O “dedo-duro”, assim como “pau-mandado” e “alcagüete”, seriam uma invenção vocabular anônima para designar os informantes assalariados a serviço da repressão política do regime de um período, que, aliás, também foi vivido pelo autor. Nas palavras de Nunes:

Como distinguir a palavra, a expressão já existentes, do termo e da locução inventados, nessas sete narrativas – uma das quais de caráter autobiográfico – em que o léxico está amarrado à fortuna popular da língua e o fraseado à prática da comunicação oral? É do uso da língua pelo povo que João Antônio retira o sumo metafórico, fusivo, de nomes, adjetivos e locuções

com que abastece seu léxico, entramando-o ao desenho das situações e ao recorte dos personagens (*O Estado*, 1982, p.1).

O uso da língua pelo povo, segundo Nunes, não se daria no sentido romântico do sujeito coletivo, indeterminado, perene gerador das particularidades do idioma; seria o do Zé Ninguém, das camadas inferiores da população. Sendo assim, a apreensão da realidade passaria pela réplica dessa conduta verbal adotada pelo escritor. Essa conduta, aliás, que se move “ao rés-do-chão”, expressão usada por Antonio Candido,<sup>4</sup>(1981;p.23) por ser capaz de apanhar, de baixo para cima, “a linguagem chã do vulgo à prosa elástica da narrativa tensa, jamais vulgar”, seria a responsável pela absorção da gíria no funcionamento semântico do texto.

A relevância no plano estilístico também é ressaltada por Marcílio Farias (1982). Com suas frases eminentemente poéticas, com seus períodos cada vez mais curtos, João Antônio utiliza processos riquíssimos de “sínteses icônico-indiciais”. Toda essa precisão em condensar a forma para expandir os sentidos é trabalhada de maneira precisa e sistemática na busca de um refinamento na tessitura e na textualidade de suas narrativas. Estes recursos sintéticos, como afirma o crítico, cristalizam-se em frases que “se encadeiam numa ritmia eminentemente poética” que deliciariam Barthes se este ainda estivesse vivo.

Além do esforço estilístico na narrativa, o envolvimento do autor e narrador é tão profundo que o texto se torna autobiográfico, como é o caso de “Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha”. Sem o ócio da introspecção, o narrador parece participar, segundo Benedito Nunes, como narrador de si mesmo. Segundo o crítico (1982, p.26): “trata-se de relato autobiográfico no qual o homem e o escritor crescem juntos”.

Esta visão de que o autor procura colocar no papel a sua vivência e sua experiência, transformando-as em enredos e personagens que retrata em seus contos, é a também de Gilson Rebello, que evidencia, na obra *Dedo-Duro*, o retrato da tragédia dos homens marginalizados.

Para Flávio Aguiar, a temática encontraria sustentação no processo lingüístico e estilístico. Segundo este crítico, o realismo de João Antônio cobre o “falso belo” que muitos tentam criar, expondo a raiz dos grandes males do Brasil. Como afirma o estudioso “(...) nos remete ao grito que vem de dentro, do âmago da raiz humana ferida nas periferias da brasilidade” (*Leia*, 1982).

Aguiar coloca a obra *Dedo-Duro* no mesmo patamar que *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, que já é considerado um clássico do escritor, por possuir uma espécie de “palavra-pingente”, produto da suburbanidade em que vivemos. Com uma visão surrealista das personagens em sua mistura de imagens, mundos e sentimentos, Aguiar explora um novo mundo de João Antônio: a oscilação do lusco-fusco violento, lírico e satírico. Nas palavras do crítico:

No inferno – terreno em que a literatura se presta ao lusco-fusco violento e lírico da sátira – não há esperança e a melhor saída é não ter entrado.[...] as suas personagens são mais ou menos capazes desse gesto-no-vazio, esse jogar-se dramático e irônico diante do leitor, com seus avessos, misturando imagens, mundos tradicionalmente separados no imaginário, ganhando a força de uma invectiva moral contra esse mundo mal-feito e malfeitor de desigualdades. (AGUIAR, 1982, *Leia*, nº 49, 15 ago. a 14 set de 1982).

Neste sentido, João Antônio, na visão de Aguiar, humanizaria seres considerados excrescências pela sociedade em geral, criando, como afirma Antonio Candido (*apud* AGUIAR; 1982), “uma espécie de normalidade do socialmente anormal”, tornando-os seres humanos que fazem parte de um mesmo cenário social.

Cabe ressaltar que no texto “De árvores cortadas”, de Flávio Aguiar, encontramos dificuldades de relacionar a metáfora presente no título desse autor, assim como de desvelar suas palavras no decorrer do texto. O mistério foi revelado com a revista *Remate de Males*, do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, em que Aguiar faz colocações relevantes a

---

<sup>4</sup> Esta expressão é utilizada por Antonio Candido no texto “A vida ao rés-do-chão”, no Prefácio da coleção *Para Gostar de Ler: crônicas*.

respeito do texto e afirma a dificuldade em se dizer sem ser ouvido pela censura. Nas palavras do crítico:

Mas é claro que o título tinha outro sentido, alegórico: as árvores cortadas éramos nós, o Brasil e muitos brasileiros, e a imagem se presta a um desdobramento interpretativo que pode não ter fim, indo da destruição ameaçadora de partes significativas da floresta amazônica ao genocídio da infância desvalida em nossas cidades grandes. (...) Não podia dizer isto em jornal submetido à censura prévia, mas minha idéia era a de que no mundo de João Antônio o inferno estaria reservado para os membros das classes dominantes e seus testas-de-ferro que fossem os verdadeiros responsáveis pelo rosário de misérias que seus contos desfiavam (AGUIAR, 1999, *Remate de Males*, 1999, p. 106).

Nesse relato, Aguiar fez considerações relevantes sobre o seu texto e de outros sobre a produção de João Antônio. Temos críticos de renome e prestígio que escrevem a respeito da literatura do escritor, geralmente dotados de um senso crítico elevado, mas quando escrevem para jornais que sofrem revisões em seus artigos, suas matérias e reportagens são podadas, seja pela censura, seja pelo próprio espaço do jornal, provocando um certo incômodo no crítico.

Em *Dedo-Duro*, o tema, a linguagem, personagens e cor local são observados em seus respectivos contos, o que proporciona um caráter individual para cada texto inserido na coletânea. O autor, assim como nos livros anteriores, renova seu cenário e apresenta seus novos malandros como “Tony Roy”, “Paulo Melado” ou “Dois Raimundos” em situações, espaço e conflito inéditos na sua criação literária.

A linguagem também não deixa de ser ressaltada pela crítica. Esta, ao rastrear os recursos literários do escritor, busca argumentos na própria fala do narrador para permitir uma aproximação entre o autor e o assunto da obra.

A sensível leitura de Brito ressalta a particularíssima cosmovisão do escritor paulista que observou e vivenciou fatos que foram lapidados, transformados e adaptados para a esfera literária e, apesar de não variar o assunto do submundo, explora-o de diversas formas, sempre enfatizando pontos divergentes entre si.

Benedito Nunes e Marcílio Farias exaltam a consciência estilística do escritor. Para esses críticos, os vocábulos tirados da fala do povo, a presença de alguns elementos sonoros, como aliterações e assonâncias, trazem para a obra uma característica que vai muito além do “realismo feroz” ou da “picardia”, pois cada palavra e cada expressão apontam para um universo que se abre diante do leitor, fazendo com que este conheça os avessos da vida numa sociedade em decadência.

O “realismo” de João Antônio, na visão de Aguiar, exerceria a função de desmitificação da sociedade, ou seja, se tornaria o próprio produto do submundo tão presente em nosso meio. O “falso belo” seria descoberto para mostrar os verdadeiros males do Brasil.

Rebello chega a comparar a trajetória de alguns personagens de João Antônio com a trajetória percorrida por Macunaíma, o herói sem nenhum caráter: o homem que nunca dá certo na vida e vive improvisando para continuar a luta e que, no final, acaba sempre sendo derrotado e massacrado pelo poder.

Esse crítico, assim como Mário da Silva Brito, se prende à temática. Comparando João Antônio a Mário de Andrade, discute o papel da simbologia presente nas andanças de seus personagens. Outros partirão das características autobiográficas para afirmar o possível realismo nas narrativas de João Antônio, como é o caso de Aguiar. E há quem afirme que a sustentação desse realismo se deve aos recursos estilísticos trabalhados minuciosamente pelo escritor, como afirma Benedito Nunes.

Nota-se que os críticos ora analisados não se limitaram a simples anúncios ou resenhas, como afirmou Ploegmakers, a respeito da crítica de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*; os críticos de *Dedo-Duro* mostraram uma certa familiaridade em relação ao estilo contundente de João Antônio.

A percepção quanto à linguagem e à temática não permitiu que a crítica se limitasse apenas a esses pontos. Buscando argumentos no processo de construção das frases e das

palavras, apontam para um certo lirismo presente nas narrativas de *Dedo-Duro*. Resgatam também aspectos autobiográficos, como ocorre na narrativa “Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha”, mas sem desvalorizar a obra.

Diante de tais considerações, conclui-se que cada crítico, ao seu modo, contribui para que o leitor tenha várias possibilidades de leituras da obra. Não só pelo processo de construção de espaço, tempo e personagens nos textos de João Antônio, como também pelo projeto literário que permanece em toda a sua obra. Neste caso, flexibilidade da crítica se faz necessária para que o leitor possa compreender um estilo literário não muito comum até então, que é a literatura de participação e questionamentos.

#### **4.5 - MENINÃO DO CAIXOTE: A MARGINALIDADE NO MUNDO INFANTIL**

*“Os mundos de João Antônio, seus vários mundos. Crus e diretos como os vemos no dia-a-dia, mas banhados pela luz quente de um escritor que não recua do ser humano, e o encara como ele é.”*

(Fausto Cunha, prefácio de *Meninão do Caixote*)

A recepção crítica do livro *Meninão do Caixote* (1983) ressalta características até então inéditas na obra do contista, se compararmos com as discussões relativas a outras publicações do autor. Nesta produção, além dos inesquecíveis personagens construídos no universo narrativo e das várias peculiaridades do estilo deste escritor, temos uma coletânea com protagonistas infantis.

No livro em questão, o ponto principal de discussão é o trabalho de João Antônio na criação das imagens infantis em sua obra. Observa-se, *a priori*, a maneira como a criança marginal é vista em suas narrativas e a questão do público infanto-juvenil, principal alvo do autor.

Os críticos examinados para esta análise são: Marisa Lajolo, com seu texto “João Antônio, um senhor escritor. E ponto”, no *Jornal da Tarde*, do dia 06 de abril de 1984; Fausto Cunha, em “Os meninos de João Antônio” (1983); Antônio Giaquinto em sua resenha intitulada “Na medida do sentimento” (*Leia Livros*, 1984); Vânia Maria Resende, em seu estudo sobre “Os meninos na literatura” (1988, p. 228), e o texto, cujo autor é anônimo, “João Antônio para adolescentes”, do jornal *A Notícia* (1 jan. 1984).

Em meio a vários aspectos ressaltados pela crítica, por exemplo, personagens, ambientação, temática etc., encontramos vários pontos em comum, como a opinião unânime sobre o processo de criação dos personagens infantis - estes seriam retratados com tamanha singularidade que fariam da literatura de João Antônio uma “verdadeira obra-prima”, como afirma Fausto Cunha - e algumas divergências a respeito do público leitor, como é o caso de uma suposta preocupação didática nas narrativas do autor da coletânea.

No texto intitulado “Os meninos de João Antônio”, de Fausto Cunha, cujo título também é a apresentação do livro em questão, há considerações relevantes sobre a marginalidade retratada no universo infantil.

Partindo de uma leitura comparativa entre os protagonistas, esse estudioso considera o personagem do texto “O Meninão do Caixote” o oposto do garoto da narrativa “Frio”. Cunha faz um apanhado de características de ambos os personagens e chega à conclusão de que no protagonista de “O Meninão do Caixote” ainda haveria lugar para a amizade e a lealdade, enquanto que no menino de “Frio”, a infância seria substituída, vagarosamente, pelo ambiente marginal em que o garoto viveria.

Dessa forma, temos uma análise que se baseia na temática, seguida da comparação entre os personagens. Fausto Cunha também faz comentários sobre a descrição do cenário perturbador em que vivem os protagonistas infantis, fato, na opinião do crítico, que choca o leitor acostumado com metáforas e eufemismos. Partindo dessa premissa, o autor afirma:

Mas os meninos de João Antônio não são crianças enfeitadas de bons sentimentos nem andam de sapatinhos e velocípede. [...] O menino de “Frio” é o mesmo que vemos todas as noites perambulando a esmo pelos grandes centros urbanos (CUNHA, 1983).

Fausto Cunha ressalta a “terrível realidade” com que as personagens infantis de João Antônio são retratadas na coletânea. Nela, vemos o mundo infantil pelos olhos de um narrador do submundo, e não de quem assiste do “outro lado” dessa realidade.

Quanto ao público leitor de João Antônio, encontramos no texto de Antonio Giaquinto (1984), intitulado “Na medida do sentimento”, importantes aspectos levantados pelo mesmo, tais como a construção dos protagonistas, temática e ambientação. Para ele, a “realidade” na descrição das personagens e ambientes também seria o recurso principal utilizado pelo escritor em sua literatura. João Antônio, segundo Giaquinto, possuiria um estilo “quase fotográfico” do fato narrado, daí a grande denúncia da condição humana existente em seu trabalho literário. Nas palavras de Giaquinto: “Sua literatura cruel e instigante, feita de pessoas reais expressando-se no linguajar das ruas e botequins, pretende ser a passagem sutil para a denúncia do autor” (*Leia Livros*, 1984, p.18).

No parecer de Giaquinto, a mensagem transmitida por João Antônio seria mais intensa ao retratar as crianças e suas condições de vida, ou seja, ao compor o retrato de uma realidade social totalmente ignorada pelo sentimento de humanidade da sociedade em geral.

Outro aspecto ressaltado pelo resenhista seria a pretensão do escritor em atingir o público adolescente. De acordo com o texto, essa preocupação didática do autor teria a finalidade de eliminar o estigma de “escritor maldito” para os jovens, devido à linguagem e temática utilizadas pelo contista, inacessíveis a esse público.

Segundo Giaquinto, alguns críticos, que não foram citados pelo autor, teriam negado a aplicação desta obra em sala de aula, pois este tipo de texto, na opinião de alguns, levaria o aluno ao “embrutecimento”, ou seja, a temática marginal em João Antônio tolheria qualquer finalidade didática, devido ao estilo contundente que tanto marca suas narrativas.

O resenhista, entretanto, defende que tal “realidade transposta sem artifícios” acabaria por captar o jovem leitor como cúmplice dos personagens, seja pelas aventuras do pequeno campeão de sinuca, seja pela amizade de um menino pelo seu protetor, levando, dessa maneira, o jovem leitor à reflexão.

Assim, Antonio Giaquinto busca na temática e na linguagem ,utilizadas pelo autor de *Meninão do Caixote*, sua base argumentativa para ressaltar a inquietação que essas narrativas seriam capazes de despertar não só no público jovem, mas no leitor assíduo de João Antônio. Para o crítico, apesar de o escritor preocupar-se com os neologismos e as gírias, que tanto dificultam a leitura de seus textos, não abriria mão do seu estilo incisivo.

Concordando com a opinião de Giaquinto, no âmbito do público leitor da obra *Meninão do Caixote*, teremos no jornal *A Notícia*, em 1984, de autor anônimo, o título “João Antônio para adolescentes”. De acordo com o texto, a proposta didática do livro se iniciaria devido ao contato de João Antônio com os estudantes em palestras que vinha realizando constantemente por todo o país. Essa observação também foi feita por Fausto Cunha e Gianquinto em suas respectivas resenhas sobre a coletânea.

Já para a estudiosa de literatura infantil, Marisa Lajolo, este livro não faria de João Antônio um escritor para jovens. Segundo a autora, o acerto do escritor estaria no seu próprio projeto literário que se expandiria a cada obra; neste caso, no universo infantil retratado.

Para Lajolo, o mundo descrito nas narrativas que compõem a coletânea não iria provocar sentimentos de conscientização em seu público da classe média, geralmente composto por adolescentes frequentadores de bons colégios. Diante das considerações de Lajolo, cumpre-nos destacar o excerto que sintetiza a sua posição:

Nada de destinações especiais, de dizer que estes textos dele vão permitir à criança bem alimentada e frequentadora de boas escolas conhecer a banda podre da vida. Nada disso. A meu ver, o acerto com que João traz imagens infantis para seu universo ficcional está na raiz de seu projeto literário (LAJOLO, 1984, *Jornal da Tarde*, 6 abr.1984).

Para a escritora, o livro de João Antônio seria bem sucedido devido à construção de seus personagens infantis, que perambulam na marginalidade. Segundo Lajolo, a violência e a opressão, na literatura do autor, seriam características já “enraizadas” na ampla proposta literária do escritor, repercutindo, dessa forma, com mais força e contundência. Na opinião da estudiosa, o impacto dessas narrativas não decorreria de uma suposta “mimese” da realidade cruel e ofensiva, mas sim no “deslocamento da luta social” do batalhador João Antônio que transfere sua filosofia social para o interior do texto.

[...] a força que encontro nestes textos – como em todos os do autor - não decorre da mimese de uma realidade degradante que, aliás, em nenhum momento fica piegas. Decorre, isto sim, do deslocamento da luta social para o interior do texto, para o espaço de sua linguagem narrativa (*Idem, Ibidem*).

Dessa maneira, segundo a estudiosa, a luta de João Antônio pela literatura seria transferida para o espaço de sua linguagem narrativa “enxuta e retorcida”, mas com grande significado para o leitor.

A abordagem feita pela escritora parte do aspecto social representado nas narrativas de *O menino do caixote* e, partindo de tais premissas, desconsidera a preocupação didática do autor do livro. Marisa Lajolo limita-se relativamente ao caráter social presente na obra, sem entrar em detalhes sobre os outros aspectos, tão evidenciados pelos críticos anteriormente citados, como a singularidade na linguagem e a ambientação de João Antônio, assim como a temática marginal.

Já a pesquisadora Vânia Maria Resende (1988), em seu estudo intitulado *O Menino na Literatura*, em um de seus capítulos, faz um estudo partindo da análise psicológica dos personagens inseridos nas narrativas “Meninão do Caixote” e “Frio”.

No primeiro texto, a estudiosa explora o choque entre o mundo infantil vivido pelo “meninão” e a marginalidade que estaria por trás do jogo de sinuca, ou seja, o universo dos adultos. A atitude do herói infantil no que concerne à sinuca teria para Resende, um significado lúdico e sem maiores pretensões, apesar de tratar-se de um jogo manipulado por pessoas adultas e maliciosas. Partindo desse pressuposto, a autora destaca a “vadiagem” que caracterizaria o universo do menino, que oscilaria ora na forma de brinquedo, para ele, ora na forma de trabalho da malandragem, para os apostadores. Conforme a autora:

Freqüenta o bar, onde vai assistindo às partidas e divertindo-se como espectador, até que aprende o jogo e assume o papel de sujeito da diversão. [...] Neste contexto abrem-se a ele novas perspectivas, que o levam do sonho à realidade, da convivência rotineira com a mãe ao ócio e tensão do jogo (RESENDE, 1988, p. 229).

A condição miserável da personagem, para Resende, faz com que o menino esbarre na marginalidade adulta, embora a estudiosa ressalte que o protagonista não passaria para esta de maneira definida. A atitude lúdica do menino não deixaria a inocência corromper-se, pois o mesmo manteria ligações afetivas puras com a mãe. Assim, de acordo com a autora, o herói infantil de “O Meninão do Caixote” não seria considerado um personagem marginal, como os inúmeros malandros retratados na literatura de João Antônio.

O mesmo afirmar-se-ia para o garoto da narrativa “Frio”. Segundo a estudiosa, ele não teria “ainda” consciência de sua situação marginal: embora lançado violentamente em um mundo cheio de riscos, ele vivenciaria, em sua imaginação, um mundo paralelo, de sonhos, representado pela personagem Lúcia.

Conforme a autora, teríamos então dois personagens fundamentais para essa afirmação: a amiga do menino e Paraná, o seu protetor. Este representaria a realidade vivida pelo protagonista, e sua amiga Lúcia, “sempre bonita e limpinha”, representaria o mundo infantil, conseqüentemente, de sonhos e ilusões. Afirma Resende (1988, p. 231) : “No estágio em que o conto situa o menino, ele está exatamente entre o sonho, representado por Lúcia, e a

realidade, por Paraná; guarda sigilosamente o embrulho, não chegando a conhecer a fundo o plano real”.

Para a autora, embora estivesse sendo lançado em uma vida cheia de riscos, não tomaria consciência de sua realidade tão pesada e cruel, ainda que não houvesse uma afirmação definitiva sobre o caráter da criança em tempos posteriores. Assim, segundo o texto, ninguém poderia afirmar se o menino pertenceria ou não ao submundo, deixando-se corromper pelo meio em que vivia.

A leitura de Resende é muito relevante no que diz respeito à psicologia e à simbologia dos personagens do mundo infantil nas narrativas de João Antônio. Abordando, sob um outro aspecto, a obra do escritor, a autora possui uma opinião análoga à dos estudos de Fausto Cunha e Antonio Giaquinto em relação aos personagens e suas oscilações entre a “alma” infantil e a realidade corruptora e marginal, representada pelo ambiente em que vivem. Marisa Lajolo recorre ao aspecto social, num ponto de vista distinto de Giaquinto, Cunha e o autor anônimo do texto “João Antônio para adolescentes”, a respeito do público leitor.

Todos os autores analisados reconhecem, de uma maneira, ou de outra, o valor que as personagens infantis retratadas por João Antônio têm para a literatura. A singularidade na descrição do cenário marginal, a linguagem sintética, mas ampla em sentido e a temática contundente foram os aspectos mais ressaltados, salvo exceções, como ocorre com o texto de Marisa Lajolo, que toma outras direções, de caráter social.

Cada qual parte de um ponto específico, ora analisando comparativamente as personagens, ora abordando o aspecto social na obra ou, até mesmo, a finalidade didática da obra em questão. Contudo, todos se completam no sentido de dar-nos uma visão mais ampla do livro de João Antônio, o universo infantil por ele retratado e sua função para os jovens leitores da literatura brasileira.

#### 4.6 – *ABRAÇADO AO MEU RANCOR: O AUTOBIOGRÁFICO NA NARRATIVA DE JOÃO ANTÔNIO*

*“Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo”*

(Gregório de Matos)

Em comparação com as críticas das obras anteriores, a recepção crítica do livro *Abraçado ao meu rancor* focaliza, de maneira mais concentrada, o autobiografismo contido nas narrativas de João Antônio. O texto que dá título à coletânea, fato comum no material analisado, é o ponto de referência para os comentários dos resenhistas.

Diante de tais considerações, apresentamos os textos críticos analisados para este trabalho. Selecionamos quatro títulos distintos: “João Antônio e sua estética do rancor” (*Folha de São Paulo*, 5 out.1986), de João Luiz Lafetá; “A trajetória paulista de João Antônio, o exilado” (*Diário do Sul*, 31 dez.1986), de Fábio Lucas; “Abraçado ao meu rancor: João Antônio” (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 11 out. 1986), de Nevinha Pinheiro e, por fim, “Ilustração e defesa do rancor” (*A Aventura Literária*, 1990), de José Paulo Paes.

Os contos preferidos da crítica são “O guardador”, “Publicitário do ano” e “Abraçado ao meu rancor”. Os textos críticos giram em torno do tema, do recurso estilístico, especialmente a ironia, utilizado pelo escritor em algumas narrativas e o autobiografismo na narrativa que dá nome ao título. Cada crítico enfoca um ponto diferente para suas respectivas análises. Nevinha, assim como Fábio Lucas, por exemplo, destacam a linguagem e a estilística do escritor, enquanto Lafetá e Paes enfatizam a temática do texto.

A mudança no estilo de João Antônio é apontada por todos os críticos. Neste livro, a picardia e o cinismo, tão presentes nas primeiras obras, são substituídos pelo rancor das classes desprestigiadas. Em “Abraçado ao meu rancor”, encontramos um jornalista que perambula pelos mesmos caminhos que *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Ao ver o capitalismo

apossando-se do malandro, transformando-o em escravo do sistema, o narrador é possuído por um sentimento de desprezo pela classe média e autodesprezo, por fazer parte desta classe, pois o chamado progresso só beneficiou a classe privilegiada.

João Luiz Lafetá (1986) discute o deslocamento do foco na obra. Dos dez contos inseridos no livro, sete estão centrados em personagens de classe média. Para o articulista, o centro do escritor não seria mais o malandro cheio de picardia, e sim o ressentimento de um escritor que vê o capitalismo reduzir “as artes da malandragem à miséria descorada”.

Outro questionamento levantado pelo articulista seria quanto ao autobiografismo no texto. Lafetá põe em evidência a valorização da obra enquanto gênero literário, pois, para o crítico, “o texto carregado de referências autobiográficas, fiel, mas pouco transfigurado, corre o risco que José Veríssimo acusou no pioneiro Lima Barreto: a amargura ‘legítima, sincera, respeitável’, atrapalhando a arte” (*Folha de São Paulo*, 5 out. 1986).

Realmente, o foco está deslocado na temática do autor; seu núcleo não é mais a malandragem e a picardia, apesar da pobreza continuar sendo o pano de fundo. Mas todo esse rancor de João Antônio, perambulando nessa singular obra, estaria colocando em risco seu valor?

Partindo de considerações a respeito do autobiografismo no texto, Lafetá aponta um “amargo paradoxo” na obra em questão. O contraste na temática seria constituído pelo discurso das publicidades turísticas e a realidade dos indigentes que este encobre. Nas palavras do crítico:

João Antônio perdeu aqui a facilidade feliz de representar os tipos populares, facilidade que lhe deu fama, mas cuja ponta evidente de artifício levava a desconfiar de certa falsificação pitoresca [...] Sei que o pitoresco quase sumiu, dando lugar a uma matéria mais pesada, e o estilo ressentiu-se perdendo em graça e flexibilidade (LAFETÁ, 1986, *Folha de São Paulo*, 5 out. 1986).

Indignado com o paradoxo luxo/lixo numa das maiores cidades do país, João Antônio veria os estados do Rio e de São Paulo como uma síntese do Brasil. Partindo dessa consideração, faria a denúncia social, fato evidente em sua obra.

Ainda segundo Lafetá, a brutalidade do capitalismo estaria aumentando a cada dia. E, enquanto obra autobiográfica, manifestaria os reflexos do sistema capitalista na esfera ideológica de João Antônio que, como escritor, levaria consigo o inconformismo, a indignação e o rancor diante desse sistema. Como jornalista, entretanto, vê-se fazendo parte dessa massa capitalista, pois precisaria do dinheiro e da divulgação de seu trabalho. De acordo com Lafetá:

É que a brutalidade da exploração capitalista no Brasil parece ter aumentado nos últimos anos, e seu reflexo na esfera ideológica, principalmente entre intelectuais de classe média [...], tende a se polarizar em duas atitudes: a cooptação de um lado, ostentando o brilho do dinheiro justificado pelo elogio da racionalidade, da modernidade, do internacionalismo; o inconformismo do outro, levantando a arma da indignação e do rancor (*Idem, Ibidem*).

A construção da narrativa de João Antônio teria tamanha singularidade que faria com que a ênfase fosse sempre diferente a cada texto. Segundo Lafetá, a cumplicidade entre autor e personagens faria destes últimos o resultado de toda uma experiência vivida, provocando um elo entre criatura e criador.

Para Fábio Lucas (1986), o segredo dessa manobra literária estaria na estilística. As palavras e seus significados e a criação de alguns neologismos enriqueceriam o trabalho de João Antônio, causando muito efeito no leitor. O crítico exalta a “consciência estilística” do escritor que permite ironizar o uso das palavras pelo personagem jornalista. Esse recurso estilístico de João Antônio, de acordo com Lucas, seria utilizado cuidadosamente a fim de valorizar, enquanto arte, sua produção. Não raro, o próprio escritor, em suas entrevistas, evidenciava esse fato:

[...] embora eu tenha uma linguagem cheia de gírias, eu me preocupo muito com a formação exata da frase e dos períodos, que tenham uma formação muito forte, em que a regência seja muito observada [...] se a regência está bem feita, isso dá uma gravidade à frase muito grande. [...] O leitor não pode se conduzir, quem tem que conduzir o leitor sou eu o tempo todo, porque eu sou o autor e essa coisa só é possível através de um exercício de grande atração, que começa a partir do título (FERREIRA FILHO *apud* LUCAS, 1986).

Como o próprio escritor afirma, sua preocupação com a linguagem - e conseqüentemente com o leitor - o faria dono de uma consciência literária estimável. Partindo dessa premissa, nota-se que o texto de Lafetá se prende a certos elementos extrínsecos à obra, abordando questões sociais e autobiográficas, em detrimento de comentários a respeito dos recursos estilísticos, que são dignos de observação e estudo.

José Paulo Paes, assim como Lafetá, prende-se à temática. Comparando João Antônio a Gregório de Matos,<sup>5</sup> discute a presença do “signo do rancor” em sua literatura. Na visão de Paes, apesar de a produção do autor encaixar-se, pela prova de inversão, na célebre frase de André Gide: “que os bons sentimentos só produzem, via de regra, má literatura” (*apud* PAULO PAES, 1990), o crítico tenta provar que o “rancor” de João Antônio não seria, invariavelmente, um mau sentimento que certamente as “chamadas boas consciências reprovariam”. Por trás dessa “diatribe” do escritor, estaria uma grande crise de consciência, uma espécie de *mea culpa*, como afirma Paes (1990, P.111): “daí a sua pungência: daí a sua força de convencimento (...) o mal estar, a inquietação, o tormento íntimo em face do que se obriga a fazer, lhe denuncia o caráter expiatório”.

Esse “caráter expiatório” e confessional de João Antônio colocaria em questão, conforme o estudioso, o sentimento negativo presente no “signo” do rancor, tornando o leitor cúmplice do narrador do texto. Segundo Paes (1990 p.113):

---

<sup>5</sup> Ao comparar João Antônio com Gregório, Paes está se referindo à biografia do último. Quando Gregório retorna à Bahia, após desfrutar do prestígio e da prosperidade da metrópole, volta-se contra os “maganos de Portugal”, mais bem sucedidos que ele. Sentindo-se excluído, volta-se contra o sistema de sua época, o que fez com que escrevesse a parte mais significativa de sua obra – a sátira.

[...] aqui deparamos enfim uma acepção positiva desse sentimento que a moralidade convencional tem por negativo. Pode lá ser negativo um sentimento que, com possibilitar a expiação da culpa, atua no sentido de restaurar a saúde moral de quem o experimenta?

Ou seja, o crítico, seguindo uma análise comparativa, aborda uma questão inédita a respeito da temática do escritor. José Paulo Paes, partindo de elementos autobiográficos no texto, vai além do discurso de João Antônio e prova o inverso da afirmação de Gide.

Para o crítico, o texto “Abraçado ao meu rancor”, apesar de ser uma grande produção literária, não teria uma conotação negativa e destruidora. Ao contrário, teria um significado de nobreza do autor-narrador, que assume sua responsabilidade enquanto jornalista, diante das mudanças, nada favoráveis, de sua terra natal.

Paulo Paes, embora focalize a temática, assim como Lafetá, aborda uma outra dimensão do texto de João Antônio: o sentido do rancor. Entretanto, ambos não focalizam a questão da linguagem. Nevinha Pinheiro, apesar da sutileza com que aponta uma certa “irritação verdadeira e literária no autor”, menciona, sem discutir, a temática que envolve o texto em questão. A autora, partindo de um outro aspecto na obra, diferente de Paes e Lafetá, enfoca a linguagem.

Nevinha Pinheiro comenta o uso de gírias e expressões que contribuem com a indignação do narrador, como afirma a autora: “[...] o livro é marcante pela linguagem coloquial e viva que caracteriza João Antônio”. Percebe-se que a autora trata, com maior rigor, a questão da linguagem como elemento fundamental para a construção da própria temática. De acordo com a estudiosa:

A coerência de sua linguagem com a temática acontece do início ao fim do livro, o palavrão e a gíria são usados com tamanha propriedade que se torna impossível não fazê-lo, dentro do humor picaresco a palavra exata e o deboche certo (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 11 out.1986).

Para a autora, a consciência estilística de João Antônio seria importante por permitir a própria ironia construída pelo jornalista, no conto que dá nome ao livro, que conclui ter perdido “a linguagem no verbalismo palavroso da profissão” (FERREIRA FILHO *apud* PINHEIRO, 1986).

Neste sentido, apesar de todos os textos confirmarem o autobiografismo na narrativa “Abraçado ao meu rancor”, eles partem de pontos diferentes. As sensíveis leituras de José Paulo Paes e Lafetá abordam a obra de João Antônio pela temática, embora o último parta também duma perspectiva da história da literatura ao colocar João Antônio como um Lima Barreto de São Paulo num período de expansão industrial.

De acordo com Nevinha Pinheiro, a temática encontraria sustentação no processo lingüístico e estilístico. Na visão da estudiosa, a linguagem e a temática se fundiriam, criando um estilo próprio do autor. Os períodos, segundo a autora, estariam cada vez mais curtos, ou seja, haveria uma precisão em condensar a forma para expandir os sentidos. Todo esse processo é trabalhado de forma sistemática pelo elaborador, o que causaria a singularidade na obra de João Antônio.

Fábio Lucas, além de ressaltar os recursos estilísticos, discute o envolvimento entre autor e narrador. Desse envolvimento, aliás, é que surgiria o estilo autobiográfico. Sem o ócio da introspecção, o narrador parece participar, segundo o crítico, como narrador de si mesmo.

Sendo assim, a ênfase sempre está no texto que dá título ao livro, ou seja, o autobiografismo em “Abraçado ao meu rancor”. Este é o ponto referencial de todos os críticos analisados. Os outros textos da coletânea, que não têm caráter autobiográfico, são apenas mencionados, sem qualquer comentário mais profundo. A título de exemplo, o personagem Jacarandá, que é constante na obra do autor, aparecendo de diversas formas em várias narrativas, sequer é citado.

Mesmo assim, as leituras da crítica em relação à obra de João Antônio se mostram familiarizadas com o estilo contundente do escritor. Embora, em alguns casos, se restrinjam a simples anúncios ou resenhas, como afirma Ploegmakers, a respeito da crítica de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, os textos fornecem dados essenciais para que o leitor possa ter uma visão mais panorâmica da literatura do autor em questão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do material analisado entre os anos de 1977 e 1989, percebe-se uma diversidade de textos, em sua maioria, jornalísticos, que apontam para duas vertentes caracterizadoras da literatura empenhada de João Antônio. Uma, voltada para sua participação social, portanto ressaltando o biográfico e revelando, assim, o homem que luta pela valorização da literatura brasileira. O repórter de si mesmo, o jornalista incomodado com o sistema em que vive, mas que já faz parte dele - daí o João Antônio crítico que nada deixa passar despercebido diante de seu olhar felino e direto, não raras vezes comparado ao mestre da sátira, Gregório de Matos, como afirma José Paulo Paes em sua crítica sobre *Abraçado ao meu rancor*.

A outra vertente está voltada para considerações sobre a produção propriamente dita, apontando um escritor que filtra a sua realidade pelo seu inigualável processo criativo. Uma literatura inovadora e polêmica, desafiando conceitos e classificações quanto ao gênero, até então dogmáticos e em voga. Tem-se, neste aspecto, um período de adaptação por parte da crítica que percebeu o alto valor literário em João Antônio, mas não conseguia uma classificação precisa diante de uma linguagem e temática reelaboradas de tal maneira que exigia dos estudiosos uma nova postura diante da literatura deste escritor.

Nota-se que cada crítico, quer queira quer não, está constantemente propondo uma resposta ou, ao menos, tentando um encaminhamento para uma questão que, diante de tais acontecimentos, precisava urgentemente ser respondida, para desvendar a própria função da crítica na literatura: qual o papel do escritor de sua época? A discussão continua apaixonante e possibilita inferências e aproximações na busca por respostas. Dessa forma, o trabalho dos críticos em relação a um escritor como João Antônio exige muito mais que a técnica ou o método e, sendo assim, é preciso possuir uma sensibilidade capaz de discernir valores

estéticos na obra analisada, principalmente por se tratar de uma literatura que foge a uma classificação rigorosa em relação ao gênero.

Diante de tais considerações, observamos que a recepção crítica do escritor João Antônio se depara com dados provenientes de dois fatores-chave que ocorrem concomitantes à produção do escritor contemporâneo: a censura e as condições do crítico na coluna literária.

Visualiza-se, assim, uma espécie de sobrevivência também do escritor na contemporaneidade e a imprevisibilidade diante da vida, que não está somente nos personagens joãoantonianos. Daí a expressão “escritor pingente”, freqüentemente utilizada por João Antônio, que considerava a profissão do escritor como marginalizada. Era preciso manter-se, enquanto escritor de seu tempo, com os problemas editoriais, com a supervalorização de alguns best-sellers estrangeiros <sup>6</sup>as censuras impostas pelo AI-5.

Nesse período marcado por tais turbulências, há uma necessidade dos escritores, ao menos, os inconformados, de criar uma estratégia para a sobrevivência neste mundo caracterizado por conflitos sociais e econômicos, que desestruturavam a forma dos intelectuais lidarem com o mercado editorial. Era preciso outra maneira de se relacionar com o mundo (novo) da produção literária. Daí, a constante luta pela profissionalização do escritor, altamente comprometida, devido a um contexto social marcado pela competição e pelo consumo imediato e descartável.

Diante desses fatores, falta-nos mencionar a questão da pouca familiaridade da crítica com um novo estilo de narrar do escritor. Percebemos que nas primeiras produções do autor havia uma incansável tentativa em classificar os livros de João Antônio: ficção, conto-reportagem, neonaturalista, realismo crítico e várias outras classificações. Observamos uma sensível diferença nas indagações da recepção crítica das obras que surgem em 1977, no caso, *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, e a recepção da crítica das

quatro primeiras obras do escritor, como *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-Chácara, Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, abordadas por Pereira (2001), que faz as seguintes observações:

Sob essas perspectivas, os críticos revelam um escritor que problematiza a questão de gênero, o processo ficcional e cultural, numa indagação constante e nervosa sobre os rumos tomados pela moderna ficção brasileira.

A autora revela em suas análises a ânsia da crítica em conceituar a obra do autor, pois era preciso justificar a aceitação dessa literatura, sempre entre as mais solicitadas daquele momento. Nota-se, entretanto, que essa inquietação vai desdobrando-se com outras questões envolvendo fato e ficção em publicações que se seguem após *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, em que Lima Barreto é personagem de João Antônio, e *Lambões de Caçarola*, o mito de Getúlio Vargas interpretado pelos moradores do Beco da Onça.

Esses foram os aspectos abordados no presente trabalho. Sabemos que o texto em si permite infinitas leituras e nossa proposta se restringe apenas a algumas delas. Procuramos, assim como Jane Christina Pereira, dar um caráter bastante prático no que se refere ao levantamento dos textos críticos e resenhas comentadas, de modo a facilitar futuras pesquisas sobre o escritor João Antônio. Apesar de esta pesquisa constituir uma continuidade de um trabalho já iniciado por Pereira, o estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio ainda está em andamento, sendo necessário um terceiro estudo abordando o período de 1989 até o presente. Cumprimos uma segunda etapa, contribuindo, como vários pesquisadores da área, para que novos caminhos sejam abertos ao desvendamento do imenso universo da obra literária de João Antônio.

---

<sup>6</sup> Quando João Antônio afirma que alguns *best-sellers* têm mais comércio no Brasil do que as obras nacionais, o escritor refere-se a alguns autores e não obras de valor para nossa literatura, já que o mesmo possui em seu acervo todos os clássicos da literatura alemã, russa, espanhola etc.

## 6. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

LIMA Barreto por João Antônio. *Livraria Cultura Imprensa*, São Paulo, 1977.

(1a) Esta entrevista é sobre o livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, que seria o mais recente trabalho do escritor. Este faz comentários significativos a respeito de seu interesse em destacar Lima Barreto neste livro e expõe suas idéias a respeito do depoimento do professor Carlos Alberto de Nóbrega no sanatório da Tijuca.

JOÃO Antônio. *Livraria Cultural Imprensa*, São Paulo, 1977.

(1b) Breve reportagem sobre a publicação da trilogia *Três Contos do Rio*. João Antônio faz um depoimento sobre a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Além disso, o texto traz considerações sobre a coleção da Revista *Extra- Realidade* e o desenvolvimento do inédito personagem do escritor, o Jacarandá.

CANÇADO, José Maria. O que pode a literatura. *Setedias*, Nº 15, 1977.

(1c) Partindo de uma entrevista feita com João Antônio, em que o escritor alertava para a valorização da literatura local, em Niterói, a professora Ana Maria Caldeira toma a frente de um projeto ,“Recontar”, que tem o objetivo de divulgar e promover a literatura local. O texto traz os passos dados, até então, para a concretização do projeto.

FARIAS, Marcílio. Castelo! *Literatura*, 1977.

(1c) João Antônio é citado, neste breve texto, como um dos renovadores das técnicas narrativas já iniciadas, segundo o autor, por Castelo em sua obra *Arco do Triunfo*.

PRADO, Wil. *Calvário e Porres do Pingente Lima Barreto*, s.l., 1977.

(2a) O autor faz um pequeno paralelo entre a primeira obra de João Antônio, *Malagueta Perus e Bacanaço* e *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, por ocasião do lançamento da última pela Civilização Brasileira. Fatores como linguagem, ambientações e personagens são salientados pelo resenhista.

CONDÉ, Elysio. Autores brasileiros editados na Argentina. *Jornal de Letras*, jan. 1977.

(2a) Trata-se da estréia da antologia *Quince cuentistas brasileños de hoy*, em Buenos Aires. Entre quinze contistas brasileiros que, segundo o texto, destacam-se na Argentina, está João Antônio.

O ENCONTRO histórico dos campeões da sinuca. *O Globo*. Rio de Janeiro, 1977.

(1b) Por ocasião do filme *O Jogo da Vida*, extraído da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio, os reis do taco Carne Frita e Joaquinzinho disputam uma partida de sinuca. O texto traz considerações sobre o jogo e como ocorreu a aparição dos mestres do “desacato e da picardia”, como afirma o autor.

MANDATTO, Jácomo. João Antônio: I/mortal na casa dos quarenta, p. 1-5, jan. 1977.

1b) Neste texto o autor traça um breve panorama da carreira e vida pessoal de João Antônio, que incluiria, a amizade do autor com o escritor homenageado.

AZAMBUJA, Norton de. Porres do Pingente . *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 6 jan. 1977.

(2a) Este texto refere-se ao lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor aponta, sinteticamente, o estilo irreverente de João Antônio. Este, em seu depoimento sobre o escritor “mulato”, utiliza uma nova maneira de narrar. Azambuja elogia o trabalho de João Antônio e afirma que é um dos poucos escritores brasileiros que vivem de sua literatura.

FRANCA, Jamari da Costa. Escritores debatem: é preciso ler mais autores brasileiros. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 8 jan. 1977.

(1c) O autor discute o tema de uma mesa redonda promovida pelos estudantes de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O debate é a respeito dos preços inacessíveis dos livros às classes populares. João Antônio, neste debate, lembra que uma das principais razões para a baixa tiragem dos livros, além dos preços, é a inexistência do hábito de leitura.

SILVA, Aguinaldo. O escritor João Antônio e sua gente mal comportada. *Correio Braziliense*, Brasília, 9 jan. 1977.

(2a) Aguinaldo Silva disserta sobre as personagens centrais da obra *Leão-de-chácara*, que são “Pirraça” e “Paulinho Perna Torta”. Comenta nesta resenha o envolvimento do escritor com seus personagens. O autor destaca também a singularidade de João Antônio perante a literatura de seu tempo.

RELAÇÕES perigosas. *Veja*. São Paulo, p.96, 12 jan. 1977.

(1b) A reportagem é sobre o desentendimento de João Antônio com o cineasta Maurice Capovilla. O escritor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* acusa Capovilla de roubar 64.000 cruzeiros dos direitos autorais. Em meio a esses argumentos acabam surgindo referências sobre as relações (nada louváveis) entre os escritores e os homens de cinema.

LIMA, Roque de. Casa de Loucos. *Saga*. p.16, 16 jan. 1977.

(1b) João Antônio, neste texto, é comparado com Lima Barreto. O autor fala sobre a venda de cinco mil exemplares de *Casa de loucos*. O escritor expõe tópicos do conteúdo da obra e discorre sobre como foi o processo de criação da mesma.

JOÃO ANTÔNIO: Ô Copacabana. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 19 jan. 1977.

(2a) Nesta breve resenha do lançamento do livro *Ô Copacabana*, é ressaltada a desmitificação da chamada “Princesinha do mar”. João Antônio fala de seus personagens e o que eles representam enquanto denúncia social.

JACARANDÁ na Praça. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1977, p.10.

(1b) O personagem Jacarandá é apresentado no jornal em razão do aniversário da cidade de São Paulo, representando o homem paulistano. João Antônio fala do processo de criação desse personagem e o que o inspirou na construção do mesmo.

JOÃO ANTÔNIO e suas viagens pelo Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1977, p.29.

(1b) Neste texto, é ressaltado o trabalho de divulgação da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Naquele período, João Antônio visitou cerca de trinta faculdades de Letras no país. Seu objetivo era ter sua obra popularizada e consumida pelos jovens brasileiros.

ESCRITOR vira caixeiro viajante da literatura. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1977.

(1b) Neste texto, o escritor comenta o trabalho de divulgação de suas obras, quando visitou cerca de trinta faculdades. Seu maior interesse é conversar com os estudantes, propondo uma ampliação do universo de leitores de suas obras e derrubar mitos sobre os escritores. Além disso, sugere uma reforma geral por parte dos editores.

JOÃO ANTÔNIO e outras novidades: (Malagueta, Perus e Bacanaço: João Antônio no cinema). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 jan. 1977, p.2.

(2a) Trata-se da estréia do filme *Jogo da Vida*, dirigido por Maurice Capovilla. Este coloca o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* no mesmo patamar que Mário de Andrade e Alcântara Machado, já que estes retratam determinados grupos sociais que também são focos de interesse do diretor.

PRADO, Wilson. Quem tem o que dizer não deve calar. *Unitário*. Fortaleza. 30 jan. 1977, p.15.

(1b) O autor revela a polêmica causada por João Antônio no meio literário, em razão de sua autopromoção e do sucesso de suas vendas. Prado comenta, ainda, a constante devoção do contista ao escritor Lima Barreto. No texto, o escritor paulista comenta problemas no comércio de livros e o “ostracionismo” em que viveriam o livro e o escritor do Brasil.

MALHAÇÃO DO JUDAS CARIOCA. *Diário do Paraná*. Curitiba, 2 fev. 1977.

(2a) Trata-se de uma ficha de orientação e leitura para uso dos professores de português e literatura. O roteiro está dividido em duas fases: a primeira se compõe da apresentação do livro aos alunos e da preparação de leitura. A segunda diz respeito à verificação e aproveitamento da leitura, assim como a abordagem literária da obra.

BATISTA, J. O. Autores nacionais. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 6 fev. 1977.

(1c) O autor comenta a desvantagem dos escritores em relação à venda de seus livros. João Antônio é citado como um lutador exemplar, que sai de seu “gabinete intelectual” para propagar suas obras diretamente entre o público.

PRADO, Wil. Casa de Loucos. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 fev. 1977, p.5.

(2a) Neste texto, o resenhista resalta a singular obra *Casa de Loucos*, que, segundo ele, possui um estilo que se destaca num tempo impregnado de modismos e “invencionismos baratos”. Prado resume os principais textos da obra, classificando-os como crônica, já que retratariam os costumes e vícios do homem brasileiro.

ROCHA, Glauber. R.O.T.A V.A L.O.P.E.R.O S.M.A N. *Pasquim*, Rio de Janeiro, 11-17 fev. 1977.

(1c) Texto informativo sobre o lançamento da obra *Avalovara*, de Osman Lins, a qual é classificada como “realismo inconsciente”. O autor compara, brevemente, a obra com outras desta época, citando o “fecundo Juan Antonio”, como um dos grandes escritores brasileiros.

CELSO, Carlos. (1) Mais um “round”: Capovilla vs João Antônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 fev. 1977.

(1b) O texto relata os desdobramentos da briga entre João Antônio e Maurice Capovilla. Aqui, o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* reclama uma prestação de 15 mil cruzeiros referente aos direitos autorais do filme.

CELSO, Carlos. Mais pimenta entre Capovilla e João Antônio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 fev. 1977.

(1b) De acordo com Celso, a nota publicada na edição anterior do jornal teria acentuado ainda mais a rixa de João Antônio e o diretor do filme *Jogo da Vida*, Capovilla. Segundo o autor, o escritor continuava reclamando os direitos autorais, mas o responsável pelos documentos, José Zimmerman, informava que o valor não teria sido pago porque o “caso” estaria nas mãos de um advogado.

APRENDA divertindo-se. *Capricho*. São Paulo, Nº 425, 23 fev. 1977.

(1c) O livro *Leão-de-chácara* de João Antônio aparece juntamente com *Berra, Coração*, de Lourenço Diaféria e outros autores. Estes são indicados para todos os tipos de leitores pela linguagem e temática extraídas de fatos reais.

NUM único livro os escritores mais censurados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1977.

(1c) Lançamento do quarto número da revista *Extra-Realidade* intitulada “Malditos Escritores”, do qual João Antônio foi o organizador.

FRANCA, Jamari da Costa. É preciso ler mais os autores brasileiros. *O Popular*. Goiânia, 24 fev. 1977.

(1b) O autor disserta sobre o principal assunto discutido numa mesa redonda promovida pelos estudantes de Letras da Pontifícia Universidade Católica. Segundo ele, a principal sugestão levantada por escritores como João Antônio, Nelida Piñon e outros, teria sido a criação de uma lei obrigando a edição de livros de autores nacionais. A precariedade da literatura também foi discutida, assim como a inexistência de hábito de leitura em muitos brasileiros.

JOÃO ANTÔNIO: *Extra-realidade brasileira*. São Paulo, Ano I, nº4, p. 45, mar. 1977.

(1b) Neste texto há breves considerações a respeito da carreira literária de João Antônio. São ressaltadas as polêmicas que envolvem o escritor pelo seu estilo literário, sendo comparado ao francês Rabelais. Obras como *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-Chácara* e *Malhação do Judas Carioca* são citadas, assim como seu envolvimento com a literatura e o jornalismo.

SILVA, Mylton Severiano. O poeta da geração amordaçada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1977, p.31.

(1c) Esta coluna literária noticia o lançamento do poster-poema de Otoniel Santos Pereira, amigo de João Antônio. O texto remete a um diálogo entre o escritor e o poeta. Este reclama ao autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* que, ao contrário do que ocorre com o conto e o romance, a poesia não passa por nenhum “boom” literário. Talvez esse fato ocorra, segundo o poeta, devido ao distanciamento da poesia com a realidade. Para Otoniel Pereira, a poesia atual estaria mais para Casimiro de Abreu do que para Castro Alves.

PRADO, Wil. João Antônio: um escritor a todo vapor. *Correio Braziliense*. Brasília, 1 mar. 1977.

(1b) O trabalho intelectual da auto-divulgação de João Antônio é o tema deste artigo. Dividido em três tópicos, o texto fala de uma antologia de escritores brasileiros organizada por João Antônio e inserida no 4º número da revista *Extra Realidade*, intitulada “Malditos Escritores”. Além disso, o texto cita sua participação na comissão julgadora do concurso nacional de contos UNIBANCO e a assinatura do contrato com um agente literário de Nova Iorque.

INOJOSA, Joaquim. Elementos perturbadores da cultura brasileira. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 4 mar. 1977.

(1b) Nesta reportagem é ressaltada a baixa repercussão dos livros de autores brasileiros nas universidades. O autor cita as revelações feitas por João Antônio que, ao percorrer as várias faculdades do Brasil, teria notado que os livros mais adotados eram Hermann Hesse, Saint-Exupéry e Irving Wallace. Uma lamentável invasão da “discutível” cultura estrangeira no país, segundo João Antônio.

SCHRAMM, C.O. João Antônio ainda não entendeu. *Correio Braziliense*. Brasília, 5 mar, 1977.

(1a) O autor deste texto comenta o método rigoroso com que João Antônio critica a obra de alguns escritores. No último número de *Opinião*, o escritor paulista, em sua crítica intitulada “A cidade escapa outra vez”, teria afirmado não ver autenticidade no livro-reportagem *Metrópole*, de Murilo Carvalho. Schramm conclui que o escritor de “A arte de chutar tampinhas” age como se fosse “dono de São Paulo” e, particularmente, da Lapa. Para o autor, o drama do homem de São Paulo deveria ser retratado de mil formas diversas e não só numa coletânea de textos de uma época.

MALDITOS escritores. *Última Hora*. São Paulo, 5 mar. 1977.

(1b) O texto é sobre a publicação de mais um número da revista *Extra-Realidade Brasileira* que reúne escritores considerados sujos e malditos. Tendo João Antônio como organizador da coletânea, o livro é uma reunião de textos comprometidos com o “fedor do povo e não cheira a gabinete”. Segundo ele, longe das propostas literárias ou modelos já deteriorados, a preocupação giraria em torno da “recolocação” de um novo conceito estético das camadas subalternas, que se encontraria escasso na literatura brasileira.

MALDITOS escritores: a realidade, a literatura e os malditos escritores. *Folha de Londrina*, 8 mar. 1977.

(2a) Esta resenha trata do lançamento do jornal-livro *Extra-Realidade*. O autor ressalta o caráter ofensivo com que os (malditos) escritores transmitem a realidade brasileira. Organizada por João Antônio, a revista conta com os mais ousados escritores do momento, como Plínio Marcos, Chico Buarque e Aguinaldo Silva.

FRANKLIN, Jorge. Calvário e Porres. *Jornal de Serviço*, Natal, 9 mar. 1977.

(2a) O texto ressalta o lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* pela Civilização Brasileira, que estava em fase de impressão. O resenhista tece já algumas considerações sobre a obra, assim como sobre o trabalho realizado por João Antônio acerca do escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

EXTRA-Realidade brasileira aponta os escritores malditos no Brasil. *A Gazeta*. Vitória. 9 mar. 1977, p.9.

(2a) Esta resenha exalta o lançamento da revista *Extra-Realidade Brasileira* nº 4, organizada por João Antônio. O resenhista transcreve a apresentação escrita pelo contista, intitulada “O buraco é mais embaixo”. Nela são discutidos os “modismos literários” e a proposta de uma literatura comprometida com a realidade brasileira.

SILVA, Aguinaldo. O escritor João Antônio e sua gente mal comportada. *Destaque Literário*. Nº 11, 11 mar. 1977.

(3b) Neste artigo, Aguinaldo Silva focaliza as principais características de *Leão-de-chácara*, analisando, principalmente, as personagens Pirraça e Paulinho Perna Torta. O articulista ressalta a maneira como João Antônio constrói esses personagens extraídos da marginalidade.

FAE, Walter José. Malditos escritores & Castro Alves. Campinas, s.l., São Paulo, 12 mar. 1977.

(2a) Neste texto, referente ao lançamento da revista *Extra-Realidade brasileira*, é anunciado o volume *Malditos escritores*, que começa a ser vendido. Fae ressalta a liberdade de expressão dos escritores e o poder da censura, já que um escritor pode incomodar a muitos. Como argumento, o autor analisa uma epígrafe original de Castro Alves e uma transcrição desta ao ser publicada. Assim, procura comprovar que muitas vezes é na transcrição dos versos que ocorrem as mudanças mais agressivas na escrita do poeta.

REALISMO sem retoque: o tema da antologia de nove contistas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 mar. 1977.

(1b) A reportagem trata dos contos inéditos dos *Malditos Escritores* reunidos na revista *Extra-Realidade*. João Antônio faz a apresentação da antologia, recusando o rótulo de “parajornalismo” ou “conto-reportagem”. O texto aborda os personagens de classe média e o mundo miserê, assim como a temática e a linguagem estilizadas pelos escritores reunidos na obra.

PÓLVORA, Hélio. Pura realidade. *Veja*. São Paulo, p.111, 16 mar. 1977.

(2a) Esta resenha é sobre o lançamento da coletânea “*Malditos Escritores*”, organizada por João Antônio. Pólvora aborda, de maneira geral, os temas e seus respectivos autores. O resenhista ressalta também a renovação que estaria ocorrendo na cultura brasileira. Comenta, por fim, o compromisso social que não “sonega” a escritura artística, apesar do teor de reportagem.

ESCOVEDO, Sérgio. *Malditos Escritores*. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1977.

(2a) Sérgio Escovedo levanta questões relevantes a respeito do lançamento de *Malditos Escritores*. Segundo o autor, o estilo denunciador dos meios de comunicação já existiu na revista *Alternativa*, também fruto de um trabalho orientado com opinião editorial. Apesar de não ser popular, a visão de Escovedo, esta coletânea pode ser considerada um dos melhores (e maiores) manifestos contra a alienação cultural no Brasil.

ROCHA, Jesus. Os críticos criticados (a revanche dos artistas). *O Globo*. 28 mar. 1977, p.37.

(1b) Jesus Rocha faz um levantamento da opinião de alguns escritores a respeito da crítica literária no Brasil. Entre Luiz Cláudio, Arnaldo Jabor, Carlos Lyra e outros, está João Antônio. Este ressalta a falta de “infraestrutura de divulgação cultural” que seria o ponto básico para uma crítica literária eficiente, segundo o escritor.

DA ARTE de ser maldito. *Jornal de Ipanema*, 1 a 14 abr. 1977.

(2a) Resenha por ocasião do lançamento de *Malditos Escritores*. No texto, há referências quanto à temática, à participação dos autores e à ideologia do grupo. João Antônio é citado por dar conferências em universidades e, conseqüentemente, promover o lançamento de novos escritores.

OS LIVROS da Semana. *Diário da Tarde*, Juiz de Fora, 11 abr. 1977, p.3.

(1c) Lançamentos de quinze obras de diversos autores como Wander Neruda e Osório Alves de Castro. A coletânea *Malditos Escritores* e o livro *Casa de Loucos*, de João Antônio, estão incluídos.

A LITERATURA que faz questão de ser suja, (Malditos escritores) *Folha de Londrina*, Londrina, 13 abr. 1977.

(1b) Depoimento de João Antônio publicado em “Arte e comunicação”. O escritor fala da elaboração da revista *Extra-Realidade*, especificamente sobre o volume intitulado *Malditos Escritores*. O escritor faz um depoimento feroz ao falar das relações entre literatura e realidade social.

RIBEIRO, Leo Gilson. Uma coletânea de contos? Não, de dogmas ditatoriais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1977, Folha da Tarde, p. 18.

(3a) Neste ensaio, Gilson Ribeiro discorre a respeito da coletânea *Malditos Escritores* e a maneira irreverente como João Antônio abordaria a realidade brasileira na literatura. O escritor é comparado a Rabelais e ao naturalista Zola, por seu estilo contundente e inovador. Traçando um panorama histórico da literatura, Ribeiro coloca em questão a própria identidade e a finalidade da escrita literária.

O AUTOR nacional quer 20% de atenção. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 de abr. 1977.

(1c) A discussão gira em torno da porcentagem que os poetas, contistas, romancistas e teatrólogos nacionais recebem, a título de direito autoral, das edições feitas no Brasil. O autor do texto cita um pequeno depoimento de João Antônio revelando o valor precário que os escritores recebem pelos direitos autorais. Segundo o escritor paulista, os autores brasileiros recebem apenas 20% do valor total das vendas de seus livros.

FARIA, Álvaro de. A controvérsia. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 17 abr. 1977, p.2.

(1b) Esta reportagem ressalta um aspecto inédito da publicação de *Malditos Escritores*. Segundo o autor, apesar do título da revista, escritores como Inácio de Loyola Brandão, José Louzeiro e Rubem Fonseca ficaram fora da coletânea. Depois de ser acusado como o culpado por essa exclusão, João Antônio esclarece que procurou pelos três durante muito tempo, mas não os encontrou. A versão dos excluídos, transcrita no texto, desmente João Antônio, mantendo a controvérsia.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Como se orientar pelo boom de 77 e arredores. *Homem*. p.18, abr. 1977.

(2a) Galvão faz um recorte dos nove contos inseridos na revista *Extra-Realidade*. O autor considera a ideologia da revista como um “quase manifesto” e João Antônio como um dos “vanguardeiros do boom”, pela sua experiência enquanto escritor.

MEMORANDUM. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Minas Gerais, 23 de abr. 1977, p.11.

(1c) João Antônio é citado, entre outros, pela sua participação no “I Festival de Poesia” ocorrido em Varginha, como jurado e prestigiador do evento.

CORRÊA, Maurício. Um inédito de João Antônio no Peito e na Raça. *Posição*. Vitória, 26 abr. 1977.

(1c) Este texto traz o depoimento de João Antônio a respeito da organização da antologia *Malditos Escritores*, assim como a escolha dos nove participantes. O organizador expõe a idéia central da obra e sua pretensão ao criar esse fenômeno na literatura.

SALLES, Fritz Teixeira de. Os dias tecem seu texto. *Correio do Povo*, 30 abr. 1977.

(3b) O artigo aborda a questão do conto enquanto gênero na modernidade. Salles, partindo de aspectos formais e temáticos em “Malditos Escritores”, traça as características que marcam esse gênero. Para o articulista, elementos como “redução do fabulário”, “empenho desretorizante da linguagem” e a “inversão do extrato conteudístico” são os traços principais que aproximam o escritor do leitor, característica, aliás, dos contos incluídos na revista *Extra-Realidade*.

EM DEBATE a literatura brasileira. *Diário Mercantil*. Assis Chateaubriand, 4 maio 1977, 12 p.

(1b) O texto fala da promoção de um debate sobre literatura brasileira contemporânea feita pelo Centro de Estudos de Letras da UFJF, de que João Antônio, Antonio Torres e Wander Piroli fizeram parte. João Antônio é destacado como o “astro da literatura amassada” nesta reportagem.

OS MAIS vendidos. *Diário Mercantil*. Assis Chateaubriand, 6 maio 1977, 12 p.

(1c) Entre os escritores citados como mais vendidos estão João Antônio, Wander Piroli, Chico Buarque e vários outros. Entre os dez livros mais procurados, está o *Leão-de-chácara*.

MEMORANDUM. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Minas Gerais, 7 maio 1977.

(1c) João Antônio é citado neste texto por fazer parte da revista Nº 2 de *Saga*. Neste número, o escritor faz um depoimento sobre Lima Barreto, a propósito do lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

ESCRITORES renovam protestos à censura. *Fluminense*, Rio de Janeiro, 11 maio 1977.

(1b) Esta reportagem aborda uma palestra em Juiz de Fora para o lançamento oficial da revista *Extra-Realidade* dirigida por João Antônio. Este discute questões relevantes como a auto-repressão por parte de alguns autores brasileiros, o estímulo da leitura nos jovens e a relação estreita do escritor com seus personagens.

DO INCÊNDIO nasceu o gênio: João Antônio, um dos malditos. *O Fluminense*. Rio de Janeiro, 11 maio 1977.

(1b) Nesta reportagem, encontram-se dados biográficos do escritor e o que o inspirou a escrever as obras *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, com referências ao incêndio que, segundo João Antônio, teria destruído os originais de sua primeira obra, obrigando-o a reescrevê-la. Há também considerações relevantes a respeito do lançamento de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

GOMES, Duílio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Minas Gerais, 14 maio 1977, p. 9.

(2a) Nesta concisa resenha é destacado o lançamento de *Malditos Escritores*, assim como são mencionados alguns contos inéditos de João Antônio naquela publicação. Os flagrantes da realidade brasileira presentes na obra do contista são citados e elogiados por Duílio Gomes.

JORNAL dos Sports. Rio de Janeiro, 14 maio 1977.

(1c) Nota sobre uma tarde de autógrafos dos livros de Mário Lago e João Antônio, com informações breves sobre o evento.

FARIAS, Marcílio. A maldição e o medo de todos nós. *José*. Brasília, 15 maio 1977, p.15.

(3b) Marcílio Farias busca o significado da expressão “Malditos Escritores” no título da revista *Extra-Realidade*. Para o articulista, esta expressão adquire outras conotações em meio a um período dominado pela censura.

O TRADUTOR. *Veja*, São Paulo, p. 127-128, 18 maio 1977.

(1b) Esta entrevista é sobre o tradutor alemão Meyer-Clason, que traduziu *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. O tradutor cita os autores brasileiros mais conhecidos na Alemanha, entre os quais está João Antônio, no âmbito da literatura contemporânea.

CALVÁRIO e Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto: novo livro de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 maio 1977.

(2a) Este texto trata do lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor faz considerações sobre a obra e exalta o novo estilo de narrar de João Antônio.

CUNHA, Fausto. O erotismo marginalizado da antologia à banalidade. *Status*. São Paulo, nº 35, p.37, jun. 1977.

(1b) Esta reportagem é sobre a posição relevante que João Antônio ocupa na defesa dos direitos autorais e “materiais” do escritor brasileiro. Cunha também ressalta o “projeto corpo-a-corpo” que é a base ideológica da revista *Extra-Realidade*. Segundo o autor, esta temática também seria trabalhada pelos escritores Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e vários outros participantes do projeto.

JOÃO Antônio fala sobre “Casa de Loucos”. *A Gazeta*. Vitória, 05 jun. 1977, p.4.

(2a) Neste texto, João Antônio traça um perfil da sua obra *Casa de Loucos*. Para o autor, este livro é uma espécie de “outra face” de *Malhação do Judas Carioca*. O texto traz breves considerações sobre a temática e o enfoque de alguns personagens.

PRADO, Wil. Calvário e Porres do Pingente Lima Barreto. *Correio Braziliense*, 7 jun. 1977.

(2a) Esta resenha trata do lançamento do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O resenhista classifica esta obra como uma biografia do escritor Lima Barreto e ressalta a linguagem e o vocabulário marginal. Para Prado, essas características seriam marcantes na obra de João Antônio.

MENEZES, Carlos. De uma conversa no sanatório sai livro sobre Lima Barreto. *O globo*. 9 jun. 1977.

(2a) Carlos Menezes, ao apresentar uma breve resenha sobre *Calvário e Porres do Pingente Afonso de Lima Barreto*, revela que a obra resultou de um depoimento colhido em 1970 por João Antônio, no sanatório da Muda. Diante desta premissa, o resenhista aponta outras obras marcantes sobre a vida de Lima Barreto.

*JORNAL do Brasil*, 13 jun. 1977.

(1c) Breve nota sobre o lançamento de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, na qual o autor fala de uma novela de pura imaginação, chegando a atribuir a uma possível “psicografia” a relação entre as mentes de Lima Barreto e João Antônio.

QUATRO escritores vão dar curso de literatura. *Estado de Minas Gerais*- Belo Horizonte, 14 jun. 1977.

(1c) Este texto trata de uma breve anúncio sobre os quatro escritores que foram indicados pelo vestibular da Universidade Católica. Entre outros, Wander Piroli e Luiz Vilela discutem suas obras com os alunos. O pioneiro João Antônio é citado por sua teoria do “Corpo-a-Corpo” e por suas jogadas de marketing e auto-promoção na venda de seus livros.

BERABA, Marcelo. Vida e morte do Quixote Afonso Henriques de Lima Barreto. *O Globo*. 19 jun. 1977, p.5.

(1b) Esta reportagem cita dados autobiográficos a respeito da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Vários depoimentos de João Antônio sobre o processo de criação da obra são citados, assim como considerações do professor e ex-

jornalista Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que cedeu informações relevantes para o conteúdo do livro.

AMANHÃ, no Teatro-Estúdio, fala o escritor João Antônio. *A Gazeta*. Vitória, 23 jun. 1977.

(1b) O texto trata do trabalho realizado por João Antônio ao discutir com os alunos da Universidade Federal do Espírito Santo sua obra *Casa de Loucos*. O escritor ressalta a importância que atribui aos debates acerca de sua obra com seus leitores.

GOMES, Duílio. O fenômeno João Antônio. *A Gazeta*, Vitória, 23 jun. 1977.

(1b) O autor expõe uma breve biografia de João Antônio. O texto se inicia com abordagens sobre sua primeira obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, juntamente com informações sobre os acontecimentos na carreira do escritor. O texto “Olá, professor, há quanto tempo” ocupa um lugar considerável na matéria.

CALVÁRIO e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Minas Gerais, 25 jun. 1977.

(2a) O resenhista faz comentários a respeito da construção do quinto livro de João Antônio, *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. A entrevista com Carlos Alberto Nóbrega da Cunha e a formulação do depoimento foram organizados pelo escritor, que não mede esforços para homenagear seu grande ídolo da literatura brasileira, Lima Barreto.

ALVES, Eduardo Francisco. Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. *Destaque*, (Suplemento Cultural do Jornal de Minas). Belo Horizonte, nº6, 26 jun. 1977.

(2a) Esta resenha ressalta a originalidade e a singularidade de *Calvário e porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* em relação aos outros livros de João Antônio. Utilizando um discurso espiritualista, Eduardo Alves fala de uma certa “psicografia espiritual” (não a de Allan Kardec), resultante de uma íntima ligação intelectual entre João Antônio e Lima Barreto.

JOÃO Antônio faz palestra e UFES cria coordenadoria. *A Tribuna*. Vitória, 28 jun. 1977.

(1a) Esta entrevista aborda questões a respeito da luta de João Antônio com os editores brasileiros, os problemas que impedem a circulação dos livros no Brasil e sua última produção, *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Um outro ponto discutido é o que originou o interesse de João Antônio pelo autor de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

MIRANDA, Tavares de. São João no Paulistano. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1977.

(1c) Entre vários anúncios está o lançamento do livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor faz breves considerações sobre a noite de autógrafos da obra.

GUIMARÃES, Torrieri. Tome Nota. *Folha da Tarde*, São Paulo, 30 jun. 1977.

(1c) Neste breve texto, além da nota de lançamento do livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, há o anúncio de um evento em praça pública em que João Antônio seria entrevistado por intelectuais e pelo povo ali presente.

JOÃO Antônio, no sábado da editora. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 de jun. 1977.

(1c) Esta breve nota anuncia o lançamento da obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e também a presença do escritor num evento da Livraria Brasiliense e da Editora Civilização Brasileira.

LYRA, Pedro. O riso dos pingentes. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 jul. 1977, p.3.

(2a) Entre outras resenhas está a do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Ao comentar as resenhas de obras de Macedo Dantas, Xavier Marques e David Salles, todas de caráter autobiográfico, Lyra exalta a obra de João Antônio, por conseguir uma ótima colocação nas vendas e por prestigiar um escritor importante e marginalizado de nossa literatura. Para o resenhista, João Antônio vai além do biografismo no livro sobre Lima Barreto.

A.M. Livro e palestra sobre a obra de Lima Barreto. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 jul. 1977.

(1b) Reportagem por ocasião de lançamento do livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O texto fala da polêmica levantada pelo depoimento fornecido pelo professor Carlos Alberto Nóbrega acerca da origem do livro.

DEPOIMENTO. *A Gazeta*. Vitória, 3 jul. 1977, p.6.

(2a) O resenhista comenta sinteticamente o conteúdo da obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e em seguida transcreve um trecho do livro de João Antônio.

CALVÁRIO e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto, de João Antônio. *O Norte*, João Pessoa, 5 jul. 1977.

(2a) Para o resenhista, esta obra inova por se tratar de “uma nova forma de psicografia”, já que Lima Barreto, segundo o autor, é o pai espiritual do escritor paulista, daí a conexão perfeita entre ambos.

LIMA Barreto (I). *Encontro*, 09 jul. 1977.

(2a) Nesta resenha, Lima Barreto é destacado na obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, de João Antônio. O resenhista faz uma busca nos trabalhos realizados por diversos escritores nacionais sobre o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e compara esses estudos com o livro do escritor paulista.

JOÃO Antônio está de volta para contar do Calvário e porres de Lima Barreto. *Diário do Povo*, Campinas, 10 jul. 1977.

(2a) Breve resenha sobre a obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, em que há alguns pensamentos de Eduardo Francisco Alves a respeito do processo de criação do livro, além de considerações biográficas do escritor João Antônio.

HOHLFELDT, Antônio. A literatura da resistência. *Correio das Artes*. João Pessoa, 10 jul. 1977, p.14.

(3a) Este artigo de Hohlfeldt trata de uma crítica a respeito da obra de Wander Piroli, *A Mãe e o Filho da Mãe*. O articulista, ao rastrear a opinião da crítica, elogia a ousadia de João Antônio, ao aproximar Piroli de Drummond. Para o autor, essa comparação é feita de maneira coerente pelo autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço. *Diário da tarde*, Juiz de Fora, 12 jul. 1977, p.3.

(1c) Breve nota que ressalta os dez livros mais vendidos da semana. Entre outros, estão *Quiabo Comunista*, de Eduardo Novaes, *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza etc. O livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* faz parte das obras mais solicitadas pelo público leitor.

GUIMARÃES, Torrieri. Tome Nota. *Folha da tarde*. 12 jul. 1977. Ilustrada.

(1c) Entre outros anúncios está o lançamento de uma festa na rua Barão de Itapetininga, em São Paulo, em que João Antônio estaria sendo entrevistado pelo povo e pelos intelectuais paulistas.

CURY, Cléa. Três malandros querem ver o circo pegar fogo. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 13 jul. 1977.

(1b) Reportagem acerca do longa-metragem *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla, baseado no texto "Malagueta, Perus e Bacanaço", de João Antônio. O cineasta faz considerações relevantes a respeito da temática, dos personagens e de sua intenção ao escrever sobre a realidade brasileira.

PEREIRA, Reinaldo Dacheux. Pensamento vivo de um artista. *Departamento de promoções*, Curitiba, 21 jul. 1977.

(1c) Breve nota a respeito do lançamento da obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, assim como o destaque para o professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha que teria dado seu depoimento a João Antônio, no sanatório da Tijuca.

JOÃO Antônio conta a vida de Lima Barreto. *Correio*. 21 jul. 1977, p.13.

(2a) Esta resenha é por ocasião do lançamento do livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Este texto contém informações básicas a respeito do mercado editorial e sua relação com o escritor. Além desses tópicos, discute-se a temática inovadora em relação aos livros anteriores de João Antônio.

CALVÁRIO e Porres de Lima Barreto. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1977.

(2a) Nesta resenha há alguns trechos da obra em sua introdução e uma breve reflexão do resenhista que afirma um “pensamento vivo” do escritor João Antônio na obra *Calvário e Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

MENEZES, Carlos. Sem Título. *O Globo*. 26 jul. 1977.

(1c) Breve nota sobre os livros mais cotados para o prêmio Luiza Cláudio de Souza para o ano de 1977. Entre vários outros está *Casa de Loucos* de João Antônio.

VIEIRA, Flávio Pinto. *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. Pasquim*. Rio de Janeiro, 29 jul. 1977.

(2a) Esta sintética resenha trata do lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor aponta o processo de produção assim como o pensamento vivo de Lima Barreto na obra.

GUIMARÃES é o escritor mais completo do continente. *Jornal Universitário*, Recife, ago. 1977.

(1c) O tradutor alemão, Curt Méier Clason, ao comentar sobre o processo da tradução da obra de Guimarães Rosa, aponta novos nomes na literatura que são conhecidos na Alemanha, como Nélide Pinõn, Rubem Fonseca e João Antônio. Para o tradutor, esses são as revelações dos escritores contemporâneos.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Os males da sociedade, na mira de nossos escritores. *Homem*, ago. 1977.

(3b) Esse artigo trata da importância de alguns escritores brasileiros que não se intimidam com os modismos literários pré-estabelecidos. João Antônio seria o exemplo deste tipo de escritor que, totalmente inovador, buscaria a originalidade em primeiro lugar. O texto também traz considerações sobre a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

MENEZES, Carlos. João Antônio... *O globo*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1977.

(1c) Nota sobre o convite feito para João Antônio e Antônio Torres pelo *Internacional Writing Program*, da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, para uma apresentação da antologia de escritores brasileiros destinados aos estudantes do segundo ciclo.

LIVROS e Letras. *O Momento*. Corumbá, 7 ago. 1977.

(2a) Esta resenha é por ocasião do lançamento de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor exalta a obra de João Antônio por ser “uma colcha de retalhos”, devido ao processo de construção da obra.

CALVÁRIO e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. s.l., Curitiba, 7 ago. 1977.

(1c) Pequena nota sobre o lançamento de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor fala sinteticamente sobre o processo de colagem na obra de João Antônio.

DE CARA amarrada. *Veja*. São Paulo, 10 ago. 1977.

(1b) Reportagem a respeito do concurso de contos do UNIBANCO. O júri estaria composto pelos ficcionistas Otto Lara Resende, Lygia Fagundes Telles, João Antônio e vários outros. Os contos classificados abordavam uma temática que procurava refletir a realidade brasileira.

WYLER, Vivian. O escritor vai ao público e o público vai ao livro. *J. B. Suplemento Literário*, 13 ago. 1977.

(1b) Este texto trata da divulgação do projeto “O escritor vai ao livro” dedicado às bibliotecas e tem como objetivo divulgar a literatura brasileira contemporânea. João Antônio foi um dos primeiros escritores a participar do projeto.

LOUZEIRO, Luciane. João Antônio mostra barreiras entre o escritor e a população. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1977.

(1b) Nesta reportagem, João Antônio fala dos inúmeros obstáculos que se interpõem entre o povo e a democratização da cultura brasileira. O escritor faz um apelo aos grandes apresentadores, Sílvio Santos e Chacrinha, para divulgarem a literatura nacional.

QUINTELLA, Ary. Em casa de malandro, vagabundo não pede emprego. *Jornal de Brasília*, 16 ago. 1977.

(3b) Neste artigo, Ary Quintella faz um balancete sobre *Leão-de-chácara*, por ocasião da sexta edição da obra. No texto, são ressaltados os personagens, o processo de criação dos mesmos e a ideologia constante na obra, assim como flagrantes da realidade brasileira.

MENEZES, Carlos. Leão-de-chácara. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1977.

(1c) Breve nota sobre a sexta edição do livro *Leão-de-chácara*. O livro foi escolhido pela professora Bernadete Lira, da Universidade Federal do Espírito Santo para leitura dos estudantes da cadeira de Comunicação.

NO CINEMA, os heróis malditos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1977.

(1b) Reportagem feita por ocasião do lançamento do filme *Jogo da Vida*, de Maurice Capoville, extraído da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. Além de dados a respeito de personagens, ambientação e temática do filme, Capoville resalta o processo de criação no trabalho do escritor paulista.

JOÃO Antônio conta aos jovens quem foi Getúlio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1977.

(2a) Esta resenha é sobre o lançamento de *Lambões de Caçarola*, de João Antônio. O texto traz considerações sobre a temática e as personagens. Um outro aspecto ressaltado é o efeito causado por Getúlio entre os jovens leitores, pois o objetivo principal desta obra é informar o que foi a vida política popular do Brasil até o ano de 1954.

PRADO, Wil. O escritor agora um profissional? *Correio Braziliense*, 2 set. 1977.

(1b) Neste texto Wil Prado resalta o sucesso da obra *Lambões de Caçarola*, assim como o interesse de várias editoras em publicar o livro. Conceituada como novela pelo resenhista, esta obra foi o grande destaque de vendas desta época.

ANTÔNIO, João. *Ars Media*. Belo Horizonte, 4 set. 1977.

(1c) Esta nota, do próprio João Antônio, trata de um pequeno anúncio de suas obras *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e *Lambões de Caçarola*

que seriam lançadas em breve. O autor faz um breve comentário dessas obras e sua aceitação no mercado editorial.

RAWET, Samuel. Escreveu um homem chamado Lima Barreto: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre”. *Correio Braziliense*, 4 set. 1977.

(3b) Este artigo é sobre as obras e a vida do escritor Lima Barreto. O autor faz uma crítica à produção de João Antônio e diz ter-se decepcionado com o livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, pois, segundo Rawet, o texto passa uma imagem de derrota do grande escritor mulato. O crítico coloca em dúvida a lucidez do professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que forneceu seu depoimento ao escritor paulista num sanatório da Tijuca.

LEÃO-de-chácara. *Diário da Tarde*. Juiz de Fora, 5 set. 1977.

(1c) Pequena nota que ressalta o sucesso de vendas dos livros *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*. Partindo de considerações estruturais das respectivas obras, o autor comenta um raro lirismo em meio à contundência do escritor ao escrever sobre desumanização da sociedade.

MENEZES, Carlos. Disputado por várias editoras: Lambões de Caçarola. *O globo*, 5 set. 1977.

(1c) Esta nota é referente ao pré-lançamento do livro *Lambões de Caçarola*, disputado por várias editoras. No momento, João Antônio estuda as propostas.

LURDOSO, Dirceu. (*sem título*). Rio de Janeiro, 11 set. 1977.

(3b) Trata-se de uma carta dirigida a João Antônio, numa linguagem quase informal, em que Lurdoso, além de enfatizar considerações históricas e autobiográficas do autor de *Lambões de Caçarola*, exalta o estilo do escritor João Antônio por fugir dos parâmetros pré-estabelecidos dos modismos literários. Pois, nem sempre o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* consegue agradar aos “cultores de um certo estruturalismo universitário e esnobe”, no qual o método é absoluto e a obra de arte é relativa.

MARTINS, Júlio César Monteiro. *Setedias*. 11 set. 1977.

(1b) Esta reportagem é sobre o lançamento da obra *Lambões de Caçarola*. João Antônio pretende, com a obra, passar informações a respeito da época de Getúlio ao público jovem, sem deixar de lado seu trabalho estético, como a recuperação da linguagem da época. Um outro ponto relevante no texto é a briga dos escritores pela profissionalização.

VOLTA a Vargas. *Jornal do Brasil*, 17 set. 1977.

(2a) Trata-se de um breve texto sobre a temática getuliana no próximo trabalho de João Antônio, que é o livro *Lambões de Caçarola*.

SILVA, Aguinaldo. O fantasma de Lima Barreto baixa no sanatório da Muda. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 set. 1977.

(2a) Esta resenha crítica de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* discorre sobre a nova proposta de João Antônio, que é a de colocar em evidência seu mestre Lima Barreto. Aguinaldo Silva aborda aspectos positivos na obra, classificando o livro como uma espécie de ensaio ou roteiro para que os leitores cheguem até o autor de *Isaiás Caminha*. Um outro aspecto abordado é o novo estilo de João Antônio, que utiliza a “montagem”, ainda inédita em sua produção.

MENEZES, Carlos. Escritores de adultos no filão do livro infantil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 1977.

(1c) Este texto refere-se aos ficcionistas brasileiros que produzem livros destinados ao público infantil. Wander Piroli e João Antônio são citados com as respectivas obras: *O menino e o pinto do menino* e *Lambões de caçarola*.

ARAÚJO, Celso. Quando os escritores se reúnem, s.l., 25 set. 1977.

(1b) Trata-se de uma matéria sobre os debates de escritores brasileiros que se preocupam com os leitores do país. Entre outros está Wander Piroli, Manuel Lobato e João Antônio, que denunciam o mercado editorial. Este último é citado como um dos raros escritores conscientes da realidade cultural no País.

LAMBÕES de Caçarola. *Jornal de Santa Catarina*, Santa Catarina, 30 set. 1977.

(2 a) Além de tratar dos dados biográficos de João Antônio, o autor aborda a temática e estrutura do novo livro *Lambões de caçarola*. O resenhista recomenda o livro para o público infanto-juvenil.

MENEZES, Carlos. Em “Vida Cachorra”, um corpo-a-corpo com a vida. *O Globo*, Rio de Janeiro, out. 1977.

(2a) Partindo de uma abordagem social Da obra *Vida Cachorra*, Carlos Menezes discute o seu lançamento da obra, ressaltando o submundo presente na temática. Discute sobre o enfoque dado às prostitutas, homossexuais e rufiões. Um pequeno depoimento de João Antônio sobre sua teoria do “corpo-a-corpo” com a vida encerra a resenha.

LAMBÕES de Caçarola, o novo livro para os jovens. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 2 e 3 out. 1977.

(1b) Partindo de uma abordagem histórica, o autor do texto discute o lançamento do livro *Lambões de Caçarola* pela editora L & PM. Fragmentos de depoimentos de João Antônio são apresentados no decorrer da reportagem. O escritor comenta sobre seus personagens, sua temática, gênero e o papel do público jovem em sua literatura.

ANTÔNIO, João. *Correio do Povo*, 06 out. 1977.

(1b) Trata-se de um depoimento de João Antônio acerca do debate sobre literatura. O escritor tece comentários a respeito da organização do evento, as temáticas levantadas, assim como as vitórias e derrotas dos autores brasileiros no mercado editorial.

PINGENTE também é gente. *Correio Braziliense*, 9 out. 1977.

(1b) Esta matéria apresenta um panorama sobre o livro *Lambões de Caçarola*. Conceituada pelo autor como novela, este destaca aspectos como temática, linguagem e ambientação. O texto é finalizado com um trecho da obra de João Antônio.

A LITERATURA brasileira atual esta semana, em Brasília. *Jornal de Brasília*, Brasília, 9 out. 1977.

(1b) Reportagem por ocasião do lançamento de *Lambões de Caçarola*, que acontece em Brasília no auditório da UPIS. João Antônio fala sobre a atual literatura brasileira ao lado de Wander Piroli e outros. O texto traz breves dados biobibliográficos sobre João Antônio.

COUTINHO, Edilberto. O papel do escritor é opor-se às armas da destruição. *O popular*. Goiânia, 9 out. 1977.

(1b) Coutinho cita aspectos biográficos de João Antônio e sua conquista no mercado editorial. O escritor paulista fala a respeito da venda dos livros, da função social da literatura e da liberdade de expressão, assim como da crítica literária de sua época.

ESCRITOR: um marginal privilegiado. *Jornal da Brasília*, Brasília, 11 out. 1977.

(1a) Este texto trata de um suposto debate entre Ary Quintella, João Antônio e Cora Rónai Vieira, sendo esta última entrevistadora do *Jornal de Brasília*. O assunto discorre sobre questões como o atual ofício do escritor e editor brasileiros, os preconceitos que envolvem o trabalho literário, especialmente o conto.

KLEIN, Paulo. João Antônio: A malandragem inserida no contexto literário. *Diário do Grande ABC*, 13 out. 1977.

(1b) A partir de depoimentos de João Antônio sobre sua vida, literatura e malandragem, Paulo Klein aborda questões relevantes sobre o lançamento de *Lambões de Caçarola* e a disputa pelas editoras Civilização Brasileira, Comunicação e L&PM, assim como a importância do escritor brasileiro para a cultura nacional.

MANDATTO, Jácomo. Lima Barreto- Um porre de calvários. *Cidade de Itapira*, 16 out. 1977.

(1b) Trata-se de um depoimento de Jácomo Mandato sobre o trabalho de escritores brasileiros como João Antônio, que colocariam em evidência Lima Barreto, que está sendo lido pelos ingleses. A tradução de algumas obras do romancista seria o resultado desse esforço de João Antônio. O texto traz também referências autobiográficas do autor de *O Triste fim de Policarpo Quaresma*. Outro ponto ressaltado é o processo de criação do recente lançamento, o livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. Vida cachorra. *Livros*, 22 out. 1977.

(1c) Esta nota é sobre a divulgação da coletânea *Vida Cachorra* a qual reúne vários contos de diversos escritores como Aguinaldo Silva e Marcos Rey. João Antônio participa com os textos “Frio” e “Paulinho Perna Torta”.

A VERDADE esquecida. *Diário do Grande ABC*, São Paulo, 26 out. 1977.

(1c) João Antônio, nesta nota, opina a respeito da estréia da peça *Apenas América* no teatro Conchita de Moraes. O escritor elogia o teatro brasileiro por estar voltado para a realidade brasileira.

ROMERO, Carlos. Novidades e reedições. *Jornal A União*, João Pessoa, 30 out. 1977.

(1c) Entre outros anúncios está o lançamento da coletânea *Vida Cachorra*. O autor aborda questões sobre a temática e seus respectivos autores.

VIDA Cachorra: o conto moderno numa antologia significativa. *Civilização*. Jundiaí, 30 out. 1977.

(2a) Esta resenha traz a descrição de cada conto e seus respectivos autores da coletânea *Vida Cachorra*. Os temas e estilos também são ressaltados pelo autor assim como a inovação e a ousadia dos escritores. João Antônio é citado com destaque por ser o mais “nervoso” e, no entanto, o mais lírico.

LAMBÕES do beco da onça. *Correio Braziliense*, 30 out. 1977.

(1b) Neste depoimento, João Antônio procura justificar o seu novo livro *Lambões de Caçarola*, falando sobre a temática Getuliana, e todo o contexto social em que o livro está inserido.

O POVO está falando pela caçarola do marginal João Antônio. *56 FM*, Porto Alegre, 31 out. 1977.

(1b) Esta reportagem, por ocasião do lançamento do livro *Lambões de Caçarola*, traz um depoimento de João Antônio sobre as editoras no Brasil e sua ligação com os escritores brasileiros. Fala também a respeito do povo que mora no Beco da Onça, suas ilusões e esperanças em relação ao governo de Getúlio Vargas.

ESPECIAL- João Antônio. *A palavra*, Rio de Janeiro, out./ nov., 1977.

(3b) O material é composto por dois artigos escritos para este número do “A palavra” e tem como ponto de discussão o debate realizado com João Antônio. O autor ressalta a teoria do “corpo-a-corpo” do escritor, mostrando as inúmeras teorias literárias e suas intermináveis controvérsias na produção intelectual no Brasil. O escritor paulista é comparado a Lima Barreto, tanto pela temática, quanto pela inovação do gênero literário.

REIS, Paulo César dos. Um escritor e seu corpo-a-corpo com a vida. *Palavra*, ano I, nº 3, p. 3, out/nov. 1977.

(3a) Ao discutir sobre a nacionalidade da literatura brasileira e o ensino desta nas faculdades de Letras, o autor afirma que as teorias literárias são impostas aos estudantes de letras. Este fator, segundo Reis, afastaria o verdadeiro objetivo do acadêmico na literatura, que seria o conhecimento profundo de autores brasileiros. A fim de dar maior embasamento aos seus argumentos, o autor ressalta a “matéria-depoimento” de João Antônio intitulada: “Corpo-a-corpo com a vida”, publicada na revista *Ficção*, nº 4, inserida em *Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio.

ESCOSTEGUY, Jorge. *Lambões. Versus*, nov. 1977.

(2a) Partindo da temática, o autor faz considerações a respeito da obra do autor Leopoldo Marechal e Jorge Luís Borges que tratam dos habitantes subalternos da cidade de Buenos Aires. Escosteguy busca enfatizar, em *Lambões de Caçarola*, de João Antônio, essa elevação da memória coletiva, representada pela figura de Getúlio Vargas. O resenhista faz considerações apreciáveis sobre a temática que envolve a obra.

GONZAGA, Sergius. O conceito de marginalidade. *Correio do Povo*, 5 nov. 1977.

(3b) Neste ensaio, Sergius Gonzaga faz uma abordagem sociológica e estética da marginalidade na literatura. O ensaísta traça um panorama da evolução desse vocábulo, tanto no meio social como na literatura. Em meio a outros argumentos, o autor cita João Antônio como representante da nova proposta literária. O texto também trata da questão do populismo como uma suposta “máscara” para essa modalidade literária.

SILVA, Hélio. *Lambões de Caçarola. Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 05 nov. 1977.

(2a) O texto traz reflexões sobre a ambientação dos personagens joãoantonianos, em especial, em *Lambões de Caçarola*, o último lançamento do autor. Traça um paralelo entre os personagens do escritor paulista e os de Lima Barreto. Segundo o resenhista esses escritores teriam uma aproximação devido à temática desenvolvida por ambos.

CONTOS da vida cachorra. *A República*, 06 nov. 1977.

(2a) O texto trata das temáticas e seus respectivos autores na coletânea *Vida Cachorra*. Dos quatro escritores que compõem a coletânea, João Antônio é visto pelo resenhista como o mais contundente, pois retrata a classe marginalizada de maneira singular na literatura.

FICÇÃO para ninguém botar defeito. *Diário do Povo*, Campinas, 06 nov. 1977.

(1c) Nota sobre o lançamento do livro *Vida Cachorra*, da Civilização Brasileira. O autor faz breves considerações sobre a temática geral da obra.

VIDA Cachorra. *O Povo*. Ceará, 06 nov. 1977.

(2a) Este texto aborda sinteticamente a temática geral de cada autor na coletânea de *Vida Cachorra*. O autor aborda questões relevantes voltadas para a realidade urbana refletidas na literatura.

VIANNA, Marilena. O pai e os pobres. *Veja*, São Paulo, 09 nov. 1977.

(2a) Partindo da perspectiva histórico-literária, Marilena Vianna ressalta o verídico na obra *Lambões de Caçarola*. Aspectos como reportagem e ficção são discutidos neste texto. O estilo narrativo também é foco de interesse da autora.

QUINTELLA, Ary. *Lambões de Caçarola*. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 nov. 1977.

(2a) O texto traz eventos cruciais da era Getuliana na resenha sobre o livro *Lambões de Caçarola*. O autor indica a leitura a todas as pessoas, pois, além de literatura, o livro possui instrumentos didáticos que atingem todas as idades do público leitor.

RIBEIRO, Darcy. *Lambões do Beco da Onça*. *Suplemento da Tribuna*, Rio de Janeiro, 12-13 nov. 1977.

(1b) Nesta reportagem são abordadas questões sociais no período de Getúlio Vargas e uma pequena citação da obra *Lambões de Caçarola* reforça a idéia do autor. Há também um depoimento de João Antônio sobre o processo de criação da obra.

MELO, Paulo. *Vida Cachorra*. *O Norte*, João Pessoa, 12 nov. 1977.

(1c) Breve nota sobre o recente lançamento da editora Civilização Brasileira, *Vida Cachorra*. A temática é citada superficialmente no texto.

FILHO, Campomizzi. *Esta Vida*. *Folha do Povo*, Ubá, 12 nov. 1977.

(2a) Este texto traz o universo narrado por cada autor da coletânea *Vida Cachorra*. Para o resenhista, a base temática é o submundo, porém cada escritor deixa sua originalidade ao tratar do tema. O autor faz comentários sobre os textos “Frio” e “Paulinho Perna Torta”, inseridos na coletânea.

VIDA Cachorra. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 nov. 1977.

(1c) Pequena nota sobre o lançamento da coletânea *Vida Cachorra*, da qual João Antônio faz parte. O autor aborda questões sobre a temática e o social presentes na obra.

DA SURCUSAL e da agência. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 nov. 1977.

(1c) João Antônio é citado nesta nota como um dos escritores mais reconhecidos pelo público leitor. Juntamente com Jorge Amado, Mário Quintana, Josué Guimarães e outros, seus livros estão expostos na Feira do Livro de Porto Alegre.

STERNHEIM, Alfredo. Novo filme de Maurice Capovilla. *Folha da Tarde*, São Paulo, 22 nov. 1977.

(2a) Neste texto há informações a respeito dos personagens do filme *O Jogo da Vida*, que possuem os mesmos nomes da obra original *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O resenhista fornece alguns dados sobre a direção de Maurício Capovilla no longametragem.

NO ANIVERSÁRIO de Jackson, uma promoção da literatura brasileira. *Tribuna de Aracaju*, Aracaju, 22 nov. 1977.

(1c) João Antônio é citado por ocasião da *Feira do Livro*, que conta com sua presença, assim como de vários outros escritores contemporâneos.

ALUNOS do segundo grau não têm na leitura opção de lazer. *Jornal do Brasil*, 27 nov. 1977.

(1c) O texto trata das grandes dificuldades por que o ensino vem passando, principalmente, na literatura brasileira. Em meio a tais argumentos, como a influência de tv, de leituras por obrigação etc, o autor cita alguns escritores que foram selecionados para leitura na escola. Entre outros, João Antônio é apontado como um dos melhores contistas da literatura contemporânea.

TRÊS HERÓIS malditos na sinuca da vida. *Folha de São Paulo*, 28 nov. 1977.

(1b) O texto traz considerações do cineasta Capovilla a respeito do filme *O Jogo da Vida*, baseado na obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. Há também o depoimento do escritor paulista, que comenta a temática, a ambientação e os personagens da obra original.

FLEXA e. Jairo Arco. Um cineasta que não traz palavra de ordem. *Veja*, São Paulo, 30 nov. 1977.

(1a) Entrevista com o cineasta Maurice Capovilla, produtor do filme *O Jogo da Vida*, inspirado na obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O diretor fala do que o atraiu no texto do escritor paulista e faz comentários a respeito do roteiro, da estrutura do livro original e de problemas corriqueiros na filmagem e do título do filme.

MELO, Paulo. Vida Cachorra, contos de Aguinaldo Silva, João Antônio, Marcos Rey e Maфра Carbonieri. *O Norte*, João Pessoa, 30 nov. 1977.

(2a) O resenhista faz um breve comentário a respeito de cada autor e seus respectivos temas no livro *Vida Cachorra*, que retrata o universo das camadas marginalizadas.

LAMBÕES de Caçarola. *Destaque*. São Paulo, nov./dez. 1977.

(1c) Breve nota a respeito do lançamento de *Lambões de Caçarola*. Segundo o autor, apesar de a obra parecer dirigir-se ao público infantil é, no entanto, destinado aos adultos, devido à temática getuliana.

ESCRITOR prega cultura descentralizada. *O Acadêmico*. Blumenau, dez. 1977.

(1b) O texto trata de breves considerações do escritor João Antônio em relação à censura e ao engajamento político na literatura. O escritor propõe que os autores tenham uma relação mais direta com seus leitores, saindo, assim, do ostracismo em que certos autores costumam viver na literatura.

LAMBÕES de Caçarola. *ABC Verdade*, dez. 1977.

(1c) Em nota sobre *Lambões de Caçarola*, o autor indica o livro, que já está na 3ª edição, para todas as idades.

PARA quem gosta de ler, uma história de Getúlio. *Jornal das tintas*, dez-jan, 1977.

(2a) O autor faz um breve resumo da obra *Lambões de Caçarola*, destacando a linguagem e a ambientação. Getúlio, para o resenhista, possui a picardia dos malandros de João Antônio.

CAPOVILLA adapta um conto para as telas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 dez. 1977.

(2a) Breve resenha sobre o filme *O Jogo da Vida*, de Maurício Capovilla. Por ser extraído do conto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio, o resenhista faz alguns comentários sobre o filme e a obra original.

ESCRITOR prega cultura descentralizada. *O Estado de São Paulo*, SP, 1 dez. 1977.

(1b) O texto traz alguns comentários de João Antônio feitos em um seminário em Aracaju aos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Sergipe. O escritor aborda problemas com a censura, a descentralização da cultura, envolvendo Rio e São Paulo. João Antônio ainda discute o engajamento político da literatura.

ESCRITOR protesta contra ditadura cultural no país. *A Notícia*, Manaus, 03 dez. 1977.

(1b) Esta reportagem é sobre o seminário que ocorreu na Faculdade de Letras, em Aracaju. João Antônio, Osman Lins, Affonso Romano de Sant'Anna e outros falaram dos problemas da censura na literatura, da ausência do espaço cultural e a descentralização da cultura do Rio de Janeiro e de São Paulo.

ESCRITOR denuncia ditadura cultural. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 3 dez. 1977.

(1b) João Antônio declara aos estudantes da Faculdade de Letras, em Aracaju, a crise que a literatura passaria com a ditadura num país que centraliza toda a cultura em dois centros, Rio e São Paulo. Esse acontecimento “político” impede a constituição de um modelo “cultural-literário nacional”, para João Antônio.

GETÚLIO Vargas visto pelo povo do Beco da Onça. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1977.

(2a) O texto traz comentários a respeito de *Lambões de Caçarola*. Trata-se de breves considerações a respeito da temática, da ambientação, dos personagens e, especialmente, de Getúlio Vargas e sua importância enquanto personagem histórico.

MANDATTO, Jácomo. Aqui, os livros. *O Regional*, Mogi-guaçu, 3 dez. 1977.

(2a) Nesta resenha, Jácomo Mandatto parte da temática getuliana e da linguagem do povo para realçar a obra *Lambões de Caçarola*. O autor traz considerações históricas a fim de contextualizar ao leitor as histórias contundentes de João Antônio.

OLIVEIRA, José Carlos. Sobre os escritores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1977.

(1b) José Carlos Oliveira fala sobre a luta de alguns escritores em defesa da literatura. O autor, além de citar João Antônio “como verdadeiro soldado”, na luta pela valorização da literatura brasileira, critica profissionais como Paulo Pontes, Ferreira Gullar e Plínio Marcos, por não aderirem à causa.

VIDA Cachorra. *Departamento de promoções*. Curitiba, 5 dez. 1977.

(1c) Breve nota sobre a obra “Vida Cachorra” composta pelos escritores Marcos Rey, Aguinaldo Silva e João Antônio. O autor cita os contos da coletânea e seus respectivos autores.

SINUQUEIROS em frente. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1977.

(1c) O texto trata dos responsáveis pela trilha sonora do filme *O Jogo da Vida*, João Bosco e Aldir Blanc. O autor também tece comentários a respeito do lançamento do filme, em São Paulo. Fato, aliás, que resultou numa partida de sinuca entre Carne Frita e Joaquinzinho, os dois maiores jogadores de São Paulo.

MENEZES, Carlos. Em Lambões de Caçarola, o período Vargas para jovens. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1977.

(2a) Esta resenha trata do relançamento de *Lambões de Caçarola*, já em sua 3ª edição. O autor indica a leitura para o público jovem, e trata sinteticamente da linguagem no texto. Um depoimento de João Antônio sobre o processo de construção da linguagem conclui a resenha.

MATRICIANO, Carmen Lúcia. Excluídos e escolhidos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1977.

(1b) Reportagem sobre a tendência marginal na literatura, por ocasião do lançamento da coletânea *Vida Cachorra*. Carmem L. Matriciano comenta a maneira irreverente de cada autor da coletânea. Entre outros, João Antônio é citado por traçar um perfil do anti-herói do cotidiano. A autora faz breves considerações sobre o texto “Paulinho Perna Torta”.

GOMES, Frederico. Antologia desigual: acerto e falhas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1977.

(2a) O autor parte da proposta da antologia de contos em *Vida cachorra*. Para o resenhista, dos quatro participantes da coletânea, Aguinaldo Silva levanta uma “questão interessante”, pois trata de homossexualismo. Já João Antônio é criticado por retratar de maneira “folclórica” seus personagens malandros, sem nenhum senso crítico. Para Frederico Gomes, o mesmo ocorre com Marcos Rey e Mafra Carbonieri.

BRANCO, Ivo. Jogo de Malandro. *Folhetim*, São Paulo, 11 dez. 1977.

(1b) Esta reportagem é sobre os grandes jogos (e jogadores) de sinuca. O autor menciona os antigos pontos de encontro da malandragem que não existem mais. Em meio a divagações sobre campeonatos que fizeram sucesso no Brasil, o autor cita as obras *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e o *Jogo da Vida* para quem quiser saber mais sobre os tempos de Carne Frita.

CARVALHAES, A Tipos marginais. *Visão*, 12 dez. 1977.

(2a) O autor introduz sua resenha citando as regras do jogo de sinuca, no filme *O Jogo da Vida*, inspirado no livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ao comparar João Antônio com Alcântara Machado e Damon Runyon, o resenhista ressalta o aspecto “lírico-realista”, novo estilo para retratar o universo marginal urbano. Carvalhaes também fornece alguns dados a respeito da direção do filme.

VIDA cachorra. *Diário do Grande ABC*, 23 dez. 1977.

(1c) Trata-se de um comentário sobre o livro *Vida Cachorra*. O autor faz breves considerações a respeito das personagens e a importância das mesmas na obra.

VIDA Cachorra. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Nº 586, Belo Horizonte, 24 dez. 1977.

(2a) O autor faz comentários a respeito da obra *Vida Cachorra*. Além de destacar os quatro escritores inseridos na coletânea, o resenhista aponta para a temática de cada autor.

SELEÇÃO DE CONTOS. *Departamentos de promoções*. Curitiba, 24 dez. 1977.

(2a) Breve texto sobre a seleção dos contos na obra *Vida Cachorra*. O autor destaca a temática de cada escritor e aponta para um certo “realismo crítico” na obra.

PORTELLA, Eduardo. A força que vem da diversidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1977.

(1c) Ao discutir sobre o pluralismo na literatura e, conseqüentemente, na crítica literária, Eduardo Portella cita os vários estilos que compõem a narrativa na atualidade. Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Assis Brasil, Ary Quintella, Antônio Callado e vários outros autores. Em João Antônio, é ressaltado um hiper-realismo em sua obra.

AVELLAR, “O Jogo da Vida”: cão que morde o rabo, 1978.

(2a) Resenha por ocasião da estréia de *O Jogo da Vida*, baseado no conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* de João Antônio. O autor sintetiza o enredo do filme com alguns comentários do cineasta Maurice Capovilla.

RESENDE, Otto Lara. Convento maldito, 1978.

(1c) Este texto trata do depoimento de Otto Lara Resende a respeito de sua experiência em júri literário. O autor aponta questões sobre a crítica literária e seu papel na literatura. João Antônio é citado por ter feito parte de uma banca de jurados para um concurso de contos.

COURI, Norma, um público crescente para a literatura brasileira: uma entrevista com o tradutor Santiago Kovadloff, 1978.

(1a) Este texto trata de uma entrevista com o tradutor Santiago Kovadloff. Este comenta sobre a aceitação da literatura brasileira na Argentina, a desvalorização do Português pelos povos de língua espanhola e o trabalho do tradutor em geral. João Antônio é citado por fazer parte da grande diversidade de escritores que sofrem um certo preconceito por parte dos leitores argentinos.

ORIQUEZ, Evandro. O debate sobre literatura na ABI, *Suplemento da Tribuna*, Rio de Janeiro, 1978.

(1b) Reportagem sobre o debate a respeito da Literatura Infantil no Brasil. Eglé Machado, José Louzeiro e João Antônio discutem sobre a literatura importada, o cinema brasileiro, a censura e a missão do escritor. João Antônio faz comentários sobre seu processo de criação literária.

BARBOSA, Paulo César Guimarães. Ruas do Rio: Na Morte das esquinas, a agonia de uma tradição, 1978

(1c) O texto refere-se à época em que freqüentemente as esquinas do Rio seriam “*Status*” para seus freqüentadores. O autor discorre sobre os vários pontos de encontro do Rio de Janeiro. João Antônio é citado por também observar essa tradição carioca.

VIEIRA, Cora Rónai. Apesar dos pesares, o ano deixou esperanças. *Revista nacional do Cooperativismo*, jan./ fev. 1978.

(1b) Nesta reportagem é dado um destaque para as obras e autores mais conceituados da literatura brasileira. Edilberto Coutinho, Ary Quintella, Moacir Scliar e João Antônio, com *Lambões de Caçarola*, foram os mais requisitados em 1977.

MANDATTO, Jácomo. Lambões de Caçarola, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 07 jan. 1978.

(2a) Partindo de fatos autobiográficos de João Antônio, Jácomo Mandatto faz comentários a respeito de *Lambões de Caçarola*. O autor relaciona aspectos da obra, como linguagem e ambientação, com a época vivenciada pelo escritor.

VELASCO, Antonela. MAM: 55 anos de literatura brasileira. *A Notícia*. Minas Gerais, 10 jan. 1978.

(1b) Esta reportagem trata do ensino de literatura nas universidades. É inaugurado um curso ministrado por Consuelo Albergaria e João Antônio, que acreditam num resultado representativo. O objetivo desses cursos é fazer com que os alunos apreciem mais os escritores brasileiros.

TINHORÃO, J.R. Tiro de Misericórdia mata João Bosco pois viva Aldir Blanc! *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1978.

(1c) João Antônio é citado neste texto ao ser comparado, pelo autor, com o compositor musical Aldir Blanc. Para Tinhorão há uma grande distância entre o talento de Blanc e a mediocridade musical de João Bosco, que, para o resenhista, não passa de um musiquim.

NOVO Livro de Caio Fernando Abreu. *Suplemento literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 jan. 1978.

(1c) O autor faz comentários a respeito do lançamento do livro Pedras de Calcutá de Caio Fernando Abreu. Um de seus contos “Holocausto” fará parte de uma antologia de circulação internacional, na qual João Antônio também está inserido.

JOÃO Antônio fala de Clarice Lispector. *Folhetim*, São Paulo, 22 jan. 1978.

(1a) Nesta entrevista concedida a Otávio Ribeiro, João Antônio fala sobre Clarice Lispector, recentemente falecida. Além de discutir tópicos sobre o processo de criação da escritora, sua relação com as editoras e o seu melhor livro, João Antônio discute o drama do intelectual num país que não aprecia a leitura.

AS OBRAS e personalidades de Lima Barreto, Machado de Assis e João do Rio. DM. *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 28 jan. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda as obras que evidenciam os grandes escritores brasileiros. Peregrino Júnior lança *Doença e Constituição de Machado de Assis*, Neves Manta, em quinta edição, *A Arte e Neurose de João do Rio* e João Antônio com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. O autor faz comentários a respeito da temática e do estilo de cada escritor em suas respectivas obras de caráter biográfico.

JOÃO Antônio fala novamente. Em pauta, seu trabalho. *Jornal de Brasília*, Brasília, 5 fev. 1978.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio fala sobre o recente lançamento de *Lambões de Caçarola*. Além de considerações a respeito da temática e da produção da obra, o escritor discute a falta de memória nacional, o “boom” literário e a importação de culturas estrangeiras no Brasil.

JOÃO Antônio percorreu a infância, lembrou de Getúlio e escreveu “Lambões de Caçarola”. E ele explica por que: *Diário de São Paulo*, São Paulo, 12 fev. 1978.

(1b) Neste depoimento, João Antônio relata sobre o processo de criação de *Lambões de Caçarola*. O escritor também analisa as conseqüências geradas pela cultura estrangeira no país e a situação dos escritores brasileiros no mercado editorial.

JOÃO Antônio. Olho no Olho. *Diário Popular*, 26 fev. 1978.

(1a) Esta entrevista do *Diário Popular* trata de diversos temas sobre o escritor João Antônio. Um dos pontos discutidos é sobre a auto-caracterização literária e a definição, segundo o escritor, de literatura marginal. Assuntos relacionados a jornalismo e obra no Brasil são abordados a fim de esclarecer, nesta entrevista, o estilo “corpo-a-corpo” na obra joãoantoniana, ou seja, a necessidade do escritor em relatar fatos extraídos de sua experiência. João Antônio faz comentários a respeito do lançamento de algumas obras, como *Leão-de-Chácara* e *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

ESCRITOR famoso falará no Teatro Expressão. *Folha Comercial e Industrial*, Osasco, 28 fev. 1978.

(1b) Breve reportagem a respeito do lançamento de *Lambões de Caçarola* que ocorre no Teatro Expressão, em Osasco. O escritor participa de um debate com estudantes e operários. O tema é sobre a situação da literatura no Brasil.

ANTÔNIO, João. *É*. març./abr. 1978.

(1b) Neste texto, é levantada a temática do carioca nas narrativas de João Antônio. Para ele, apesar de os moradores do Rio de Janeiro terem fama de indisciplinados, os mesmos estão se adaptando a um novo sistema que exige organização e disciplina.

FARIAS, Marcílio. João Antônio e/ou a aventura de um novo processo de criação literária: uma abordagem semiológica mar./ mai. 1978.

(3b) Este artigo trata de uma análise da obra de João Antônio à luz da semiologia. O autor abordará o fluxo narrativo, ou o “signo contido” no verbo e na prosa poética em *Malagueta Perus e Bacanaço* e *Afinação da Arte de Chutar Tampinhas*, usando outras obras como exemplo de suas deduções. O autor também analisa os personagens “ícones” que se definem pela sua significação semiológica.

ESFORÇO Ingente. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º março 1978.

(1c) Nota sobre a mudança do nome da revista *Realidade*. O novo nome é *Brasil Repórter* em lugar de *Eu Repórter*. Para tal fato, a revista consegue a colaboração de João Antônio.

QUINTELLA, Ary. Ficção Brasileira Urbana, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 4 març. 1978.

(3b) Este artigo traça um panorama de autores que abriram caminho para uma nova modalidade literária, a Literatura da Resistência, como afirma Ary Quintella, que comenta o estilo de Lima Barreto, passando por João Antônio, José Louzeiro e mais alguns da década de 70. O autor discute o gênero romance-reportagem e cita, como exemplo, os norte-americanos *Norman Mailer* e *Truman Capote*, como destaques desse gênero. No Brasil, João Antônio marca a literatura urbana brasileira.

VIDA Cachorra. *Diário do Paraná*, Curitiba, 11 mar. 1978.

(2a) Breve resenha a respeito do lançamento de *Vida Cachorra*. O autor faz comentários sobre a temática de Aguinaldo Silva, Marcos Rey, Mafra Carbonieri e João Antônio.

QUINTELLA, Ary. Uma Super-entrevista com João Antônio. *A Tribuna*. Vitória, 20 març. 1978.

(1a) A entrevista trata de um importante documento sobre o escritor João Antônio. O *Caderno da Tribuna* dedica duas páginas para esta matéria em que João Antônio levanta dados biográficos relacionando-os às obras que escreveu. A cada relato o escritor cita um

conto que corresponde a sua vivência. Fala profundamente sobre seu estilo e os gêneros literários renovadores, como a literatura jornalística. Fala sobre os escritores que admira, como Lima Barreto e vários outros, como Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. O escritor expõe detalhes a respeito da produção da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

BALDUINO, Eduardo Sérgio. João Antônio, poeta do povo, dos bordéis da vida: *Jornal da Bahia*, Salvador, 27 mar. 1978.

(1b) Nesta reportagem, o autor parte de dados biográficos sobre João Antônio para comentar a produção literária do mesmo. Em meio ao discurso de Eduardo Balduino, há o depoimento do escritor paulista sobre a linguagem inovadora, a criação de *Lambões de Caçarola*, recém-lançado. Breves comentários sobre o período AI-5 que também influenciou na produção de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

ALENCAR, Mirian. A dama do lotação e jogo da vida dividem as atenções, s.l.,1978.

(2a) A resenha trata dos dois recentes lançamentos. *A Dama do Lotação*, de Neville Dalmeida, e *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla, sendo o último baseado no texto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. A autora faz considerações a respeito da temática das obras.

CONTOS brasileiros para o mercado hispano-americano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º abr. 1978.

(1c) Breve nota sobre o lançamento da antologia *Quinze Cuentistas Brasileños de Hoy*, pela editora Sudamericana, de Buenos Aires. Entre os autores reunidos para a coletânea, está João Antônio. Segundo os organizadores dessa antologia, os autores dão forma às tendências do conto atual no Brasil.

O JOGO da Vida. *Pasquim*, 14 a 20 abr. 1978.

(2a) Breve resenha sobre o filme *O Jogo da Vida* de Capovilla, inspirado na obra de João Antônio. O autor informa rapidamente sobre local e trilha sonora.

O CONTO contemporâneo... *Leia Livros*, 15 abr. a 15 mai. 1978.

(1c) Neste texto, João Antônio é citado por ser exemplo do conto contemporâneo no Brasil e por desenvolver a temática marginal na literatura. O autor do texto comenta sobre o exame da produção literária entre o período de 1974 a 1975.

O JOGO da Vida. A longa noite dos velhos anti-heróis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1978.

(2a) O texto refere-se ao lançamento do filme *O Jogo da Vida*, de Capovilla, baseado no livro de João Antônio *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O autor faz um perfil dos três marginais, ao narrar brevemente a temática geral do filme.

FILHO, Hildeberto Barbosa. A Ficção de João Antônio. *Correio das Artes*, João Pessoa, 16 abr. 1978.

(3b) Este artigo traz reflexões sobre a ficção de João Antônio, em que o autor a classifica como “marcadamente humana”. Partindo da verossimilhança interna e externa presentes na obra, Hildeberto Barbosa aponta para o fenômeno do urbanismo, também evidente em autores como Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo etc. O articulista cita considerações de Mário da Silva Brito na orelha de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

O JOGO da Vida. *O Prelo*, 17-23 abr. 1978.

(2a) Breve resenha sobre a estréia do filme *O Jogo da Vida* em vários cinemas. Além de destacar o elenco, o autor comenta a temática geral do filme.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. Os violentadores, *O Globo*, 26 abr. 1978.

(1c) O autor do texto faz uma referência ao texto *Malagueta, Perus e Bacanaço* de João Antônio, ao identificar o ambiente que os personagens de Tony Vieira percorrem no filme *Os Violentadores*, seu novo lançamento.

OUTRO livro de categoria. *Correio Braziliense*, 27 abr. 1978.

(1c) Nota sobre o lançamento do *Moderno Conto Brasileiro*. O autor, além de citar João Antônio como um dos escritores inseridos na coletânea, indica o livro para estudantes de primeiro e segundo graus.

LITERATURA, Música, cinema, a cultura do Brasil na Argentina. O Estado de São Paulo, 27 abr. 1978.

(1b) O autor inicia seu texto com uma citação de Lygia Fagundes Telles a respeito do público de Buenos Aires em relação às obras brasileiras por meio do lançamento da coletânea *Quinze contistas brasileiros de hoje*. Esta obra, na visão do autor, tem por objetivo divulgar os contistas mais representativos do Brasil, e na qual João Antônio está inserido. Há, por fim, algumas considerações sobre a cultura nacional, em geral, na Argentina.

HOHLFELDT, Antonio. Deonísio da Silva examina como crítico a ficção de Rubem Fonseca. *Secções*, 27 abr. 1978.

(1a) O texto é uma entrevista feita por Antonio Hohlfeldt com Deonísio da Silva. O tema central diz respeito ao trabalho deste último como crítico da ficção de Rubem Fonseca. Em meio aos comentários, o entrevistado, ao fazer considerações sobre o sucesso do Departamento de Letras da FIDENE, cita João Antônio, discordando de uma afirmação feita pelo autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* na *Folha de São Paulo*: que todos deveriam seguir como exemplo os métodos utilizados por essa instituição.

DEZESSEIS contistas para a escola. O Moderno Conto Brasileiro. *Folha de Londrina*, Londrina, 29 abr. 1978.

(2a) A resenha trata do lançamento da antologia *O Moderno Conto Brasileiro*, o primeiro livro para-didático, segundo o resenhista, da Civilização Brasileira. João Antônio é o organizador da coletânea e apresentador do volume. O autor cita um trecho do depoimento de Alfredo Bosi sobre a coletânea.

O JOGO da Vida. *Manchete*, 29 abr. 1978.

(2a) Esta resenha trata do lançamento do filme *O Jogo da Vida*, do cineasta Capovilla, baseado no livro de João Antônio. O autor narra, sinteticamente, a aventura dos três malandros, destacando, também, no elenco, os seus respectivos personagens.

PEREIRA, José Aroldo. Três perdidos na noite. *Manchete*, 29 abr. 1978.

(2a) Neste texto, além de o autor comentar brevemente a temática do filme *O Jogo da Vida*, Pereira faz considerações importantes a respeito da produção geral do filme. João Antônio é citado por criar tipos humanos irreverentes.

BRASIL, Antonio. O Moderno Conto Brasileiro (Enfim, uma seleção). *Jornal do Comércio*, 30 abr. 1978.

(2a) Nesta resenha crítica o autor parte de um texto de Araripe Júnior sobre os contistas modernos. Em seguida apresenta a coletânea que está sendo lançada. *O Moderno Conto Brasileiro*, para o autor, veio suprir uma grande necessidade das escolas.

AUGUSTO, Sérgio. Um palavrão, dois, etc. E viva o populismo! *Isto é*. 03 mai. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda aspectos do filme *O Jogo da Vida*, de Mauricio Capovilla. O autor faz observações relevantes a respeito dos personagens marginalizados do documentário. Sérgio Augusto, por fim, evidencia a obra que deu origem ao filme, *Malagueta, Perus e Bacanaço* de João Antônio, afirmando ter esta sonoridade de um samba de breque.

O MODERNO Conto Brasileiro, *Folha do Litoral*, Paraíba, 6 mai 1978.

(2a) O resenhista trata de expor comentários a respeito do gênero conto e referir o lançamento de *O Moderno Conto Brasileiro*. João Antônio é citado como o organizador da antologia.

O MODERNO conto brasileiro: uma importante antologia didática. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 06 mai. 1978.

(2a) Este texto traz considerações a respeito da seleção dos contos da coletânea *O Moderno Conto Brasileiro*, organizado por João Antônio. Além de apresentar os escritores inseridos na obra, evidencia o valor desse lançamento para aluno de primeiro e segundo graus.

MALAGUETA vai virar filme com grande Otelo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 9 mai. 1978.

(2a) Este texto, além de dados sobre o lançamento do filme *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla, trata de breves comentários a respeito das obras *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-Chácara* e *Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio. O autor também cita a teoria “corpo-a-corpo com a vida”, inserida na última obra citada.

UMA ANTOLOGIA: O Moderno Conto Brasileiro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 mai. 1978.

(2a) Esta resenha crítica refere-se ao lançamento da obra *O Moderno Conto Brasileiro*, organizada por João Antônio. O autor faz comentários sobre os últimos lançamentos de livros nacionais e destaca os autores na coletânea. Aponta o organizador da antologia como um dos mestres nacionais do gênero conto.

MAL Entendido. *Folha do pontal*. Ituiutaba, 20 mai. 1978.

(1c) Este texto diz respeito à presença de João Antônio na universidade de Ituiutaba. O autor fala dos elogios e reclamações dos escritores em relação ao primeiro contato com os universitários.

O MODERNO Conto Brasileiro. *Folha do Povo*, Minas Gerais, 21 mai. 1978.

(1b) Reportagem acerca da antologia *O Moderno Conto Brasileiro* organizada por João Antônio. Neste texto, é abordada a temática do conto de João Antônio escolhido para a coletânea.

O MODERNO Conto Brasileiro. *Folha de Itapira*, 21 mai. 1978.

(2ª) Nesta resenha, o autor comenta a singularidade da antologia *O Moderno Conto Brasileiro*, indicado para as escolas. Para o autor, esse trabalho está fora dos padrões estabelecidos para a organização da coletânea, pois não há, como nos outros livros deste

gênero, os guias de orientação de leitura ou abordagem literária. Mas o resenhista parabeniza João Antônio, o organizador, pelo bom gosto ao selecionar os escritores.

O JOGO da Vida. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 10 jun. 1978.

(1b) O texto trata de alguns aspectos do filme *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla. O autor faz considerações a respeito da temática e das personagens. É ressaltada, nesta reportagem, a opinião do cineasta Capovilla em relação ao personagem central da trama.

O MODERNO Conto Brasileiro. *Jornal de Alagoas*, 22 jun. 1978.

(2a) Breve resenha sobre o lançamento da coletânea *O Moderno Conto Brasileiro*, organizado por João Antônio. O texto discute, de forma concisa, o gênero conto na ficção contemporânea do Brasil.

MELLO, Maria Amélia. Milton Pedrosa: O impacto da Bola é maior na poesia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1978.

(1c) Este texto é uma entrevista com Milton Pedrosa a respeito do tema futebol na literatura. Para o entrevistado, são raros os escritores que abordam essa temática em suas obras. Na ficção, são citados Alcântara Machado e João Antônio como os autores que procuram focalizar o futebol em suas produções literárias.

MENEZES, Carlos. Exposição retrospectiva assinala dez anos da Editora Alumbamento. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1978.

(1c) Pequena nota sobre o lançamento da coletânea *Amor à Paulista*, com participação de vários escritores como Lenita Figueiredo, Márcia Dense, Luiz Fernando Emediato e João Antônio, só para citar alguns. O tema central é sobre as várias facetas do amor.

JOÃO Antônio contra os caloteiros. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 jun. 1978.

(1b) Esta reportagem traz abordagens sobre as injustiças que certos escritores sofrem com o mercado editorial. João Antônio protesta contra a Bloch Editores por ela não pagar seus direitos autorais pela inclusão do conto “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas” na antologia *Literatura Brasileira em Curso*.

CAPOVILLA no Jogo da Vida. *Menção*. Jul. 1978.

(2a) Resenha sobre o lançamento do filme *O Jogo da Vida*, de Capovilla. Segundo o autor, o filme é uma adaptação da novela *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O texto traz breves considerações sobre os personagens e seus respectivos autores.

O USO indevido de textos literários. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 2 jul. 1978.

(1b) Trata-se de uma reportagem a respeito da *Carta aberta aos caloteiros*, escrita por João Antônio aos editores envolvidos com o pagamento de direitos autorais. O autor reproduz a carta do escritor, na íntegra. Este fala das injustiças sofridas com o mercado editorial.

JOÃO Antônio passou este fim... *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1978.

(1c) João Antônio é citado nesta nota por fazer a apresentação do romance *Dra Isa*, de Juarez Barroso. O texto traz breves comentários sobre a obra citada.

O JOGO da Vida. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *José*, 10-16 jul. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda o lançamento do filme *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla, inspirado na obra de João Antônio. O autor do texto comenta sobre as três personagens centrais, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, seguindo-se um depoimento do diretor e do produtor do filme, José Zimmerman.

MALHAÇÃO do Judas Carioca. *Península*, jul. agos. 1978.

(1c) Trata-se de um boletim informativo-literário que apresenta vários lançamentos de obras para todas as faixas etárias. Entre os vários escritores de diversos gêneros, João Antônio é citado por ocasião do lançamento do livro *Malhação do Judas Carioca*.

ROSA, Jair Humberto. Comentando e divulgando. *Gazeta Universitária*, agos. 1978.

(2a) Trata-se de uma resenha crítica sobre o lançamento do livro de Luiz Vilela, *Contos Escolhidos*. E, ao criticar os comerciantes por não colocarem a obra em evidência nas prateleiras, elogia a postura de João Antônio diante do mercado editorial.

FARIAS, Marcílio. A Cabeceira do Homem. *Jornal de Brasília*, Brasília, 7 agos. 1978.

(2a) Resenha crítica do livro *A Cabeceira do Homem*, de João Antônio. O autor traz considerações sobre temática, ambientação e reportagem como estilo narrativo do escritor paulista. Em meio aos argumentos do resenhista é citado um artigo de Aguinaldo Silva. O texto citado traz dados sobre a produção de José Louzeiro, escritor da mesma linha narrativa joãoantoniana.

KHÉDE, Sonia Salomão. Em busca do público. *Jornal de Brasil*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1978.

(2a) Esta resenha é sobre o lançamento de *O Moderno Conto Brasileiro*. A autora, além de destacar os autores da coletânea, comenta e discute o caráter didático da obra, assim como a importância de se conquistar o jovem leitor. O texto traz breves considerações sobre a diversidade de estilos propostos pela antologia.

AUGUSTO, Sérgio. Ser malandro é padecer no paraíso. *Isto é*, 30 ago. 1978.

(1c) Este texto diz respeito ao tema da malandragem na literatura e no cinema. O autor traça um panorama da figura do malandro em obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *O alienista*, de Machado de Assis. Ao falar sobre a ambientação dos mesmos, o autor discute a ausência de lugares boêmios como o cenário de personagens malandros. João Antônio é citado neste texto como um dos que “instalou” sua máquina de escrever próxima a uma caçapa de bilhar.

NO BECO da onça os Lambões de Caçarola, *Jornal Veredas*, Osasco, set. 1978.

(2a) Esta resenha parte da história sobre Getúlio Vargas para comentar o último lançamento de João Antônio, que é o livro *Lambões de Caçarola*. O autor focaliza a temática e faz considerações sobre o personagem central do livro.

EM LEGÍTIMA defesa. Álvaro Alves de Faria. *Diário Popular*, São Paulo, 1 set. 1978.

(1c) Neste texto sobre o lançamento da obra *Em Legítima Defesa*, de Álvaro Alves de Faria, são citadas diversas opiniões, de vários escritores, sobre o livro de poesias. Assim como Jorge Amado, João Antônio dá a sua contribuição crítica a respeito do lançamento da obra.

MENEZES, Carlos. Reedição de “Desabrigo” traz de volta 33 anos depois precursor de João Antônio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 set. 1978.

(1b) Esta reportagem é sobre o estilo de João Antônio que teve como precursor Antônio Fraga. A obra *Desabrigo*, editada em 1945, já possuía o estilo inovador de narrar sobre a boêmia e o submundo cariocas.

VICENZA, Ida. Ô Copacabana: entrevista com João Antônio. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 set. 1978.

(1a) Esta entrevista é sobre o livro *Ô Copacabana!* lançado pela Civilização Brasileira. João Antônio comenta sobre a idéia de retratar o bairro Copacabana em seu novo livro. O escritor comenta, também, o trabalho da linguagem e do estilo em sua obra.

JOÃO Antônio aqui, no dia 25, dirá tudo sobre suas obras. *Correio do Povo*, 17 set. 1978.

(1b) A reportagem é sobre a realização de um curso ministrado por João Antônio a respeito de sua própria obra. O autor traça um pequeno panorama da carreira literária do escritor.

TRÊS escritores buscam uma saída para a Literatura. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 18 set. 1978.

(1c) Este texto comenta os problemas enfrentados pelos escritores em relação ao público leitor. Para o autor, os escritores Eliane Ganem, Júlio César Monteiro e João Antônio são autores que se destacam no mercado editorial, apesar da crise da leitura.

CAMPOS, Otávio de. No ano 2000 o Brasil terá ampla tecnologia mas com o povo afundado na indigência. *Folha da Manhã*, Campos, 21 set. 1978.

(1a) Esta entrevista trata do posicionamento de João Antônio perante o atual estado da cultura nacional. O autor aponta tópicos sobre sua luta pela democratização da literatura e a situação do escritor brasileiro. É discutida também a questão do personagem Getúlio Vargas e sua história na obra *Lambões de Caçarola*.

JOÃO Antônio chega dia 24 e faz parte do seminário sobre sua obra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21 set. 1978.

(1b) Esta reportagem é por ocasião do seminário sobre a obra de João Antônio. Além de dados informativos sobre o evento, o autor traz considerações biográficas a respeito do escritor paulista.

ATÉ sexta-feira com João Antônio, um curso na Cambona, *Folha da Manhã*, Campos, 21 set. 1978.

(1b) Trata-se de um texto informativo sobre o curso ministrado por João Antônio a respeito de sua obra. A reportagem aborda comentários dos livros lançados e dados biográficos do escritor.

CURSO com João Antônio durante cinco dias. *Zero Hora*, 25 set. 1978.

(1b) O texto traz informações sobre o curso da literatura de João Antônio. Ele discutiria sua própria obra na Cambona- Centro de Artes. Além de dados biográficos sobre o escritor, o autor do texto transcreve um trecho de João Antônio sobre o retrato da realidade tão constante em sua obra.

JOÃO Antônio fala de resistência, do conto e de filme. *FM*. 27 set. 1978.

(1b) Esta reportagem trata dos temas discutidos por João Antônio no seminário sobre literatura em Cambona-Centro de Arte. O texto apresenta tópicos abordados pelo escritor, como seu processo de criação e sua filosofia e teoria presentes na produção literária.

FRANTZ, Mara. João Antônio: falta uma literatura que aborde com seriedade a vida do homem brasileiro. *Correio do Povo*, 28 set. 1978.

(1a) Esta entrevista é sobre o seminário realizado por João Antônio em Porto Alegre, em que o escritor comenta sobre sua obra. Os temas abordados nesta ocasião discorrem sobre a literatura de resistência refletida na produção do escritor paulista, os problemas sociais, a centralização da cultura, a classe média e outras abordagens sobre a sociedade de sua época.

JOÃO Antônio, o Rabelais da Boca do Lixo... *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 7 out. 1978.

(1c) Nota sobre o lançamento do livro *Ô Copacabana!*. O texto traz breves considerações sobre o autor e temática geral da obra.

O JOGO da Vida está morrendo. *Visão*, 14 out. 1978.

(1c) Neste texto, são abordados a figura do malandro e o clima da sinuca a dinheiro nos bares carioca. Para o autor, os lendários Lincoln, Carne Frita, Baiano Naval etc, desapareceram depois que serviram como inspiração à novela de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O texto também traz considerações sobre o filme *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla.

JOÃO Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 out. 1978.

(1c) Breve nota sobre o lançamento de *Ô Copacabana!*. O texto traz um trecho em que o próprio escritor comenta seu processo de criação da linguagem.

ATHAYDE, Felix de. Mazelas e Mitos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 out. 1978.

(1c) Neste texto é discutida a questão da venda e consumo dos livros brasileiros. Segundo o autor, o problema está na valorização dos autores e tradutores nacionais. Além desses argumentos, João Antônio é citado por trabalhar pela democratização da literatura brasileira.

DADDARIO, Heloisa. O desencontro (fatal?) entre leitores, livros e editores no Brasil. *O Globo*, 29 out. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda a situação do público leitor em relação aos livros nacionais. A autora cita algumas idéias de João Antônio a respeito do problema social que afeta a classe baixa, a valorização dos livros estrangeiros e a preferência por estes nas universidades e, por fim, a falta de articulação entre editores, distribuidoras e livreiros.

REPRESENTANTE do Modernismo na ficção brasileira, o escritor João Antônio vem à cidade para palestra. *Diário da Tarde*, Juiz de Fora, 30 out. 1978.

(1b) Reportagem por ocasião de uma palestra seguida de debate sobre "O Conto Brasileiro: meu processo de criatividade no conto." O texto traz informações básicas a respeito da obra de João Antônio e sua posição diante da crítica literária brasileira.

ENCONTRO Literário. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 1 nov. 1978.

(1b) Texto informativo sobre a presença do escritor João Antônio em Juiz de Fora para uma palestra aos intelectuais e estudantes. O evento traz considerações a respeito de sua produção literária.

JOÃO Antônio lança hoje na cidade novas edições de 7 livros. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 10 nov. 1978.

(1b) Esta reportagem traz informações sobre o lançamento das novas edições de sete obras de João Antônio. O evento é acompanhado por palestras e debates com professores e estudantes sobre a literatura brasileira e a realidade nacional. O autor faz algumas considerações sobre os livros reeditados e uma observação de Mário da Silva Brito sobre *Malhação do Judas Carioca*.

LOPES, Décio. Conheci João Antônio... *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 10 nov. 1978.

(2a) Este texto é sobre a noite de autógrafos e o debate com João Antônio na Capela Galeria de Arte. O autor faz breves considerações sobre a carreira jornalística do escritor e cita as obras que serão autografadas.

RAINHO, Cleonice. Na cidade, João Antônio, escritor popular aclamado. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 10 nov. 1978.

(1b) Trata-se de um comunicado da escritora Cleonice Rainho à Coluna Cultural do Diário Mercantil. A autora faz uma síntese das críticas a respeito de obras como *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, *Leão-de-chácara*, *Casa de Loucos* e *Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio.

O ESCRITOR e o conto brasileiro. *Diário da Tarde*, Juiz de Fora, 11 nov. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda alguns dos tópicos inseridos no debate de João Antônio na Capela Galeria de Arte. A temática, segundo o autor, discorre sobre a censura na sociedade e a realidade como principal personagem no processo de criação da obra.

MEDEIROS, Magno Charles. Roberto Drummond: a pior censura é a dos próprios intelectuais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1978.

(1c) Neste texto está um depoimento de Roberto Drummond a respeito dos escritores que se posicionam ousadamente diante da crítica. Drummond critica Rubem Fonseca e Dalton Trevisan por praticarem “latifúndio literário”. O escritor diz seguir a mesma linha que João Antônio, Wander Piroli e Ignácio de Loyola que mais se aproximam da rebeldia de uma “banda de Rock”, do que com o “pessoal da literatura”, nas palavras do escritor.

LIVROS mais vendidos. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 13 nov. 1978.

(1c) Pequena nota sobre a terceira edição de *Lambões de Caçarola*, que ficou, segundo a pesquisa da livraria Península, entre os livros mais vendidos.

E VIU que a luz era boa...*Suplemento da Tribuna*, Rio de Janeiro, 18-19 nov. 1978.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio fala sobre o livro *Ô Copacabana!*. O escritor aborda a questão da denúncia social e a desmitificação do bairro Copacabana em sua obra. Além dessas abordagens, o entrevistado fala também a respeito de seu público leitor, a relação entre autores e editoras e a desvalorização dos livros nacionais em relação à literatura estrangeira. Um fragmento da narrativa está exposto nesta página.

JOÃO Antônio escreve painel sobre a sociedade brasileira. *Jornal da Manhã*, Juí, 18 nov. 1978.

(1b) Esta reportagem trata da apresentação de um comentário de Mário Lago a respeito de *Ô Copacabana!*. Alguns dados sobre João Antônio estão em destaque no texto com considerações biográficas. Suas primeiras obras estão citadas no texto.

BRUNO, Haroldo. Um contista. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 nov. 1978.

(1c) Trata-se de uma resenha crítica sobre o livro *Um homem bebe cerveja no bar do Odilon*, de Jeferson Ribeiro. O resenhista cita João Antônio como um dos precursores de uma literatura sobre a classe marginalizada urbana, aliás, o que influenciou o estilo do escritor Jeferson Ribeiro de Andrade.

SUPLEMENTO sabe que a luz só virá com mais luta, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1978.

(1c) Em meio a vários outros anúncios, João Antônio é citado, nesta nota, pelo trabalho de divulgação de sua recente obra *Ô Copacabana!*.

LAGO, Mário. *Ô Copacabana. Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 nov. 1978.

(3a) Neste artigo, Mário Lago escreve sobre o estilo de narrar de João Antônio, em *Ô Copacabana!*. E, numa linguagem metafórica, o articulista acompanha o escritor ao desmitificar a tão idealizada “Princesinha do mar”. Mário Lago expõe, liricamente, a maneira de o escritor descrever a fria realidade carioca. O artigo também se encontra como orelha do livro de João Antônio.

DIREITOS de autor. *Correio do Povo*, 2 dez. 1978.

(1c) Esta nota é por ocasião da primeira audiência da “reclamatória trabalhista” movida por João Antônio contra a revista *Repórter 3* e reclama os direitos autorais pelo filme *O Jogo da Vida*, baseado em *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

A CIVILIZAÇÃO Brasileira com um novo livro de João Antônio... *A Voz do Paraná*, Curitiba, 3 a 9 dez. 1978.

(1c) Breve referência sobre o lançamento de *Ô Copacabana!* pela Civilização Brasileira.

O ESCRITOR João Antônio... *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 dez. 1978.

(1c) Pequena nota sobre a presença de João Antônio em Juiz de Fora, na Faculdade de Letras e o breve lançamento de *Ô Copacabana!*.

LIVRO – Reportagem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1978.

(1c) Breve anúncio sobre o lançamento de *Ô Copacabana!* pela Civilização Brasileira. O autor faz uma síntese da temática geral do livro.

JOÃO ANTÔNIO. *Correio Brasiliense*, 14 dez. 1978.

(1b) Esta reportagem aborda considerações de João Antônio em relação à participação de intelectuais no Ministério da Educação e Cultura. O escritor cita Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire e outros como pessoas capacitadas para assumirem o cargo.

*Ô COPACABANA!* *A Gazeta*, Vitória, 21 dez. 1978.

(2a) Trata-se de uma resenha crítica sobre o lançamento de *Ô Copacabana*. O autor parte da temática ao fazer considerações sobre o bairro, visto por João Antônio. O texto é encerrado com um trecho da obra em questão.

WYLER, Vivian. Camelô, Cantor de Rock, mascate, divulgador ou escritor, mesmo? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1978.

(1b) Esta reportagem trata do processo de divulgação das obras nacionais por meio dos próprios autores. Alguns escritores como Autran Dourado e J.J. Veiga são autores que rejeitam a idéia de divulgação das próprias obras. Já Vilma Guimarães e João Antônio são adeptos do contato com o público leitor.

LIVROS da Semana. *Diário da Tarde*, Juiz de Fora, 26 dez. 1978.

(1c) Pequeno anúncio do lançamento de *Ô Copacabana!*, de João Antônio. Este se destaca entre os dez livros mais requisitados em Juiz de Fora.

MÁRIO Lago na insinuante. *Folha Carioca*, Rio de Janeiro, jan. 1979.

(1c) Breve reportagem sobre o apoio dos intelectuais para a SARÇA. Mário Lago e João Antônio fazem parte desse grupo de escritores que colaboram para o crescimento artístico do Rio de Janeiro.

CUNHA, Carlos. Ô Copacabana! *O Imparcial*, Brasília, 3 jan. 1979.

(2a) Esta resenha destaca aspectos biográficos na obra *Ô Copacabana!* para introduzir a temática desse livro de João Antônio. O autor também enfoca a inovação na linguagem e no estilo do escritor, já que este, segundo Carlos Cunha, é totalmente ousado e talentoso ao mostrar a verdadeira Copacabana.

Ô COPACABANA!: um mito em ruínas segundo um escritor marginal. *Jornal da Bahia*, Salvador, 3 jan. 1979.

(1a) Esta entrevista aborda questões a respeito do lançamento da obra *Ô Copacabana!*, de João Antônio. Este fala sobre o que o levou a escrever o livro e a denúncia social que percorre toda a obra. O escritor comenta também a falta de memória cultural e o tipo de público que pretende alcançar com sua produção literária.

LIMA, Abdias. João Antônio é um artista nato... *Tribuna do Ceará*, 3 jan. 1979.

(1c) Nota sobre o lançamento de *Ô Copacabana!*. O texto é encerrado com um trecho da obra de João Antônio.

LISBOA, L.G. Horta. No Mundo dos Livros, 4 jan. 1979.

(2a) Esta resenha é sobre o lançamento de *Ô Copacabana!*. Neste texto João Antônio é apontado como cronista e repórter na produção da obra lançada pela Civilização Brasileira.

UMA REPORTAGEM apaixonada. *Arte e Comunicação*, Londrina, 6 jan. 1979.

(3b) Neste texto, é apresentado o artigo de Mário Lago, inserido na orelha do livro *Ô Copacabana!*. No ensaio são tratados, de maneira lírica e metafórica, aspectos marcantes da obra de João Antônio.

O CONCURSO de Contos já tem vencedores. *Jornal de Segunda*, Jundiaí, 01 a 07 jan. 1979.

(1c) Nesta reportagem, é abordado o concurso de contos realizado na cidade de Jundiaí. João Antônio é citado por fazer parte da banca de jurados. Segundo o autor, o escritor elogiou o nível dos contos.

Ô COPACABANA!. *Santa Catarina*, 3 jan. 1979.

(2a) Breve resenha sobre *Ô Copacabana!*, lançado pela Braziliense. O autor do texto cita, sinteticamente, a linguagem e a temática na obra de João Antônio.

Ô COPACABANA!. *Diário do Paraná*, Curitiba, 10 jan. 1979.

(2a) Nesta resenha, é reproduzido um trecho das considerações de Mário Lago na orelha do livro *Ô Copacabana!*, de João Antônio. Após a citação, dados a respeito do lançamento do livro encerram o texto.

LEÃO-DE-CHÁCARA, *Correio do Povo*, Curitiba, 10 jan. 1979.

(2a) Esta resenha crítica é por ocasião do lançamento da segunda edição de *Leão-de-chácara*. O autor comenta a estrutura do livro e os méritos do escritor em relação ao público leitor na Europa.

Ô COPACABANA, de João Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 jan. 1979.

(2a) Pequena resenha sobre o lançamento do livro Ô Copacabana!. O autor, citando o editor Ênio Silveira, afirma que a obra trata de um “poema-prosado”, devido ao lirismo na obra de João Antônio.

JOÃO Antônio: Ô Copacabana!. *Correio do Povo*, Curitiba, 14 jan. 1979.

(2a) O resenhista coloca um trecho do livro Ô Copacabana para a introdução do texto. O estilo de João Antônio também é ressaltado pelo autor da resenha.

COPACABANA, ainda não lhe mataram o amor. *O Prelo*, 8-14 jan. 1979.

(2a) Nesta resenha são apresentados, logo de início, dados sobre o lançamento do livro Ô Copacabana. Um trecho da obra é acompanhado do artigo de Mário Lago, presente na orelha do livro de João Antônio.

JOÃO Antônio vê sua Copacabana despida e violentada. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1979.

(1a) Esta entrevista com João Antônio é introduzida pelo texto de Mário Lago a respeito da obra Ô Copacabana!. O escritor discute o processo de criação da obra, a desmitificação da “Princesinha do mar” e o público que pretende atingir com seu recente livro.

JOSÉ, Ângela. Salvo-Conduto para os novos velhos literatos brasileiros. José, *Suplemento da Tribuna*, Nº 298, Rio de Janeiro, 20 e 21 jan. 1979.

(1b) Partindo de considerações de Wilson Martins a respeito do romance moderno, Ângela José faz comentários sobre as transformações e a decadência desse gênero na literatura. A autora também busca opiniões de alguns escritores como Adonias Filho, João Ubaldo Ribeiro e João Antônio. Este último discute a inútil tentativa de “rotular” as obras, sendo que o importante é a qualidade dos livros.

Ô COPACABANA, *Folha de Itapira*, São Paulo, 21 jan. 1979.

(2a) O texto trata do processo de produção de João Antônio em Ô Copacabana. O retrato cruel da realidade e a desmitificação do bairro são ressaltados pelo resenhista. O autor classifica o escritor como “contista-repórter” da miséria das pessoas no Brasil.

MANDATTO, Jácomo. Ô Copacabana. *Folha de Itapira*, 21 jan. 1979.

(2a) O autor faz comentários a respeito da reprodução da realidade em Ô Copacabana! de João Antônio. Além da abordagem sobre a temática, Jácomo Mandatto fala da desmitificação do bairro Copacabana feita pelo escritor.

Ô COPACABANA. *Posição*, Vitória, 24 jan. 1979.

(2a) Nesta resenha, o autor começa com indagações sobre o atraente bairro Copacabana. Este, considerado por muitos como uma espécie de “microcosmo” do Brasil, é mostrado por João Antônio de maneira avessa ao cenário mostrado apenas em cartões-postais. Para o autor, o escritor revela seu amor pelo bairro de maneira real e concreta. A linguagem trabalhada na obra também é comentada pelo resenhista.

FILHO, Campomizzi. Copacabana. *Folha do Povo*, Ubá, 3 fev. 1979.

(2a) O autor faz um pequeno panorama dos escritores que escreveram sobre a cidade do Rio de Janeiro. João Antônio, para Campomizzi Filho, seria o continuador dessa linhagem. O

texto, além de exaltar o estilo e a linguagem do livro *Ô Copacabana!*, faz considerações sobre o processo de construção da obra do escritor paulista que, ao contrário de determinados autores que escreveram sobre o Rio de Janeiro, “desnuda” o bairro ao relatar friamente a realidade carioca.

MAIA, Adinoel. Um livro sobre gente num bairro de cão. *Jornal da Bahia*, Salvador, 3 fev. 1979.

(2a) Esta resenha crítica comenta aspectos do livro *Ô Copacabana!*. As considerações partem da estrutura do livro para que, em seguida, seja revelada a temática. A desmitificação do bairro carioca e o lirismo de João Antônio na obra também são ressaltados por Maia. Utilizando o método comparativo, o autor compara a descrição do bairro com um retrato fotográfico, feito com “pinceladas impressionistas”.

VICENZA, Ida. *Ô Copacabana* (entrevista com João Antônio). *A Tribuna*, Vitória, 8 fev. 1979.

(1a) Entrevista por ocasião do lançamento de *Ô Copacabana!*. João Antônio aborda questões sobre a temática, o que o levou a escrever sobre Copacabana, o público que pretende atingir e sua relação com o mercado editorial. Entre outros aspectos, o escritor fala da linguagem utilizada na obra.

JOÃO Antônio: um livro sobre Copacabana. *Tribuna do Paraná*, 9 fev. 1979.

(2a) Nesta resenha, é focalizada a carreira do escritor, assim como breves comentários das publicações anteriores a *Ô Copacabana!*. O autor resalta a pluralidade na temática joãoantoniana.

PEREIRA, Erialdo. Artistas e pensadores discutem na Paraíba a realidade brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1979.

(1c) Este texto é sobre o *Festival de Arte* que tem como tema de discussão as várias relações existentes entre as artes e a sociedade brasileira. João Antônio é citado como um dos participantes do debate.

GALVÃO, Paulo Costa. MELLO, Maria Amélia. No mato sem cachorro. s.l., 10 –11 fev. 1979.

(1a) Esta entrevista aborda questões sobre a declaração de João Antônio aos “livreiros”. A posição do escritor diante do processo da Bloch, do sindicato dos Escritores, da pirataria e do desrespeito à profissão do escritor é ressaltada no texto.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. *Ô Copacabana!*, *Livros*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1979.

(2a) A resenha trata do lançamento de *Ô Copacabana!*. O autor inicia o texto com uma citação de Mário Lago sobre o livro. O texto se prende à temática e ao modo como João Antônio trabalha a linguagem nesta obra.

GUIMARÃES, Paulo César. Violência, pressa e mau humor. O fim do mito. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1979.

(3b) Neste artigo é mostrada a maneira como João Antônio descreve o bairro carioca em seu livro intitulado *Ô Copacabana!* Paulo César Guimarães parte da ironia presente na obra para ressaltar a desmitificação do bairro que ocorre devido ao longo e trabalhoso processo de construção da linguagem. O autor também intercala seu texto com as palavras do próprio autor do livro.

ÁLVARO Alves de Faria volta a publicar livros de poesia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 fev. 1979.

(1c) Nesta reportagem sobre a produção de Álvaro de Faria, João Antônio é citado por elogiar o trabalho desse escritor. Para o escritor paulista, o autor de *O Tribunal* traria um verdadeiro “testemunho do nosso tempo”.

RIO, Copacabana, Teatro, Humor. *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 fev. 1979.

(2a) Nesta resenha, além de considerações sobre a temática e linguagem do livro *Ô Copacabana!*, de João Antônio, o autor comenta outras obras sobre o Rio de Janeiro como temática principal. Delso Renault, em sua obra *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais*, seria um dos autores citados no texto.

MANDATTO, Jácomo. *Ô Copacabana - eu te bato porque te amo. Suplemento Literário Minas Gerais*, Nº 648, 3 mar. 1979.

(2a) Esta resenha é sobre o livro *Ô Copacabana!*. O autor narra a maneira como João Antônio vê o bairro do Rio de Janeiro. Dados de caráter biográfico compõem parte do texto. Para Mandatto, o repórter apossou-se do escritor mostrando um lado de Copacabana que não está em nenhum cartão-postal.

Ô COPACABANA! *Isto é*, 07 mar. 1979.

(2a) Breve resenha acerca de *Ô Copacabana!*. O autor destaca o submundo presente na narrativa que procura mostrar, criticamente, a outrora “Princesinha do mar”. O texto ressalta o mito e a realidade vistos pelo narrador do livro em questão.

NASCIMENTO, Manoel. Agora chegou a vez de o escritor/ repórter João Antônio... *Isto é*, 7 mar 1979.

(2a) Neste texto são abordados, de maneira concisa, vários aspectos do livro *Ô Copacabana!*. O autor classifica a obra como uma “grande crônica” ou “uma pequena novela”, que retrata a sociologia do bairro. Em seguida, Manoel Nascimento fala de um suposto “testemunho” do escritor que, para o autor, utiliza uma comparação metafórica ao referir-se à Copacabana como uma mulher maltratada, mas a grande novidade no texto está no levantamento do número de cães que habitam o bairro.

VILAVERDE, Marco. A pele de Copa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1979, p.2.

(2a) O autor desta resenha aborda aspectos como a temática, a oscilação de gêneros e a linguagem utilizada pelo escritor em *Ô Copacabana!*. Vilaverde aponta, também, para uma certa “transfiguração artística” da realidade do bairro.

MODERNO Conto Escolar. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10-11 mar. 1979.

(2a) Breve resenha sobre o livro *Moderno Conto Brasileiro*, organizado por João Antônio e lançado pela Civilização Brasileira. O autor indica a obra a toda faixa etária.

EDITADO pela Civilização Brasileira... *Zero Hora*, Porto Alegre, 12 mar. 1979.

(2a) Breve nota sobre o lançamento de *Ô Copacabana!*. O autor expõe, sinteticamente, a temática geral do livro de João Antônio.

Ô COPACABANA! *Escolha*, Ribeirão Preto, 14 mar. 1979.

(2a) Nesta resenha, o autor faz uma comparação de *Ô Copacabana!* com a obra *Babilônia, Babilônia!* de Carlos Heitor Cony. O texto mostra como este escritor e João Antônio vêm a sociedade carioca.

Ô COPACABANA! *O Estado*, Florianópolis, 18 mar. 1979.

(2a) O resenhista busca aspectos biográficos para focalizar a temática em *Ô Copacabana!*. Para o autor, o fato de João Antônio ter morado por 10 anos no Rio de Janeiro interfere na maneira como o escritor retrata o bairro carioca.

CONTI, Mário Sergio. Falsa Copacabana. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1979.

(3b) Esse artigo trata de uma análise semiológica de *Ô Copacabana!*. Mario Conti parte da linguagem utilizada por João Antônio para focalizar a finalidade de seu discurso, assim como o público alvo do escritor. O articulista se centraliza nas duas preocupações básicas neste texto, como a de mostrar “as coisas tais como elas são” e a de apresentar estas “coisas” para o povo.

CUNHA, Carlos. Ô Copacabana. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 651, 24 mar. 1979.

(2a) O texto trata da divulgação do livro *Ô Copacabana!*. O autor procura situar o leitor quanto à ambientação e à temática que seriam trabalhadas pelo escritor de forma rara e ousada. O texto também traz considerações de caráter biográfico para explicar como seriam levantados os dados para um texto de gênero híbrido, já que o resenhista não consegue se decidir se a obra em questão é crônica, romance, reportagem ou novela.

ARAÚJO, Carlos Antônio. João Antônio: debate literário para lançar *Ô Copacabana*. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 mar. 1979.

(1a) Esta entrevista é por ocasião do lançamento de *Ô Copacabana!* em Brasília. João Antônio está presente para ministrar um curso que tem como objetivo levar o “boom” literário ao debate com entendidos e leigos. O escritor fala sobre o evento, o processo de criação literária da obra em questão e sobre a filmagem de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

JOÃO ANTÔNIO: “Boom’ da literatura brasileira é furado”. *Jornal de Brasília*, Brasília, 25 mar. 1979.

(1b) Esta reportagem é devido ao lançamento de *Ô Copacabana!*, em Brasília, em que João Antônio participa de um debate sobre o “boom” da literatura brasileira. O escritor discute, neste texto, a publicação de algumas obras como *Lambões de Caçarola, Malagueta, Perus e Bacanaço* e a filmagem de *Paulinho Perna Torta*, de João Antônio. O texto também traz comentários sobre o filme *O Jogo da Vida*, inspirado em uma de suas obras.

ARAÚJO, Henry Corrêa de. Gente, Livros e Bichos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 mar. 1979.

(1c) Neste texto, vários autores comentam o lançamento do livro de Manoel Lobato intitulado *Por que não abraça uma árvore pequena?* João Antônio considera o livro como uma verdadeira “obra-prima”, a começar pelo título.

BIONDO, Sonia. Comercialização de Livros. A Crise de sempre ou o caos? *O Globo*, 5 abr. 1979.

(1b) Esta reportagem aborda a problemática do mercado de livros e o reflexo desta em livrarias como a *Entrelivros*, que deixou de comprar títulos novos das editoras. Há várias

opiniões sobre esse tema, como de um dos sócios proprietários da mesma, de escritores como José Louzeiro e João Antônio. Este, segundo o texto, tenta provar o “caos” que se instalou na comercialização das obras brasileiras.

ESCRITOR vai à justiça para receber direitos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1979.

(1b) Trata-se de uma denúncia de João Antônio contra a Bloch Editores. Segundo o texto, o escritor reclama os direitos autorais pela edição de seu conto “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas”, que seria inserido numa coletânea intitulada *Literatura Brasileira em Curso*. Segundo o escritor, Carlos Drummond de Andrade, Autran Dourado e Samuel Rawet também tiveram o mesmo problema com a Bloch e ganharam a causa.

MILLARCH, Aramis. João Antônio, o consagrado autor de Malagueta, Perus e Bacanaço... *O Estado do Paraná*, Curitiba, 15 abr. 1979.

(2a) Esta resenha é por ocasião do lançamento do livro *Ô Copacabana!*. Para o autor, apesar de João Antônio ser um dos autores mais lidos no momento, o escritor se preocupa com a crise das obras nacionais e do mercado editorial.

BUENO, Wilson. João Antônio dá o recado. *Jornal de Pesquisa*, 22 abr. 1979.

(1b) Este texto trata de uma carta de João Antônio enviada a Wilson Bueno. O autor faz considerações a respeito do escritor que se queixa da crise no setor do livro devido à desvalorização da literatura nacional.

JOÃO Antônio entra na Justiça contra a Bloch. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 3 maio 1979.

(1b) Nesta reportagem, encontram-se dados sobre a ação movida por João Antônio contra a Bloch Editores. Esta, segundo o texto, teria publicado o conto “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas”, sem a autorização de João Antônio.

ESCRITOR João Antônio está processando editora do Rio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12 maio 1979.

(1b) O texto traz algumas considerações sobre o escritor João Antônio e sua luta pelos direitos autorais de “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas”, editado pela Bloch em *Literatura Brasileira em Curso*. Segundo o autor, o mesmo ocorre com os escritores Autran Dourado, Drummond de Andrade e Samuel Rawet.

JOÃO Antônio: a literatura foi a válvula de escape na repressão. *Jornal Revista Semanal*, Vitória, jun. 1979.

(1a) Nesta entrevista João Antônio fala da publicação de *Ô Copacabana!* e de seu “abastecimento de leituras”, pois estaria relendo alguns autores russos. O escritor também discute sobre a “imprensa nanica” e o “boom” literário brasileiro.

JOÃO Antônio... *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº663, 16 jun. 1979.

(1c) Breve nota a respeito do trabalho de João Antônio pela divulgação “e autodivulgação” da literatura nacional.

JOÃO Antônio: pesquisando o grotesco na obra de Valle-Inclán. *A Gazeta*, Vitória, 26 jun. 1979.

(1a) Nesta entrevista, ressalta-se a nova fonte de pesquisa de João Antônio. Ele estaria, segundo o texto, estudando a obra do espanhol Ramón María del Valle-Inclán. O escritor

pretenderia, com esse estudo, levantar uma nova linha de produção dentro do grotesco. O autor faz considerações sobre o social na obra joãoantoniana, levantando dados sobre o público leitor, o “boom” literário e comenta a sutil diferença entre produzir literatura preocupada com as injustiças sociais e apenas fazer denúncia.

SCHER, Therezinha. Ô Copacabana. *Península*, Juiz de Fora, Nº 11, jul./ago. 1979.

(2a) Neste texto, a autora parte do processo de desmitificação feita pelo escritor de *Ô Copacabana!*. Para Scher, João Antônio, enquanto repórter, visualiza minuciosamente o que está por trás da “princesinha do mar”. Alguns trechos do livro intercalam as considerações do resenhista.

ESCRITOR decide mover processo. *Zero Hora*, 6 jul. 1979, p. 3.

(1b) Breve reportagem sobre o processo movido por João Antônio contra a Bloch Editores. O escritor, segundo o texto, lutaria pelos seus direitos autorais.

NOLL, João Gilberto. Calçadas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1979.

(1c) Neste texto Renard Perez é comparado ao escritor João Antônio por “perambular pelas calçadas” de Copacabana. Ambos, segundo o autor, reconhecem as expectativas e frustrações do bairro carioca.

PEQUENA entrevista com João Antônio. *O Norte*, 01 set. 1979.

(2a) A entrevista está inserida numa resenha do lançamento de *Ô Copacabana!*. João Antônio discute algumas considerações a respeito de suas andanças pelo bairro carioca.

ESCOVEDO, Sérgio. 7 anos de resistência cultural *Setedias*, Niterói, *Jornal do Livro*, Suplemento da Tribuna, p. 01 a 08 set. 1979.

(1c) Este texto aborda os sete anos do *Suplemento da Tribuna*, que é o resultado do movimento cultural a favor da liberdade de expressão. Para comemorar, foram lançados sete livros de autores polêmicos e um deles seria do escritor João Antônio.

AUTORES lançam livros com choro. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 3 set. 1979.

(1b) Esta reportagem contém informações sobre a “noite pela anistia geral”, que foi um encontro ao som de chorinho. João Antônio estaria entre os sete autores que participaram do evento.

FRADE, Wilson. Mercado para a literatura brasileira. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 set. 1979.

(1c) Esta nota coloca em evidência autores da “nova literatura brasileira”. Murilo Rubião, Antônio Torres, Roberto Drummond, Wander Pirolli e João Antônio são citados, entre outros.

JOÃO Antônio traduzido em tcheco. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 5 set. 1979.

(1b) Breve nota sobre a tradução de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o tcheco. Segundo o autor, o conto “Paulinho Perna Torta” foi seu primeiro texto traduzido na Tchecoslováquia.

MENEZES, Carlos. As muito rápidas. *O Globo*. Rio de Janeiro, 7 set. 1979.

(1c) Em meio a outros anúncios de lançamentos de obras, a coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço* é citada por ter tido uma ótima aceitação no mercado internacional.

MILLARCH, Aramis. João Antônio, o escritor (I). *O Estado do Paraná*, Curitiba, 14 set. 1979.

(3b) Neste artigo, Aramis Millarch, partindo de aspectos biográficos sobre João Antônio, descreve a luta desse escritor jornalista para publicar suas obras no final da década de 70. O autor faz considerações sobre o ficcional e o verídico na produção do escritor e afirma que *Leão-de-chácara* foi, inicialmente, uma reportagem para o primeiro número revista *Você*, impedida de circular por Roberto Marinho.

MILLARCH, Aramis. João Antônio, o escritor (II), *O Estado do Paraná*, Curitiba, 15 set. 1979.

(1b) Esta reportagem trata da visita feita por João Antônio às “parcerias inéditas”, no Paiol, seminário da “nova literatura brasileira”, em Curitiba. O escritor, segundo Millarch, reveria o jornalista Wilson Bueno. O autor faz considerações sobre o evento, a temática joãoantoniana e discute os lançamentos de João Antônio que se tornaram “best-sellers” no Brasil. Além disso, o texto traz um depoimento do escritor paulista, que, em forma de manifesto, expõe a situação do fazer literário numa época marcada pela repressão.

Ô COPACABANA, de João Antônio. *O Norte*, 26 set. 1979.

(2a) Esta resenha diz respeito ao lançamento de *Ô Copacabana!*, de João Antônio. O autor aponta algumas obras do escritor e cita as palavras de Mário Lago sobre a obra joãoantoniana. Um trecho do livro também é exposto na resenha.

LIVROS & Autores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 set. 1979, p.9.

(1c) João Antônio é citado neste texto por fazer parte da coletânea de “estórias curtas” dos novos escritores brasileiros nos Estados Unidos. Segundo a tradutora Rebecca Catz, o escritor paulista, juntamente com Rubem Fonseca, Tania Faillace e outros, são considerados supra-realistas.

UM DOS MAIORES contistas do Brasil procura uma editora. *A Gazeta*, Vitória, 4 out. 1979.

(1b) Esta reportagem aborda a dificuldade de João Antônio para conseguir publicar o seu novo lançamento *Ô Copacabana!*. Além disso, segundo o texto, o escritor denuncia a falta de profissionalismo dos editores no Brasil.

JOÃO Antônio, desiludido e em busca de um editor. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 out. 1979.

(1b) Reportagem sobre a falta de editores para a publicação de *Ô Copacabana!*. De acordo com o anúncio, ao contrário das editoras do exterior, as editoras brasileiras não valorizam o trabalho de João Antônio, reconhecido em vários países da Europa.

UM AUTOR denuncia falta de seriedade de editores nacionais. *O Popular*, 5 out. 1979.

(1c) Apesar da grande aceitação das obras *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca*, que venderam um total de 70 mil exemplares, João Antônio, de acordo com o texto, encontraria dificuldades para conseguir um editora para *Ô Copacabana!* O escritor faz comentários sobre a grande diferença entre as editoras do exterior e as brasileiras.

FARIAS, Marcílio. Olhos vermelhos: maestria e síntese do símbolo. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 out. 1979.

(1c) Neste texto, Marcílio Farias faz comentários sobre a poética e a “síntese símbolo” em *Olhos Vermelhos*, de Chacal que, segundo o autor, teria seu clímax neste livro. Para o autor, João Antônio seria um dos grandes admiradores desse poeta.

FARIAS, Marcílio. A faca de muitos lados. *Correio Braziliense*, Brasília, 19 out. 1979.

(1c) Este autor aborda a problemática do gênero contístico na literatura brasileira. Para isto, Marcílio Farias parte da história da literatura e traça um panorama do “processo criativo” do conto no Brasil. Além de citar vários nomes da literatura contemporânea, o autor afirma que a literatura de João Antônio estaria ao lado da produção de Lima Barreto, pois ambos introduziram, na crítica literária, “pontos de indagação vitais” a respeito do método de criação literária.

AS PERIPÉCIAS de três malandros da madrugada. *Revista do Livro*, Nº 36. jan./fev./mar. 1980.

(2a) Breve resenha sobre o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* que estaria sendo relançado. O resenhista, além de fazer comentários sobre a filmagem dessa obra, fala também da temática da malandragem no livro de João Antônio.

ARCELA, Antonio. A saga de Malagueta, Perus e Bacanaço em nova edição, *Correio da Paraíba*, 1980.

(2a) Resenha sobre a nova edição do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Antonio Arcela faz breves comentários sobre a temática geral do livro de João Antônio.

SILVA, Aguinaldo. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, s.l., 1980.

(2a) Nesta resenha crítica, Aguinaldo Silva exalta as qualidades de caráter estrutural e temático na obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Para o autor, o plano estrutural é valorizado pela linguagem contida no universo da marginalidade; já na temática, a crítica social eleva o trabalho ficcional de João Antônio.

FARIAS, Marcílio. Conto e vírgula em terreno árido e vazio. *Livros*, 1980.

(1c) Este texto é uma resenha sobre o livro de contos *Conto e Vírgula*, de Geir Campos. Marcílio Farias, ao elogiar o trabalho do escritor com a linguagem, faz referência ao talento de João Antônio em utilizar a linguagem em sua obra. Dessa forma, o escritor conseguiria, através desse processo, um “nível” depurado de síntese em suas narrativas.

RIBEIRO, Leo Gilson. Aqui e lá fora, nada de novo. Ou quase nada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1980.

(1c) Este texto refere-se a uma espécie de balanço dos acontecimentos literários do ano de 1979. Segundo Leo Gilson Ribeiro, somente o meio televisivo tem-se destacado, enquanto a literatura foi ficando para segundo plano. O autor também traça um pequeno panorama da literatura no Brasil e no estrangeiro. Dessa forma, a produção literária nacional, segundo Ribeiro, se divide em duas correntes: de um lado Hilda Hilst e do outro João Antônio.

RIBEIRO, Leo Gilson. Muitas tendências reafirmadas, mas pouca inovação. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 jan. 1980.

(1c) O texto traz considerações sobre as tendências literárias da década de setenta. Autores nacionais e estrangeiros são citados para exemplificar as considerações feitas por Ribeiro. Guimarães Rosa, Gunter Grass, Norman Mailer e vários outros compõem o quadro de escritores comentados pelo autor. A literatura brasileira, segundo o texto, apresenta um

desequilíbrio absurdo representado pelas obras de Hilda Hilst, “criando uma literatura até então impensável em português”, e um João Antônio que remexe a “ferida social” no Brasil.

JOÃO Antônio editado no Círculo do Livro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 2 fev. 1980.

(1b) Esta reportagem fala das obras de João Antônio que foram lançadas e relançadas e até filmadas, como seria o caso de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O conto “Frio” seria traduzido para o espanhol e faria parte de uma coletânea de autores brasileiros editados por uma Editora de Buenos Aires.

FARIAS, Marcílio. Sob o signo da chuva (e do medo), *Correio Braziliense*, Brasília, 12 fev. 1980.

(1c) Nesta resenha sobre o livro *Sob o signo da chuva*, de Márcia de Almeida, o autor, ao traçar breves comentários sobre o conto moderno, cita João Antônio por ser o precursor que deu um novo impulso a esse gênero, marcado pela “síntese dos significados mais abrangentes”, aspectos que dariam novos rumos às narrativas da literatura brasileira.

MENEZES, Carlos. As muito rápidas. *O Globo*, Livros, 22 fev. 1980.

(1c) Nota sobre a sexta edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e a tradução do texto “Frio” feita pela argentina Graciela Criollo.

A FRASE “só lhe poderei dizer, francamente, que é o mais nanico dos nanicos”...*Suplemento Literário de Minas Gerais*, Minas Gerais, nº 705, 5 abr. 1980.

(1b) Breve reportagem sobre a carta de João Antônio enviada para o editorial do microjornal em 13 de março. O texto também traz comentários sobre a sexta edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

MOREIRA, Liana. O Rio acabou transformado em mero curral eleitoral. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1980.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio discute a mudança da capital do País e no que esse fato resultou para o Rio de Janeiro. O escritor também aborda questões sobre o ensino para os jovens, a situação do escritor brasileiro e a filmagem de *O Jogo da Vida*, baseado na obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, do escritor paulista.

FARIAS, Marcílio. Volta do malandro irreverente. *José*, Brasília, maio, 1980, p. 13.

(2a) Nesta resenha, Marcílio Farias levanta aspectos biográficos, temáticos e formais no livro *Malhação do Judas Carioca*, que seria o recente lançamento de João Antônio. Para o autor, o novo livro do escritor renova a “dimensão” do conto brasileiro, buscando aprofundar as relações entre o homem brasileiro e o seu interior. O texto também explora o “realismo poético” presente na obra.

FONSECA, Ênio. Malagueta, Perus e Bacanaço. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 maio 1980.

(1b) Reportagem sobre a carreira do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O texto traz considerações biográficas sobre o escritor e comenta o filme *O Jogo da Vida*, e o sucesso do escritor em diversos países estrangeiros.

SILVA, Deonísio da. Anos 70 – A repressão na literatura. *Jornal de Ensino*, (Suplemento de educação e cultura), nº 8, 17 maio 1980.

(1b) O autor traz considerações sobre a série de cadernos intitulados *Anos 70 – uma análise da cultura brasileira em uma década de repressão*. Ao comentar sobre o conteúdo do

*Caderno N° 2*, que se restringe ao meio literário, o autor cita o depoimento de João Antônio, que é um dos escritores que escreve para o jornal.

FRUTO do inevitável. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 maio 1980.

(1c) Este texto revela a opinião de Emil Fahrat sobre sua retomada do romance e seu súbito distanciamento da sociologia. Ao fazer considerações sobre a literatura brasileira de seu tempo, cita João Antônio, entre outros, como exemplo do êxito do fazer literário contemporâneo.

MANDATTO, Jácomo. João Antônio: aberto para balanço. *A Tribuna. Vitória*, 12 ago. 1980.

(1b) Esta reportagem aborda a carreira literária de João Antônio. Os comentários de obras vão desde *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, que já se encontra na sexta edição, até *Meninão do Caixote*. Jácomo Mandatto também traz considerações biográficas do escritor paulista e aponta alguns títulos já traduzidos em vários países estrangeiros.

LITERATURA. *Pasquim*, n° 581, 15 a 21 ago. 1980, p. 17.

(1c) Breve resenha sobre o lançamento do livro de Gilberto Braga, *Água Viva*. Ao exaltar o tom otimista e humorista do autor, o resenhista classifica autores como Ignácio de Loyola Brandão e João Antônio como “autores mal-humorados”.

RAMOS, P. Casa de Loucos. *Pasquim*, N° 581, de 15 a 21 ago. p. 20.

(2a) Resenha do livro *Casa de Loucos*, de João Antônio. Ao citar a obra do escritor, o autor pergunta ao leitor onde anda o que “melhor retratou os merdunchos”. O texto traz sintéticas considerações sobre a temática do livro.

CARICATURA. Os malandros apostam na arte de deformar. *Isto é* N° 191, p. 63, 20 ago. 1980.

(1c) A reportagem é sobre cinco cartunistas, Chico Caruso, Luis Trimano, Cássio Loredano, Fafs e Jane. O enfoque está nas respectivas dificuldades para serem reconhecidos no meio artístico. O autor procura mostrar um ponto comum dos cinco artistas que seria a censura de alguns “poderosos” que não admitem serem retratados de maneira “disforme”. Mas, segundo o autor, existem personalidades que fazem parte dessa “comunidade artística” e não se importam de terem suas caricaturas nos jornais, como é o caso do escritor João Antônio e de Nelson Rodrigues.

VIEIRA, Flávio Pinto. Três brasileiros falam para os argentinos. *Tribuna da Imprensa*. 23 ago. 1980.

(1b) Este texto traz três breves depoimentos dos escritores José J. Veiga, Antônio Torres e João Antônio e suas respectivas produções literárias. Este último fala sobre seu maior objeto de estudo para a produção de sua obra, que é o “ser humano” e seu ambiente social.

MANDATTO, Jácomo. Livros & Livros. *Folha de Itapira*, 28 set. 1980.

(1c) Com o subtítulo de “O Sol no Céu da Boca”, Jácomo Mandatto fala sobre o talento de Fernando Tatagiba. João Antônio é citado por “apadrinhar” o novo escritor, apoiando – o e incentivando-o no meio literário. O texto traz, também, a opinião do escritor paulista sobre o novo lançamento de literatura brasileira.

LAFETÁ, João Luiz. João Antônio e sua estética do rancor. *Folha de São Paulo*, 5 out. 1980.

(2a) Neste texto, a obra *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, é abordada a partir de sua temática e linguagem. Lafetá, além de focalizar o vocabulário utilizado por João Antônio,

tenta desvendar ao leitor o signo empregado no título da coletânea. Para o estudioso, haveria um “certo paradoxo” entre as obras anteriores, que teriam um tom picaresco, diferentemente do último lançamento do escritor, que está carregado de um “certo rancor” do narrador.

MENEZES, Carlos. Livro de João Antônio devorado num incêndio ganha sua última edição. *O Globo*, 28 nov. 1980, p. 30.

(2a) Breve resenha sobre a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O autor traz informações biográficas sobre a carreira do escritor e comenta sobre a aceitação da obra joãoantoniana em países estrangeiros.

ROMANCES reeditados. *Jornal do Brasil*, 29 nov. 1980.

(1b) Esta reportagem aborda os escritores que mais foram reeditados nos últimos anos. Moacyr Scliar, Afonso Schmitdt e João Antônio seriam os que mais se destacaram no mercado editorial. O autor traz comentários sobre a estréia de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que surge em 1963 e até então bate recordes em venda.

JOÃO Antônio, de volta com o “Malagueta”. *Folha de São Paulo*, 31 nov. 1980.

(2a) Breve texto sobre a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O autor escreve, sinteticamente, sobre os textos que compõem a obra em questão e lamenta, apenas, pela capa “horrorosa e cretina”, que não corresponderia ao conteúdo do livro.

JOÃO Antônio o nosso autor “underground”. *Record*, dez. 1980, Nº 9.

(1b) Nesta reportagem, o autor reproduz um depoimento de Aguinaldo Silva sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Além de ressaltar a linguagem empregada na obra, João Antônio, segundo o texto, é finalmente “nosso *underground*”, não aquele com “postura pop”, como afirma o autor, mas aquele que busca no submundo, paralelo à realidade geral, os ingredientes para compor sua obra.

LUCIDI, Daisy. Picadinho. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1980, p.8.

(2a) Resenha sobre a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. A autora parte dos personagens que compõem a obra joãoantoniana para apontar alguns aspectos biográficos presentes na construção da obra. Lucidi também faz breves comentários sobre a situação do escritor no mercado editorial brasileiro.

MAIA, Adinoel Motta. A Editora Record coloca no mercado a 7ª edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*... *Jornal da Bahia*, 6 dez. 1980.

(2a) Breve resenha do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, cuja sétima edição a editora Record coloca no mercado. O texto traz breves considerações sobre o sucesso nacional e internacional do livro de João Antônio, assim como considerações biográficas a respeito do escritor.

RIBEIRO, Leo Gilson. O livro que deu um soco em nosso crítico... *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 6 dez. 1980, ano XVI, Nº 740, 12 pgs.

(2a) A resenha é sobre o livro *Leão-de-chácara*, de João Antônio. O autor faz breves comentários a respeito da maneira como os personagens, a linguagem e a ambientação são trabalhados na obra joãoantoniana, em especial no segundo lançamento do escritor.

FICÇÃO: três malandros. *Jornal da Bahia*, Salvador, 7 dez. 1980.

(2a) Neste texto, o autor parte de aspectos sociológicos para ressaltar a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O texto traz considerações a respeito dos três personagens que compõem o conto que dá título ao livro.

CLÁSSICO Velhaco: 7º round com fúria. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 7 e 8 dez. 1980, Nº 8.097, p.10.

(2a) Esta resenha destaca o lançamento da sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Além de dados sobre a publicação do livro, lançado pela primeira vez em 1963, o texto traz considerações biográficas a respeito de João Antônio.

JOÃO Antônio: “O conto é o maior gênero literário do País”. *A Tribuna*, Vitória, 18 dez. 1980.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio fala sobre o nível dos trabalhos no 2º concurso de Capixaba. O autor expõe sua opinião sobre a crítica literária brasileira, os cursos de letras e a falta de incentivo à leitura nas escolas e na sociedade em geral.

JOÃO Antônio e a literatura da vida. *Zero Hora*, 23 dez. 1980.

(1a) João Antônio, nesta entrevista, faz considerações sobre a construção de seus personagens e explica o motivo pela qual não destaca personagens femininas em sua obra. O escritor comenta a respeito de seus livros *Paulinho Perna Torta* e *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

MALAGUETA. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 743, 27 dez. 1980.

(2a) Breve resenha sobre a sétima edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O texto traz breves considerações a respeito da linguagem empregada na obra de João Antônio.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. Conto brasileiro contemporâneo. Porto Alegre, *Mercado Aberto*, 1981, p. 194-197.

(3a) O autor deste ensaio procura focalizar a ambientação marginal em que João Antônio constrói seus personagens. Hohlfeldt resgata diversas considerações da crítica, como os estudiosos Malcom Silverman, Fausto Cunha e Alfredo Bosi. Estes, para o autor, reconheceriam a singularidade da obra joãoantoniana na literatura contemporânea. Outra característica marcante apontada pelo articulista seria quanto à realidade dos fatos fixados nos livros do escritor que, salvo algumas exceções, se misturariam com a “fantasia e sensibilidade” do escritor, resultando numa oscilação entre o ficcional e a reportagem.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço: na crista da onda... *O Diário*, 8 jan. 1981.

(2a) Pequena resenha a respeito do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Este, de acordo com o texto, de autor anônimo, teria diversas premiações, chegando a virar filme produzido no Brasil. O longametrage se chamaria *O Jogo da Vida* e teria Lima Duarte como um dos personagens.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Injustiças Literárias. *Correio das Artes*, João Pessoa, 25 jan. 1981.

(1b) O artigo trata da falta de reconhecimento de alguns escritores pela crítica literária. No Brasil, Silvio Romero e José Veríssimo são apontados por Barbosa Filho como os primeiros a darem “páginas e mais páginas” a alguns escritores em detrimento “daqueles” que permanecem desconhecidos pelo meio literário. O autor do texto cita Lima Barreto como um

escritor excluído e remete ao escritor João Antônio o discernimento de não cometer a mesma injustiça, escrevendo sobre a vida e a obra barretiana.

JOÃO Antônio na Fidene. *Correio Serrano*, 20 fev. 1981.

(1c) Breve nota sobre a participação de João Antônio na divulgação da obra *Contos Brasileiros: antologia da Fidene*, editada pela própria Fidene. O texto traz, ainda, breves informações sobre o evento e dados sobre a carreira do escritor contemporâneo.

JOÃO Antônio, flagrantes da malandragem. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1981.

(2a) Resenha sobre o livro *Leão-de-chácara*. O texto aponta para as premiações da obra joãoantoniana e para o universo ficcional e marginal da mesma.

CAVALCANTI, Valdemar. Malhação do Judas Carioca (o Rio com muito amor). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 752, 28 fev. 1981, p.4.

(2a) O autor, ao comparar a paixão de alguns escritores pelo Rio de Janeiro ao amor de Romeu e Julieta, aponta João Antônio como um eterno apaixonado pela cidade carioca. Exemplo disto, segundo Cavalcanti, seria a criação da obra *Malhação do Judas Carioca*.

LITERATURA. *Jornal da Manhã*, Ijuí, 28 fev. 1981, p.22.

(1a) Nesta entrevista cedida ao *Jornal da Manhã*, João Antônio discute sobre a qualidade da FIDENE no Rio Grande do Sul. O autor faz uma proposta aos estudantes universitários sobre a educação no Brasil e discute a respeito do número de leitores de obras nacionais, enfim, a situação do livro e das editoras no País.

FIDENE no mercado editorial. *Jornal da Manhã*, Juí, 28 fev. 1981, p.22.

(1c) João Antônio seria apontado, neste texto, por fazer parte da coletânea *Contos Brasileiros*, organizada por Sueli Maria Schreiber da Silva, professora de Língua Portuguesa na Fidene. O escritor também compareceria ao evento de divulgação da obra na universidade.

ENTREVISTA inédita e exclusiva com João Antônio: a profissionalização do escritor. *Acadêmico*, Blumenau, nº 52, mar. 1981, p. 7-9.

(1a) O assunto desta entrevista gira em torno da profissionalização do escritor brasileiro, suas dificuldades em ser reconhecido como trabalhador digno de uma remuneração justificável. Além desses tópicos, João Antônio discute a má distribuição do livro no Brasil e a falta de incentivo ao hábito de ler autores nacionais.

MOREIRA, Virgílio Morilzsohn. João Antônio: um tiro no concerto. *O Globo*, Livros, 1 mar. 1981, p.5.

(2a) Nesta resenha sobre o livro *Leão-de-chácara*, Moreira destaca aspectos biográficos na construção do universo marginal joãoantoniano. O autor, além de destacar a temática, não deixa de ressaltar a linguagem como principal fator do realismo em seus personagens centrais.

O LIVRO da Semana: A volta de João Antônio, “o clássico velhaco”. *Correio Popular*, Campinas, 7 mar. 1981.

(2a) Esta resenha é por ocasião da sexta edição do livro *Leão-de-chácara*. O autor cita alguns críticos que prestigiam o trabalho do escritor, como Antonio Candido, Edna Savaget e Ricardo Ramos.

CUNHA, Carlos. João Antônio: a ficção do submundo. *Revista Nacional*, 15 a 21 mar. 1981.

(1b) Partindo da temática marginal presente na obra de João Antônio, Carlos Cunha ressalta o estilo inovador do escritor paulista. O texto traz, além desses dados, um depoimento do próprio escritor a respeito de seu processo de criação ao retratar o bairro carioca em seu livro intitulado *Ô Copacabana!*

BRITO, Osvaldo Lopes de. Literatura Policial: 2 brasileiros no meio. *O Diário de Ribeirão Preto*, 8 mar. 1981.

(2a) O autor classifica três obras como literatura policial, o *Axioma*, de José Louzeiro, *Leão-de-Chácara*, de João Antônio e *O crime do livro das sombras*, de George C. Chesbro. Dos livros citados, o autor ressalta a temática e discute o autobiografismo no livro de João Antônio.

O LIVRO da semana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1981, p. 11.

(1c) Este texto trata de um artigo sobre o livro *Opus 60 e Ensaios de crítica*, de João Alexandre Barbosa. O autor, além de fazer breves considerações a respeito da crítica literária de 1962, afirma que João Alexandre Barbosa, por ter produzido numa época de inquietações políticas, trabalharia como um intérprete do povo. João Antônio, assim como Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Autran Dourado e outros, seriam analisados pelo crítico.

MAIA, Adinoel Motta. Contos e Crônicas cariocas. *Jornal da Bahia*, Salvador, 4 abr. 1981.

(1b) Nesta reportagem, Adinoel Motta Maia destaca duas obras que retratam o Rio de Janeiro: *Ai de ti Copacabana!*, de Rubem Braga e *Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio. Este, de acordo com o texto, além de falar sobre o bairro Copacabana, traria para sua obra a Lapa, a Zona do Cais e a Zona Norte de São Paulo.

SITUAÇÃO do conto brasileiro moderno (IV): depoimento de João Antônio. *Suplemento Literário e Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 758, 11 abr. 1981, p. 1-2.

(1a) Este texto trata de uma resposta de João Antônio para um questionário do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Nesta breve enquête, o escritor fala sobre a situação do conto moderno brasileiro.

A GRANDE tacada. *Microjornal*, São Paulo, nº 35, 11 abr. 1981.

(1c) Neste artigo, o autor fala sobre o jogador de sinuca Jesus Gabriel Sanches, que faz seu depoimento para o *Microjornal* e afirma que o jogo de sinuca não tem reconhecimento no mundo dos esportes. Cita o filme *O Jogo da Vida*, de Maurice Capovilla, baseado na obra de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, como o único filme sobre sinuca. Aliás, segundo o texto, o filme deixa a desejar, pois retrata de maneira inadequada algumas situações que envolvem o jogo e os jogadores.

ALVES, Rosental Calmon. VII Feira internacional do livro. *Jornal do Brasil*, 11 abr. 1981.

(1c) O texto levanta dados sobre a VII Feira Internacional do livro, na Argentina. As obras brasileiras ocupariam, segundo o texto, um “stand” destacado entre os 31 países que participaram. João Antônio seria citado por estar entre os autores brasileiros mais procurados no mercado livreiro, juntamente com Graciliano Ramos, Lígia Fagundes e Dalton Trevisan.

O AUTOR mostra a realidade em três por quatro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1981.

(2a) Nesta resenha, são exaltadas a linguagem e a temática na obra *Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio. O autor também classifica o estilo do escritor como “Jornalismo literário”.

GONÇALVES FILHO, Antônio. João Antônio anuncia suas novas criações. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1981.

(1b) Esta reportagem é por ocasião do pré-lançamento do livro *Dedo-Duro*. Gonçalves Filho considera essa obra de João Antônio como algo inédito no trabalho literário do escritor, na temática, nas personagens e na ambientação. O autor também cita vários críticos como Marcos Rebelo e Marcos Rey e suas respectivas considerações sobre a nova criação joãoantoniana.

DUAS reedições de João Antônio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 maio, p.14.

(2a) Resenha sobre as reedições de *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca*, pela editora Record. O texto traz breves informações sobre a temática e a carreira literária de João Antônio.

FARIAS, Marcílio. A volta do malandro irreverente. *José*. Brasília, 16 a 22 maio 1981, p. 13.

(1b) Esta reportagem procura definir a posição de João Antônio diante da Literatura Brasileira. O autor Marcílio Farias fornece dados a respeito da participação do escritor em eventos e palestras em diversos locais do Brasil e aponta para o estilo do escritor paulista na produção literária contemporânea. De acordo com o texto, no livro *Malhação do Judas Carioca*, estaria a panorâmica do processo de criação do escritor paulista.

DO BRASIL para o mundo: além de futebol, livros. *Jornal da Bahia*, Salvador, 24 maio 1981.

(1b) Este texto ressalta o sucesso do escritor João Antônio no exterior. O autor começa seu artigo com uma versão em francês do conto “Frio”, que estaria sendo tema de uma tese de doutorado em literatura comparada. A dissertação foi elaborada pela professora Neuza Gonçalves Travaglia, na universidade de Nice, na França. Partindo de tais considerações, o autor do texto questiona o motivo pelo qual não há uma verba digna destinada à divulgação dos escritores nacionais em países estrangeiros, enquanto que a seleção brasileira de futebol, por exemplo, receberia estimáveis valores para divulgar o futebol.

DEDO-Duro. *Diário de Pernambuco*, 29 maio 1981.

(2a) Breve resenha sobre a publicação do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O autor reproduz um depoimento de Jorge Amado a respeito da obra de João Antônio.

JOSÉ, Elias. Literatura: paixão e lucidez. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 765, 30 maio 1981, p. 4.

(1c) Este artigo de Elias José aborda o conteúdo da obra *Viver & Escrever*, de Edla Van Steen. Segundo o autor, este novo livro difere dos anteriores, pois não seria uma obra ficcional. A obra trata de dezoito depoimentos de escritores brasileiros “consagrados” que discutem os respectivos processos de criação literária. João Antônio estaria, de acordo com o texto, incluído nessa coletânea.

BRASIL, Assis. Situação do conto brasileiro moderno-VI: depoimento de Assis Brasil. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 765, 30 maio 1981, p. 1-2.

(1c) Neste depoimento, Assis Brasil discute questões que abrangem as essenciais características do conto brasileiro moderno. Ao falar sobre a narrativa curta, o autor cita João Antônio como um dos escritores que produziram suas obras na “época de ouro” dessa modalidade literária. O texto também aborda vários conceitos de diversos críticos sobre o conto brasileiro.

DEDO-DURO sai em junho. *Península*, Juiz de Fora, nº 17, maio/jun. 1981.

(1b) Breve reportagem a respeito do lançamento do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O texto focaliza a temática e traz informações sobre suas recentes participações em palestras e cursos em Faculdades de Letras.

TERCEIRA edição do Judas Carioca. *Estado de Minas*, 3 jun. 1981.

(2a) Resenha sobre a terceira edição de *Malhação do Judas Carioca*. O autor faz breves comentários sobre a temática e os personagens que compõem o livro de João Antônio.

SAIRÁ breve pela Record o último livro de João Antônio, o *Dedo-Duro... Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 766, 6 jun. 1981, p.11.

(2a) Breve nota sobre o livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O autor reproduz a opinião de Jorge Amado a respeito da obra do escritor paulista.

NEIVA, Graça. A brasilidade e o malandro. *Leia Livros*, nº 35, 15 a 14 jun. 1981.

(2a) Resenha crítica sobre o recente lançamento de *Dedo-Duro*. O autor traz considerações sobre o novo estilo de narrar de João Antônio, dando destaque ao texto “Bruaca”, que estaria inserido na obra. O texto também aborda questões referentes ao personagem Jacarandá na coletânea.

MALHAÇÃO do Judas carioca. *Record*. nº 11, jul. 1981.

(2a) Breve resenha a respeito da obra *Malhação do Judas Carioca*. O texto aponta, sinteticamente, a temática geral que está presente no livro de João Antônio.

RODRIGUES, Beatriz Lima. *O Prelo*, Rio de Janeiro, nº 204, 1 a 15 jul. 1981, p.12-13.

(1b) Esta reportagem procura destacar aspectos biográficos na produção de João Antônio. Além dos dados a respeito da vida do escritor, a autora cita algumas de suas obras e traz considerações sobre os personagens joãoantonianos.

AMARAL, Gonçalves da. *Malhação do Judas Carioca*, *Record*, 4 jul. 1981.

(2a) Pequeno texto informativo a respeito do lançamento da terceira edição de *Malhação do Judas Carioca*. Para o autor do texto, João Antônio teria “recuperado” os malandros e seu universo marginal para a literatura.

GOMES, Danilo. O centenário de João do Rio. *Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte*, nº 770, 4 jul. 1981, p.2.

(1c) O autor deste texto, ao homenagear o escritor e jornalista João do Rio, retoma a recente comemoração do centenário de Lima Barreto. E, apesar de elogiar a literatura barretiana, citando João Antônio como um dos maiores especialistas do assunto, Gomes afirma que João do Rio teria uma literatura superior à de Lima Barreto, pois a produção do primeiro, segundo o texto, seria mais “abrangente” que a do escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

MANDATTO, Jácomo. João Antônio: aberto para balanço (IV): visão crítica sobre “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 772, 18 jul. 1981, p. 4.

(1b) Neste texto, Jácomo Mandatto expõe a visão crítica de vários estudiosos a respeito da produção de João Antônio. Álvaro Augusto Lopes, Arnaldo Mendes, Ary da Motta, Ary Quintela, Assis Brasil, Braga Montenegro e vários outros. Os críticos analisam o estilo do

escritor, personagens, espaço e ambientação nas narrativas joãoantonianas. Para Mandatto, de acordo com esses estudiosos, são vários os aspectos que contribuem para a singularidade da literatura do escritor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* na literatura brasileira.

COELHO, Lauro Machado. João Antônio: força e autenticidade. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 25 jul. 1981.

(2a) Esta resenha é por ocasião da sexta edição de *Leão-de-chácara*. Coelho parte da temática geral da obra e levanta algumas características em comum entre os personagens desta coletânea com a primeira produção do escritor João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

BUENO, Wilson. Cachorros & Pingentes, *Curitiba Shopping*, 16 ago. 1981.

(1b) Esta reportagem trata de um diálogo de Wilson Bueno e João Antônio a respeito da dignidade do cão, animal que acompanhou a vida de ambos. O texto faz uma aproximação com a condição do pingente, que sempre teria um cão como testemunho de sua vida à margem da sociedade.

RENAIS, Paulo. Pede-me João Antônio duas palavras para o seu volume de contos *Dedo-Duro*, s. l., set. 1981.

(3b) Neste artigo, Paulo Rónai retrata o universo criado por João Antônio na obra *Dedo-Duro*. O autor resgata o lírico que estaria ao lado das situações mais grotescas nas quais se inseriam os personagens joãoantonianos. O texto compara o escritor paulista com Gregório de Matos, classificando o escritor paulista como um “novo boca do inferno” na literatura brasileira.

ITAPIRA recebe o escritor João Antônio no dia 3 setembro. *Cidade de Itapira*, 23 ago. 1981.

(1b) Considerado um dos escritores mais polêmicos da atualidade, João Antônio, neste texto, teria seus trabalhos divulgados no Brasil devido ao sucesso de venda em países estrangeiros. Segundo o autor, o escritor, preocupado com as questões sociais e econômicas do seu país, teria participado freqüentemente de palestras, cursos e outros eventos relacionados à literatura. O escritor teria palestrado sobre Lima Barreto, recentemente, em Itapira.

RENAIS, Paulo. Duas palavras. s.l., set. 1981.

(3b) O texto é sobre a classificação de gênero na obra de João Antônio. Segundo Renais, os personagens joãoantonianos oscilam entre o submundo criado e vivido pelo escritor, que seria comparado ao de Gregório de Matos pelo discurso “nervoso e brutal” que captaria o leitor para seu universo marginal.

JOÃO Antônio falará sobre Lima Barreto. *Folha de São Paulo*, 1 set. 1981.

(1b) Divulgação da presença de João Antônio na cidade de Itapira. O escritor daria uma palestra sobre Lima Barreto. O texto traz breves dados sobre o evento.

JOÃO Antônio falou em Itapira sobre Lima Barreto. *Cidade de Itapira*, São Paulo, 13 set. 1981.

(1b) O texto trata de um anúncio sobre a palestra ministrada por João Antônio a respeito de Lima Barreto. O autor descreve os pontos cruciais do evento e fala, sinteticamente, no assunto abordado pelo palestrante.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço visitam Itapira. *Folha de Itapira*, 13 set. 1981.

(1b) Reportagem por ocasião da palestra ministrada por João Antônio sobre Lima Barreto. Segundo o texto, a pedido do jornalista e historiador Jácomo Mandatto, o escritor paulista, depois de expor seu trabalho, responderia às diversas perguntas feitas por estudiosos do local. O texto traz alguns depoimentos do historiador sobre João Antônio, assim como considerações do escritor paulista sobre seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

MARCOS Rey, sarcástico, divertido. E nem por isso longe do social. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1981, p.8.

(1c) Trata-se de uma análise da obra *Ópera de Salão*, de Marcos Rey. Ao comentar sobre o sucesso deste, o autor afirma que o escritor, similar a João Antônio, seria considerado uma exceção na literatura brasileira, embora ambos seguissem caminhos distintos quanto à maneira de narrar. De acordo com o texto, Marcos Rey enveredaria para a sátira, enquanto que João Antônio seguiria uma tendência mais “neo-realista e amarga”.

JOÃO Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 set. 1981, p.11.

(2a) Breve resenha sobre a inclusão de fichas para orientação de leitura das obras *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, de João Antônio. O trabalho seria elaborado pela professora Maria Lucy Monteiro Siqueira.

TENHA livros na cabeceira da cama. *Jornal da Bahia*, 1 nov. 1981.

(1c) Esta reportagem é um incentivo ao hábito de leitura. O autor narra suas experiências com os livros de cabeceira e cita algumas obras que estaria lendo naquele momento. João Antônio seria um dos autores indicados para quem se interessaria por uma leitura rápida e agradável.

O MAIOR prêmio da literatura. *Isto é*. São Paulo, p. 68, 11 nov. 1981.

(1c) Neste texto, João Antônio seria citado por participar da equipe de escritores que colaborariam com a *I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. O texto também levanta dados sobre o evento e as premiações dos concursos literários.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Cultura Mário Chamie. *Escritor Brasileiro* 81, 21 nov. 1981, Caderno 9.

(1a) Esta entrevista, dirigida ao público da Biblioteca do Ipiranga, expõe alguns aspectos biográficos sobre João Antônio. Este, segundo o texto, falaria sobre o incêndio que destruiu a primeira versão de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, sobre seus pais e a obra que marcou sua vida. O escritor também comentaria a importância do estudo de filosofia para os intelectuais, do problema da censura num país como o Brasil. Quanto a sua produção, João Antônio abordaria a questão da gíria em sua obra e da temática futebolística presente em *Malhação do Judas Carioca*.

SÁ, Jorge de. Duelos com a realidade. *Jornal da Bahia*, 22 nov. 1981.

(1c) Esta resenha trata do lançamento do livro de Sílvio Fiorani, *A Morte de Natália*. Ao discutir sobre o elo entre a realidade vivida e a “realidade oficial” contida na obra, Jorge de Sá cita João Antônio, entre outros, como um dos escritores que buscariam, por meio da linguagem, o retrato fiel da realidade em seus livros.

MILLARCH, Aramis. (...) e no fim da noite, João achou a sua musa Macunaíma. *O Estado do Paraná*, 3 dez. 1981.

(1b) O texto é sobre uma visita de João Antônio a Curitiba para a inauguração do salão Passarola. O escritor, ao conhecer a sofisticada vida noturna paranaense, segundo o texto,

construiria sua próxima personagem “Magali Macunaíma”, inspirada numa moça que conhecera em suas andanças pelo Paraná.

PINHEIRO, Nevinha. Um conto do mal e do bem: “Paulinho Perna Torta”, de João Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 795, 26 dez. 1981, p. 1-2.

(3b) Nevinha Pinheiro, neste artigo, faz uma análise psicológica do personagem Paulinho Perna Torta, inserido na obra *Leão-de-chácara*, de João Antônio. Para a autora, o caráter do personagem apresenta duas facetas: uma marginal e outra, poética. Pinheiro acompanha as andanças do malandro e, no dizer da autora, também marginal e levanta aspectos que comprovam essa dualidade do protagonista.

FERRAZA, Geraldo Galvão. Mercado está em alta. *Isto é*. 30 dez. 1981, p. 72.

(1c) Breve referência ao escritor João Antônio que, juntamente com Lygia Fagundes Teles, Jorge Amado, Nélide Piñon e Otto Lara Resende, não publicaria, de acordo com o texto, nenhuma obra naquele momento. Segundo Ferraza, apesar do ano ter sido marcado por um alto consumo de livros, os autores mencionados não tiveram destacados índices de vendas. Quanto aos que tiveram privilégio no mercado livreiro, não foram citados por Ferraza.

RIBEIRO, Leo Gilson. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, 1982.

(1c) Esta reportagem abrange vários pontos sobre a questão da leitura no Brasil. Também mostra a situação de crise das editoras nacionais, pois, com o avanço da televisão, o livro estaria sendo deixado no ano de 1981. João Antônio estaria sendo citado por um dos grandes autores brasileiros a serem traduzidos e reeditados.

FARIAS, Marcílio. Conto e vírgula em terreno árido e vazio. *Jornal da Semana*, 1982, p.11.

(1c) O texto refere-se a uma resenha sobre o livro *Conto e Vírgula*, de Geir Campos. O autor, além de ressaltar dados literários sobre a obra, discute a respeito da criação do conto de seu tempo. Como exemplo, o autor cita João Antônio que seria o representante oficial da “poética da concisão em prosa”, que dificilmente será superada pelos próximos cem anos.

AMADO, Jorge. Orelha para Dedo-Duro de João Antônio, 1982.

(3b) Neste texto, sem referência, Jorge Amado classifica João Antônio como o grande marco para a literatura de sua época. O autor resgata grandes autores e seus respectivos períodos, como é o caso de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto. Este último, para Jorge Amado, teria um certo “parentesco” com as narrativas de João Antônio, o qual passaria para sua obra, assim como Lima Barreto, “ranger-de-dentes” e “soluços estranguladores”.

MAIS um autêntico João Antônio para você ler. *Record*, nº 16, 1982, p. 15.

(2a) Resenha por ocasião do lançamento de *Dedo-Duro*. O autor coloca a opinião de Jorge Amado na apresentação do livro de João Antônio. Além disso, o texto tem considerações sobre a obra e cita os sete contos inseridos na coletânea.

NUNES, Benedito. *Dedo-Duro*, s.l., 1982.

(3b) O artigo ressalta o aspecto semântico no livro *Dedo-Duro* de João Antônio. Este, segundo o texto, amarraria o léxico à “fortuna popular da língua”, o que resultaria na riqueza metafórica e temática da produção joãoantoniana. O texto também levanta questões sobre o ficcional e o autobiografismo no livro de João Antônio.

JOÃO Antônio. *Quem*, nº 58, jan. 1982, p.2-7.

(1a) Esta entrevista aponta os aspectos biográficos a respeito de João Antônio. Os assuntos abordam a inclinação literária do escritor, como nasceu *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, o incêndio, o perfil do escritor, a carreira de jornalismo, a relação do escritor com o cineasta Maurice Capovilla e sua opinião sobre Dalton Trevisan, que também retrataria o submundo, mas sob outro enfoque.

COISAS da Vida. *O Diário de Ribeirão Preto*, São Paulo, 20 jan. 1982.

(2a) Breve resenha sobre o mais novo lançamento de João Antônio, *Dedo-Duro*. O texto traz, sinteticamente, informações sobre o livro.

PAINEL do Ponto. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13 mar. 1982.

(1c) O texto trata de uma resenha a respeito do ensaio do livro *Conto Brasileiro Contemporâneo*, de Antônio Hohlfeldt. Além de ressaltar a terminologia e estrutura das análises de Hohlfeldt sobre determinados escritores brasileiros, o autor cita João Antônio, entre outros, como um dos maiores representantes do conto moderno.

EXALTANDO Lima Barreto e Noel. *Jornal de Hoje*, São Luiz, 21 mar. 1982, p. 13.

(1b) Breve texto sobre o escritor João Antônio, que estaria escrevendo a apresentação do romance “*Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto, para a edição que sairia na Alemanha. O autor também resalta que o escritor paulista pesquisaria sobre a vida do compositor Noel Rosa para seu novo trabalho.

SCLIAR, Moacyr. Até há pouco tempo, o escritor brasileiro. *Revista Zero Hora*, Porto Alegre, 18 abr. 1982.

(1c) Pequeno texto sobre o concurso de contos em Araraquara, evento que faz uma homenagem a Ignácio de Loyola Brandão. As Faculdades Integradas Castelo Branco acabam de lançar um concurso cujo título homenageia João Antônio.

FERREIRA, Sônia Nolasco. Depois do sucesso de “Galvez”, as perspectivas são fantásticas. *O Globo*, 23 abr. 1982.

(1b) Este texto refere-se a uma entrevista do jornal *O Globo* com Márcio Souza sobre o seu recente lançamento, *Galvez, o imperador do Acre*. Entre vários assuntos abordados, referentes à obra, o escritor resalta que, se João Antônio escrevesse romance, teria maior reconhecimento em Nova York.

RENAURO, Hilma. I Concurso de Contos João Antônio. *Castelo Branco Notícias*, maio 1982.

(1b) A reportagem é sobre o *Concurso de Contos João Antônio*. O texto traz considerações sobre o evento e dados sobre o estilo inovador do escritor na literatura brasileira.

MANDATTO, Jácomo. Lima Barreto e Noel Rosa. *Folha de Itapira*, 1 maio 1982.

(1b) Breve reportagem sobre a apresentação que João Antônio estaria escrevendo para o livro *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. O texto, além de informar sobre a reedição da obra na Alemanha, antecipa a nova fonte de pesquisa do escritor paulista que, naquele momento, estaria estudando profundamente a vida de Noel Rosa.

GUIMARÃES, Márcia. Pauta. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 2 maio 1982.

(1c) Trata-se de uma carta da escritora Márcia Guimarães ao jornalista Paulo Branco da *Tribuna da Imprensa*. O motivo foi uma controvérsia estabelecida em torno do seu último lançamento *O Rabo do Presidente*. Ao defender a repercussão do gênero conto no mercado

editorial, a autora aponta João Antônio, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca como os escritores que têm no conto suas expressões mais criativas no processo de construção de suas obras.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Escritores de Brega. *Isto é*. p. 58, 12 maio 1982.

(1c) Esta reportagem refere-se ao debate realizado por um grupo de escritores no *Teatro Casa Grande*, no Rio, passando informações à platéia que a imprensa não permitiria divulgar. Uma das várias discussões seria a respeito de quem escreveria, naquela época, o grande “romance brasileiro”. João Antônio, de acordo com Ferraz, seria um dos que teriam grandes possibilidades, entre outros.

O ESCRITOR João Antônio está sendo editado na Tchecoslováquia. *Folha da Tarde*, 22 maio 1982.

(2a) Breve nota sobre o lançamento do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* na Tchecoslováquia, que recebeu o título de *Paprika, Perus e Hezoun*, que teve uma porcentagem de venda bem maior que no Brasil.

SCLIAR, Moacyr. Do escritor João Antônio, boas notícias... *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 maio 1982.

(2a) Breve texto informativo sobre o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que acaba de ser traduzido na Tchecoslováquia. O texto também cita o próximo lançamento do escritor João Antônio, *Dedo-Duro*.

EXPORTANDO literatura. *Jornal da Bahia*, Salvador, 23 maio 1982.

(1b) Breve texto sobre a tradução de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o tcheco. O texto informa também sobre o convite feito a João Antônio para participar do júri num concurso de romance nacional, cujo vencedor receberia o *Prêmio Cidade de Belo Horizonte*.

APRESENTAMOS João Antônio, escritor, jornalista, e, acima de tudo, “um pingente urbano”. *Diário Popular*, 30 maio 1982, p.18.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio aborda diversos assuntos sobre sua vida e sua carreira literária. O escritor considera-se, segundo o texto, o próprio “pingente urbano”, fala dos direitos autorais das oito edições de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e de sua tradução para o tcheco. Além dessas abordagens, o texto levanta informações sobre a temática nas narrativas do escritor, o jornalismo em sua literatura e sua próxima pesquisa, que seria sobre Noel Rosa.

JOÃO Antônio em tcheco e em Florianópolis. *O Estado*, 30 maio 1982.

(1b) Este texto está anunciando a tradução do livro de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o tcheco. As reedições de *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca* também são mencionadas, assim como a presença do escritor em Florianópolis para uma palestra na UFSC.

VINTE e dois contistas em antologia para o leitor da Alemanha. *Jornal das Letras*, junho 1982.

(1b) Breve reportagem sobre a organização da coletânea *Capim limão* do professor Kay Michael Schreiner da UFRJ. Este, segundo o texto, selecionaria vinte e dois contistas brasileiros, entre eles, João Antônio. O livro seria editado na Alemanha.

BRITO, Mário da Silva. *Dedo-Duro*, s.l., Copacabana, 2 jul. 1982.

(2a) Nesta resenha, o autor ressalta a temática do submundo, tão constante na obra de João Antônio. Em seguida, o autor transcreve as palavras de Nara Antunes sobre a linguagem

empregada no livro *Dedo-Duro* e o ritmo “alucinante” no escritor contemporâneo, que seria o seu estilo inconfundível.

BRITO, Mário da Silva. O João do Povão lesado. *Isto é*. p.10,14 jul. 1982.

(2a) Esta resenha é sobre *Dedo-Duro*, de João Antônio e destaca pontos cruciais do novo livro desse escritor; tais como a temática, a sustentação estilística e a linguagem. Partindo de uma análise comparativa, Mário da Silva Brito traça pontos em comum entre João Antônio, Alcântara Machado, Lima Barreto e Damon Runyon.

CINCO autores brasileiros editados na Checoslováquia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 jul. 1982.

(1b) Reportagem por ocasião do lançamento de uma coleção de cinco autores brasileiros na Tchecoslováquia. Seriam estes: Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Osman Lins, José J. Veiga e João Antônio. De acordo com o texto, os autores seriam verdadeiras “obras-primas” da literatura brasileira. Os escritores José J. Veiga e João Antônio mereceriam maior destaque por serem os únicos dos citados que se encontrariam vivos no momento.

“DEDO-DURO”, livro novo de João Antônio. Mostrando poesia no ‘lixo da vida’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1982, p. 6.

(1b) Reportagem sobre o lançamento do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O texto aborda o processo de criação da obra e algumas considerações do escritor que afirma ser, este livro, “um mergulho” na sua autobiografia sentimental. João Antônio também comentaria a influência musical na sua carreira literária.

JOÃO Antônio volta, com *Dedo-Duro...*, s.l., 23 jul. 1982, Caderno B, p. 11.

(1c) Pequena nota sobre o lançamento de *Dedo-Duro*. O texto traz sintéticas informações sobre a nova coletânea de João Antônio.

GOMES, Duílio. Quem ama não delata. *O Estado de Minas*, ago. 1982.

(2a) Resenha crítica por ocasião do lançamento do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. Duílio Gomes retoma a primeira obra do escritor *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a temática marginal, sempre presente na obra joãoantoniana. O autor também enfatiza o inédito livro de João Antônio que, apesar de utilizar-se do mesmo universo marginal, constante em sua obra, descreve-o de forma diferente.

NESTA vida, a três coisas dou apreço. *Zero Hora*, ago. 1982.

(1c) Trata-se de um breve comentário sobre uma frase dita por João Antônio, em *Dedo-Duro*. O escritor afirmaria três “apreços” em sua vida: não possuir carro, não usar óculos e ainda estar vivo.

JOÃO Antônio na cabeça. *Jornal da Bahia*, Salvador, 1 ago. 1982.

(2a) Breve resenha sobre o livro *Dedo-Duro* lançado pela Editora Record. O autor insere um trecho do conto que dá título ao livro.

ANDRADE, Maria Aparecida. Tipos do submundo na corda bamba da vida. *O Globo*, 1 ago. 1982.

(2a) Utilizando-se de uma epígrafe de François Villon, “nada é mais seguro do que as coisas incertas”, a autora explora os tipos marginais na obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. O texto também levanta aspectos biográficos sobre o escritor, relacionando-os com a própria temática

presente nas narrativas do mesmo, nas quais o “incerto” estaria constantemente nas vidas de seus personagens.

SÁ, Jorge de. Novos Malaguetas, Perus e Bacanaços, *Jornal do Brasil*, 1 ago. 1982.

(2a) O autor desta resenha aborda vários aspectos do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O principal ponto explorado por Sá seria quanto às novas personagens joãoantonianas e, em consequência, o cenário inédito e marginal retratado pelo escritor. O texto traz, sinteticamente, comentários das narrativas inseridas na obra, procurando focalizar a linguagem nos textos do escritor.

FARIAS, Marcílio. Colcha de retalhos ou êngodo [sic] bem temperado. *Jornal José*, Brasília, 2 ago.a 9 out. 1982.

(3b) Marcílio Farias detém-se no aspecto formal e no plano lingüístico para ressaltar a obra de João Antônio. Segundo o autor, o escritor teria um “refinamento máximo” na tessitura e textualidade em sua produção literária. Vários outros aspectos são ressaltados no texto como a “devoção antoniana” pela pessoa anônima e o sociológico em suas narrativas. Tais aspectos, inovadores para a literatura contemporânea, constroem a “colcha de retalhos” que constitui a obra de João Antônio.

NO ANHEMBI, o encerramento da Bienal Nestlé. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1982.

(1b) Reportagem sobre o encerramento da *Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. Além de descrever os dias do evento, o texto traz opiniões de Moacyr Scliar a respeito do local e aponta alguns participantes. Fábio Lucas, ao expor sua tese intitulada *O conto no Brasil Moderno*, faria reflexões sobre o gênero, classificando João Antônio, entre outros, como o escritor que marcaria “o esplendor do conto” na década de 60.

JOÃO Antônio lança hoje seu *Dedo-Duro*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1982.

(2a) O texto ressalta, sinteticamente, dados sobre a editora Record, que lançaria o livro *Dedo-Duro*, de João Antônio, e apontaria a temática geral do livro do escritor.

JOÃO Antônio falará sobre o submundo na literatura. *O Estado*, 12 ago. 1982.

(1b) Breve reportagem sobre a palestra que seria ministrada por João Antônio na UFSC. O tema seria “o submundo na literatura” e segundo o texto, o escritor levantaria vários aspectos em sua própria obra como exemplificação de sua teoria. O texto também levanta considerações sobre a carreira literária de João Antônio.

AGUIAR, Flávio. De árvores cortadas. *Leia*, São Paulo, nº 49, 15 ago a 14 set. 1982. (2a) Flávio Aguiar, neste texto, coloca a obra *Dedo-Duro* no mesmo patamar de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a primeira produção do escritor. Focalizando as personagens na mistura de imagens, mundos e sentimentos, Aguiar ressalta a característica de alguns tipos construídos pelo escritor. O autor cita ainda que João Antônio “ajuizaria”, de maneira metafórica, o valor de *Dedo-Duro* com o mesmo valor de uma “árvore cortada”.

MAIS UM AUTÊNTICO, inconfundível João Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 829, 21 ago. 1982, p.11.

(2a) Nesta resenha, o autor traz breves considerações sobre o novo lançamento da editora Record, *Dedo-Duro*. Um depoimento de Mário da Silva Brito sobre o livro de João Antônio seria reproduzido neste texto.

VAI-E-VEM. *Revista Nacional*, 22 a 28 ago. 1982.

(1a) Nesta breve entrevista, por ocasião do lançamento da obra *Dedo-Duro*, João Antônio falaria, sinteticamente, sobre o que é, para ele, o ato de escrever. Além disso, também faria breves considerações a respeito de sua vida e os seus planos para esse ano.

JOÃO Antônio volta à cena. *Jornal de Santa Catarina*, Belo Horizonte, 22 e 23 ago. 1982.

(2a) Nesta resenha, o autor parte de aspectos biográficos de João Antônio para explicar o processo de criação do mesmo. Segundo o texto, o autor seria “simultaneamente” o porta-voz e o biógrafo de seus personagens. O autor de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* estaria preocupado, sobretudo, com os marginais e sua visão seria a do repórter que não deixaria o submundo urbano passar despercebido em sua literatura.

OPINIÃO. *O Estado do Maranhão*, 29 ago. 1982.

(1b) O texto faz uma abordagem sobre “*sui generis*” na obra de João Antônio. Para o autor, o leitor do universo joãoantoniano se indaga, constantemente, sobre o ficcional e a autobiografia que percorrem as narrativas do escritor. Em *Dedo-Duro*, o texto ressalta a retomada da temática marginal, constante na obra de João Antônio.

JOÃO Antônio: Todos os totalitarismos são burros. *Quem*. Santa Catarina, nº 21, p. 23-24, set. 1982.

(1a) Esta entrevista procura destacar a opinião político-social do escritor João Antônio. Dessa forma, ele faria comentários sobre o submundo brasileiro, a classe média, seu fascínio pela marginalidade, o jornalismo e a repressão do AI-5 vetando a liberdade jornalística.

É POSSÍVEL se fazer um monte de coisas! Apesar de...*Perspectiva Universitária*, set. 1982, nº 164, p.5.

(1a) Trata-se de uma entrevista em que João Antônio abordaria várias discussões abrangendo assuntos como a “tiragem” de suas obras, a situação do público leitor no Brasil, a carência de “cultura humanística” nas pessoas e a importância de se ler algumas obras “clássicas” da literatura brasileira.

UM BANHO incrível de humanidade. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 set. 1982, 12 pgs.

(2a) Breve texto que contém uma parte do depoimento de Antonio Candido na orelha do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio.

MARTINS, Wilson. Literatura Urbana (I). *Jornal do Brasil*, 5 set. 1982.

(1c) Neste artigo, Wilson Martins desmitificaria o conceito de que tudo que vem do estrangeiro seria superior ao do nosso país. Partindo dessa premissa, o autor tomaria, como exemplo, o estudo de Elizabeth Lowe sobre a literatura urbana brasileira, que não tem conhecimento lingüístico e semântico o suficiente para traduzir de forma coerente títulos como *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, em que a tradutora e estudiosa, segundo Martins, traduziu como sendo três “bairros proletários”, de São Paulo.

MOTTA, Cezar. João Antônio: Copa não é mais a mesma. Até seu submundo mudou. *O Globo*. Rio de Janeiro, 5 set. 1982, p.4.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio procura explicar o processo de desmitificação de Copacabana de seu tempo no livro intitulado *Ô Copacabana!* Para o escritor esse bairro carioca seria uma síntese do Brasil, pois todos os problemas sócio-culturais e econômicos do

país estariam refletidos em estados como Rio e São Paulo. O texto também traz dados biográficos e considerações do escritor sobre o submundo carioca.

ENTREVISTA. *Jornal de Santa Catarina*, 7-8 set. 1982.

(1a) Esta entrevista, por ocasião do lançamento da obra *Dedo-Duro*, aborda várias temáticas, como a situação de João Antônio com a Editora Civilização Brasileira, a “imprensa nanica”, os livros do escritor que foram editados no exterior, e sua constante participação em palestras em Faculdades de Letras.

MANDATTO, Jácomo. Novos Malandros de João Antônio. *Cidade de Itapira*, Itapira, 9 set. 1982.

(2a) Trata-se de uma resenha crítica sobre o último lançamento de João Antônio, *Dedo-Duro*. O autor, além de comparar o escritor com Lima Barreto, Alcântara Machado e Marques Rebelo, cita a obra *Ô Copacabana!* como “verdadeira obra-prima”. Mandatto focaliza os personagens em *Dedo-Duro* e ressalta que João Antônio criou, para seu universo, novos tipos de malandros.

MENEZES, Carlos. Para João Antônio, escrever sobre Noel é um ato de amor. *O Globo*, 15 set. 1982.

(1b) Breve texto informativo sobre o lançamento da série *Literatura Comentada* sobre Noel Rosa, de João Antônio. Este faria um estudo biográfico, histórico e crítico sobre o compositor. O texto traz algumas considerações de João Antônio sobre o processo de criação da obra, que, segundo o escritor paulista, seria “um ato de amor”.

JOÃO Antônio mostra Brasil em *Dedo-Duro*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 set. 1982, p.6.

(2a) Breve comentário sobre o universo marginal presente na obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. O texto aponta a temática geral do livro em destaque.

FALCONE, Maria Carolina. “Dedo-Duro”: o banho de humanidade de João Antônio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 set. 1982.

(1a) A entrevista aborda questões autobiográficas e sociológicas na obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. Ele, comentaria sobre a Vila Anastácio, o processo de criação de seu recente lançamento e discorre sobre a miséria em que viveria seus personagens.

DEDO-Duro, já indo para a segunda edição. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 833, 18 set. 1982. p.11.

(2a) Para o autor deste texto, a obra *Dedo-Duro*, já na segunda edição, seria o “amadurecimento estilístico” de João Antônio. Este, segundo o texto, seria conceituado como “Guimarães-Rosa-da-boca-do-lixo”, embora, no se refere à diagramação e ilustração, a obra do escritor contemporâneo deixaria a desejar.

UM PROFISSIONAL. *Jornal da Bahia*, Salvador, 19 set. 1982.

(2a) Breve resenha sobre o recente lançamento *Dedo-Duro*, de João Antônio. Além de sintéticas informações sobre o livro, o autor ressalta a participação do escritor na *Bienal Nestlé de Literatura Brasileira* e em vários outros eventos, nos quais o escritor estaria participando no decorrer de sua carreira.

REBELLO, Gilson. João Antônio, retratos da realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1982, p. 20.

(1b) Partindo de uma leitura sociológica a respeito da obra joãoantoniana, Rebello focaliza o retrato “sem retoques” que o escritor faria da realidade marginal. A linguagem também seria observada pelo autor que citaria os textos que mais chamam sua atenção. No fim desta reportagem, o texto adianta que seria lançado um estudo biográfico sobre Noel Rosa, feito por João Antônio.

SCALZO, Nilo. Domínio técnico e estético para reconstruir o popular. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1982, p. 20.

(2a) Nesta resenha é ressaltada a parte estética na obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. Esse domínio da linguagem literária serviria como principal base para retratar o “popular”, neste caso, especificamente, o submundo da marginalidade. A sonoridade presente nas narrativas de João Antônio também contribuiria para descrever a “realidade” desse mundo cruel e, assim, denunciar o sistema.

NUNES, Cassiano. Releitura de João Antônio, s.l., Brasília, 28 set. 1982, p. 1-11

(3b) Neste texto, Cassiano Nunes faz uma abordagem sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, focalizando as “qualidades excepcionais” contidas no livro de João Antônio. O autor busca, dessa forma, um panorama das obras que se seguiram à segunda edição, rastreando algumas narrativas que se estendem até o livro *Ô Copacabana!*. Nunes faz uma “releitura do universo” em que vivem os personagens da obra do escritor.

JOÃO Antônio: o que o Brasil tem de melhor está em seu povo. *Conceito*, Vitória, nº 7, p. 50-53, out. 1982.

(1a) Nesta reportagem João Antônio fala a respeito das relações entre escritores e editores, de seus próximos lançamentos, da atual situação da imprensa “nanica”, termo criado pelo próprio escritor, e da *Bienal Nestlé de Literatura*.

DEDO-Duro, de João Antônio. *Tribuna na Fronteira*, S.C., 2 out. 1982.

(1b) Breves considerações sobre o livro *Dedo-Duro*. O texto ressalta a “ironia” e a “profunda ternura” que oscilam no universo do escritor. A linguagem também seria outro aspecto que o autor destaca em João Antônio.

FARIA, Álvaro Alves de. Gente dos Becos. *Visão*, 4 out. 1982.

(2a) Nesta resenha, são ressaltados os personagens de João Antônio e a temática que marcam o estilo do escritor. A força da linguagem, para o resenhista, “é coisa a parte”, diante do retrato que o escritor construiria da realidade.

FEIRA do livro em “gran final” [sic]. *Estado de Minas*, 14 out. 1982, p. 7.

(2a) Esta resenha é por ocasião da divulgação dos oito autores mais vendidos e que estariam numa noite de autógrafos na *Feira do Livro*. O texto traz considerações sobre o último lançamento de Emediato, Wanda Sily, Ary Quintella, Ângela Lago, Rogério Alvarenga, Jefferson e Lucília Prado. Na resenha sobre *Dedo-Duro*, seriam levantados aspectos biográficos na obra do escritor e considerações sobre alguns personagens joãoantonianos.

CARVALHO, José Augusto. João Antônio e Noel Rosa. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 837, 16 out. 1982, p. 9.

(1b) Esta reportagem é por ocasião do lançamento da série *Literatura Comparada*, a qual destacaria o compositor Noel Rosa, versão feita por João Antônio. Carvalho narra uma curiosidade no momento da criação do escritor paulista que, diante de uma sugestão de

Carvalho para compor um cognato de Noel, preferiu “Noelino”, por ter “cara íntima de Noel”. Nesta reportagem, também há considerações sobre a “sensibilidade sinestésica” do autor de *Dedo-Duro*.

A EDITORA. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 837, 16 out, 1982, p. 11.

(1c) Nesta resenha sobre a obra *À procura de motivos*, de Oswaldo França Júnior, o texto traz considerações sobre o livro e afirma que a capa deste seria “menos lamentável” que a de João Antônio na sua edição atual do livro *Dedo-Duro*.

DUPONT, WALDIR. O “Dedo-Duro” se apanhado, morre. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 out. 1982.

(2a) O autor do texto parte da temática na narrativa de “Dedo-Duro”, conto que dá título ao recente lançamento de João Antônio. No texto também há comentários de Antonio Candido sobre o livro do escritor.

DEDO-Duro: de novo as lembranças de João Antônio. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 out. 1982.

(1b) Reportagem por ocasião da noite de autógrafos para o lançamento de *Dedo-Duro*. João Antônio, segundo o texto, mostrar-se-ia preocupado com a aceitação de sua obra. O escritor também faria comentários a respeito de um erro gráfico que fez com que todos os exemplares fossem recolhidos para a correção.

DE DEPOIMENTO. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 838, 23 out. 1982, p. 11.

(1b) Breve texto sobre o lançamento de *Dedo-Duro*. O texto também aborda um depoimento de João Antônio sobre a recente obra sobre os próximos lançamentos, que seriam um livro sobre Noel Rosa, poeta do povo, e o livro *Abraçado ao meu Rancor*.

MARTINS, Tânia. De “Dois Raimundos, um Lourival”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nov. 1982.

(3b) A autora faz uma análise baseada em aspectos impressionistas contidos na descrição de personagens e cenários inseridos no conto “Dois Raimundos, um Lourival”. Para Martins, João Antônio mostra uma “meiguice triste” nas terras baianas.

MIGUEL, Salim. Noel Rosa, poeta do povo. *O Estado*. Santa Catarina, 10 nov. 1982.

(1b) Reportagem que traz um depoimento de João Antônio sobre o processo de criação da série *Literatura Comentada* a respeito de Noel Rosa. No texto introdutório, Salim Miguel faz considerações sobre algumas obras anteriores ao recente lançamento.

RIBEIRO, Leo Gilson. João Antônio, fascinado pelas palavras. É um perigo? *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1982.

(1b) Este texto aborda os termos utilizados (ou criados) por João Antônio, não só em *Dedo-Duro*, seu último lançamento, como nas outras obras do escritor que, num determinado tempo de sua produção, perguntaria, a si mesmo, se os neologismos criados em suas narrativas teriam sufocado a verdadeira pretensão de seus relatos para os leitores.

DEDO-Duro, livro novo de João Antônio; mostrando poesia no lixo da vida. *Jornal JESET*, nº 246, p. 4, 17 a 24 nov. 1982.

(1b) O texto trata de uma abordagem sobre o aspecto lírico na obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. Além de ressaltar a influencia da música na obra do escritor, o autor faz considerações sobre o autobiográfico no livro.

DO QUE HÁ para ler. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Belo Horizonte, nº 842, 20 nov. 1982, p. 11.

(1c) O texto trata do lançamento de *O Conde e o Passarinho*, de Rubem Braga. Ao falar da “moderna capa” do livro, o autor resalta que João Antônio, em seu recente lançamento do livro *Dedo-Duro*, não teve a mesma sorte.

DEDO-Duro/ Malagueta. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 846, 18 dez. 1982, p.11.

(1b) Breve comentário sobre a segunda edição de *Dedo-Duro* e a oitava de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*. O autor cita, também, um trecho do texto de Leo Gilson Ribeiro sob o título de “João Antônio fascinado pelas palavras, um perigo?”.

PEREIRA, Manuel da Cunha. *Dedo-Duro*, *Tribuna da Fronteira*, Rio Negro, 18 dez. 1982.

(1b) Esta reportagem aborda fatos sobre a vida e a carreira de João Antônio. O autor retoma o livro *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão- de- Chácara*, a fim de fazer uma comparação com o último lançamento do escritor, que seria a obra *Dedo-Duro*. O texto traz, ainda, dados biográficos sobre o livro em questão.

REY, Marcos. Clássicos fizeram de 82 um bom ano para a leitura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 dez. 1982.

(1c) Neste texto, Marcos Rey faria breves comentários sobre suas últimas leituras, entre outras obras citadas, dos nacionais, estaria o livro *Dedo-Duro*, de João Antônio.

ATHANÁZIO, Enéas. Lima e Lobato. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Nº 847, 25 dez. 1982, p.2.

(1c) O texto trata de um ensaio que tem como objetivo esclarecer o relacionamento de Lima Barreto com Monteiro Lobato. Antes de centralizar seus argumentos em relação a essa questão, o autor faria comentários sobre o trabalho de João Antônio em *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, livro em que o ensaísta explora, de maneira sintética, a temática.

UMA FICÇÃO, poesia e ensaio criativos. *O Globo*. 28 dez. 1982, p. 26.

(1c) Breve referência sobre o destaque da obra *Dedo-Duro*, de João Antônio. O autor classifica o livro como ficção, ao lado de José J. Veiga, em *Aquele mundo de Vasabarro*, e Sérgio Sant’Anna, com a obra *O concerto de João Gilberto*, no Rio de Janeiro.

NA RECORD, venda superior à inflação. *O Globo*, 28 dez. 1982, p. 26.

(1c) Neste texto, João Antônio é citado por estar entre os grandes lançamentos de livros nacionais, pela Record. Esta completaria mais um ano de atividades, as quais estariam destacadas nesta reportagem.

CUNHA, Fausto. Os meninos de João Antônio, s.l., 1983.

(3b) O ensaio de Fausto Cunha procura evidenciar o sucesso que João Antônio tinha obtido na literatura brasileira com as narrativas “Meninão do Caixote” e “Frio”. Sendo assim, Cunha faria uma sintética comparação entre os personagens centrais dos textos citados.

VETO a contos premiados causa surpresa e indignação. *Diário do Grande ABC*, São Bernardo do Campo, 1 jan. 1983.

(1c) Este texto é por ocasião da decisão do Conselho Municipal de São Bernardo em proibir a publicação dos contos premiados no *III Concurso de contos*, organizado pela Prefeitura. O texto traz um depoimento de uma das ganhadoras do evento e a opinião de João Antônio que, segundo o autor, tentou justificar a decisão do CMC.

GOMES, Duílio. Som de rosa-choque. *Estado de Minas*, 6 jan. 1983.

(2a) Resenha sobre a série “Literatura Comentada”, de Noel Rosa. O autor aponta para a estrutura do livro e traz considerações sobre Noel Rosa e sua carreira.

O QUE há para ler. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 850, 15 jan. 1983, 12 pgs.

(1b) Este texto se subdivide em três títulos; Noel I, Noel II, Noel III. O primeiro seria uma referência à obra de João Antônio sobre o escritor e compositor, na série *Literatura Comentada*. O segundo compõe-se de dados sobre a carreira do compositor e o último subtítulo traria considerações biográficas, retomando, dessa forma, a obra de João Antônio.

DESABAFO do escritor João Antônio (1). *Jornal Extra*, Joiville, 30 jan. 1983, p.2.

(1b) Trata-se de um depoimento deixado por João Antônio em que este responderia algumas perguntas aos repórteres do *Jornal Extra*. O escritor falaria, de acordo com o texto, do seu objeto de estudo, que seriam os marginais e o problema social que estaria por trás dos indigentes. Outro ponto discutido também foi futebol brasileiro que, segundo o escritor, estaria explorando o jogador Garrincha.

DESABAFO do escritor João Antônio (2). *Jornal Extra*, Joiville, 2 fev. 1983, p. 4.

(1a) Neste texto, João Antônio faz algumas considerações sobre a literatura e a burguesia, o estado lastimável do Rio de Janeiro e de São Paulo, em relação à situação sócio-econômica e cultural no País. Segundo o escritor, esses estados revelariam a verdadeira face do Brasil.

DESABAFO do escritor João Antônio (3). *Jornal Extra*, Joiville, 3 fev. 1983, p.4.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio discorre sobre o governo de Geisel e a literatura depois do AI-5 que, para o autor, seria uma das mais prejudicadas pela ditadura. Além desses breves comentários, o escritor faz considerações a respeito do autor de *Câmara Lenta*, Renato Tapajós.

O PERSONAGEM da semana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 fev. 1983, p. 12.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio fala o que aconteceu para que se sentisse atraído pela literatura. O autor também discute a linguagem inovadora, a temática contundente e a ambientação marginal em sua obra.

DESABAFO do escritor João Antônio (4). *Jornal Extra*, Joiville, 4 fev. 1983, p.3.

(1a) A partir deste texto, de nº 4, não há mais referências bibliográficas, além do título, nos demais números. Dessa forma, procuramos agrupá-las neste único texto. O título de nº 4 destaca uma discussão sobre a desvalorização dos professores e a temática marginal na literatura brasileira. No texto de nº 5, o escritor traz considerações sobre os ministros da educação e as eleições de maneira geral. Quanto ao nº 6, Brasília e a literatura de ficção dominam na temática central da entrevista, enquanto que, no texto de nº 7, João Antônio falaria da participação dos escritores e da cooperativa jornalística. Por fim, no nº 8, o tema da entrevista é sobre o capitalismo no Brasil e no mundo.

DESABAFO do escritor João Antônio (4) [sic]. *Jornal Extra*, Joiville, 19 fev. 1983, p.4.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio dá sua opinião quanto aos dez melhores e mais novos escritores brasileiros. O escritor paulista cita Márcio Souza, Moreira Campos, Juarez Barroso, França Júnior, Wander Piroli, Manoel Lobato, Mário Garcia de Paiva, Agnaldo Silva, José Louzeiro, Antônio Torres, Antônio Callado entre outros. O autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* faz breves comentários sobre os autores citados e suas respectivas produções literárias.

ESCOLAS receberão 210.000 exemplares do conto paulista. *Diário Popular*. São Paulo, 19 fev. 1983.

(1c) O texto trata do lançamento do *Panorama do Conto Paulista*, lançado pela *D. O Leitura*. De acordo com o texto, quarenta delegados regionais seriam convocados para auxiliarem na distribuição dos 210.000 exemplares entre os alunos de 14 a 18 anos. João Antônio e Orígenes Lessa teriam sido os convidados especiais na divulgação do lançamento oficial do livro.

ESTUDANTES, leiam!. Aí está o conto paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 fev. 1983, p. 36.

(1c) João Antônio é citado, neste texto, por ocasião do lançamento da obra *Panorama do Conto Paulista*. O texto traz considerações sobre o evento e informações gerais sobre os quinze autores paulistas inscritos na coletânea.

EDIÇÃO especial de contos para alunos de 2º Grau. *A Gazeta*, São Paulo, 20 fev. 1983.

(1c) Breve anúncio sobre o lançamento dos 210.000 exemplares de *Panorama do Conto Paulista* que seriam distribuídos entre os alunos de segundo grau. Entre os quinze autores que compõem a coletânea, João Antônio seria citado por pertencer aos contistas contemporâneos.

CONTO Paulista é tema de suplemento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1983, p. 27.

(1c) Trata-se do lançamento da coletânea *Panorama do Conto Paulista* que reuniria 15 escritores paulistas. João Antônio, segundo o texto, seria um dos autores que participaria da coletânea.

LANÇADO o “panorama do Conto Paulista”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1983.

(1c) O texto trata do recente lançamento do *D.O Leitura*, que seria a coletânea *Panorama do Conto Paulista*. Além de dados sobre a obra e o evento de divulgação, o texto apontaria João Antônio, entre outros, como participante especial, pois esteve presente em vários eventos de divulgação dessa obra.

FISCHER, Almeida. Caminho do Conto, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 857, 5 mar. 1983, p. 9.

(3b) Neste artigo, Almeida Fischer, partindo da premissa de que o conto brasileiro contemporâneo envereda por vários “caminhos”, faz uma leitura de quatro contistas inseridos na coletânea. O texto enfoca, sinteticamente, a *Rodovia Preferencial*, de Ursulino Leão; *Mistérios*, de Lygia Fagundes Teles; *Janeiro Digestivo*, de Duílio Gomes e *Dedo-Duro*, de João Antônio. Neste último, seriam destacadas a estrutura, a temática e as idéias do escritor sobre a sociedade marginalizada.

FALCONE, Maria Carolina. Diário Oficial abre espaço à literatura. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, nº 10.314, 7 mar. 1983.

(1b) Esta reportagem é por ocasião da coletânea de contos editadas pelo Caderno Cultural *D.O. Leitura*. O texto traz abordagens sucintas sobre o livro, assim como algumas considerações de João Antônio, um dos quinze autores que estariam inseridos na obra. Segundo o escritor, o que caracterizaria o trabalho seria a “ausência de prefácio”, substituída por uma “exposição didática” a respeito das origens e desenvolvimento do conto.

RENOMADO escritor brasileiro lança seu livro em Osasco. *O Grande Osasco*, Osasco, 20 mar. 1983.

(1b) Esta reportagem é sobre a presença de João Antônio em Osasco para uma série de palestras e divulgação do livro *Dedo-Duro*. O texto traz considerações sobre o evento e aborda, de maneira sucinta, a temática em *Lambões de Caçarola* e *Casa de Loucos*.

FARIAS, Marcílio. Noel Rosa visto por João Antônio, s.l., 23 mar. a 1 abr. 1983.

(3b) Este artigo corresponde ao trabalho realizado por João Antônio na edição “Noel Rosa”, da série Literatura Comentada. Marcílio Farias traria considerações biográficas sobre Noel Rosa e faria comentários elogiosos a respeito do processo de criação na produção do escritor.

LEITE, Anna. Diário Social. *O Diário Regional*, Osasco, 26 mar. 1983.

(1c) Breve anúncio a respeito do escritor João Antônio que se encontraria hospedado na cidade de Osasco. O motivo da presença do autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* seria pela noite de autógrafos que ocorreria no espaço cultural “Sentinela”.

MAIA, Adinoel Motta. Edições e Editoras. *Jornal da Bahia*, Salvador, 30 mar. 1983.

(1c) Trata-se de um levantamento da posição das editoras brasileiras no mercado livreiro. Editora Globo, Mercado Aberto, Francisco Alves, Nova Fronteira e Record foram as que mais se destacariam na linha editorial. Segundo Maia, a Record, além de conservar-se “fiel aos seus bestsellers” americanos, não deixaria de lado os brasileiros João Antônio e Dalton Trevisan.

GONÇALVES, Lurdes. João Antônio – um incrível banho de humanidade. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, nº 862, 9 abril 1983, p. 3.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio discorre sobre sua origem e a profunda admiração pela sociedade marginalizada em oposição à classe média, que seria seu ambiente naquele momento de produção. O autor também explicaria o motivo pela qual não focalizaria personagens femininas em sua literatura e, além dessas considerações, o escritor explica a escolha dos títulos em seus livros e faz breves comentários sobre a situação do escritor do seu tempo.

DIÁRIO Oficial com um “suplemento cultural”. *O Estado do Paraná*, 17 abr. 1983.

(1c) Trata-se de um breve comentário sobre o lançamento do “Panorama do Conto Paulista”, editado pela editora *D.O. Leitura*. João Antônio seria citado por estar incluído na coletânea.

ESCREVER é ir à forra. *Universidade Santa Úrsula*, 20 abr. 1983.

(3b) O texto trata de uma programação do seminário organizado pela professora Maria Consuelo Cunha Campos sobre *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. A autora fornece dados a respeito da carreira do escritor e aponta tópicos que seriam discutidos no decorrer do seminário como a filosofia “corpo-a-corpo” com a vida, na obra do autor, e a confrontação entre “teoria e práxis”. João Antônio cita algumas considerações de Lima Barreto a respeito da função do escritor.

DURIGAN, Jesus Antônio. João Antônio e a ciranda da malandragem. *Suplemento Literário de Minas Gerias*, Belo Horizonte, nº 869,28 maio, 1983.

(3b) O artigo de Durigan traz, primeiramente, uma observação do autor quanto à crítica literária sobre João Antônio. A partir dessas considerações, o estudioso aborda o universo marginal *versus* a classe média, temas tão explorados pelo escritor. Durigan também procura explicar ao leitor o significado de malandros e otários na produção do autor.

SÍNTESE e honestidade. *Isto é*, nº 347, 17 ago. 1983.

(1b) Breve reportagem sobre o convite feito pelo *Jornal da Globo* ao João Antônio para participar, por quarenta segundos, como comentarista de assuntos literários.

ATHANÁZIO, Enéas. *O poeta da Vila*. J.S.C., 9-10 out. 1983.

(2a) A resenha crítica é por ocasião do lançamento da série *Literatura Comentada* sobre Noel Rosa. O autor ressalta o aspecto biográfico nessa produção e afirma o “cuidado” que João Antônio teria ao buscar informações sobre a carreira e vida pessoal do compositor brasileiro.

CARIOCA por opção. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 out. 1983.

(1b) Esta reportagem aborda, de forma concisa, a premiação do livro *Dedo-Duro*, do escritor João Antônio. O texto traz algumas considerações do escritor sobre sua mais recente obra e alguns comentários sobre sua origem paulista. O escritor também confessaria o seu lado carioca, já que moraria, há algum tempo, no Rio de Janeiro.

BIONDO, Sônia. João Antônio: um escritor comenta literatura (e outras artes) na TV. *O Globo*, 31 out. 1983, p. 26.

(1b) Reportagem sobre a participação de João Antônio como comentarista no jornal da TV Globo. O escritor, segundo o texto, teria quarenta segundos para atuar em rede nacional. O escritor faz considerações sobre essa nova experiência em sua carreira.

FILHO, Campomizzi. Realidade e Violência. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 nov. 1983.

(2a) O autor faz uma abordagem sociológica ao referir-se ao lançamento do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. A partir de considerações sobre o processo de urbanização do escritor, Campomizzi Filho traria considerações sobre o personagem “Toni Roy”, inserido na coletânea da obra.

MIKETEN, Antonio Roberval. João Antonio descreve a alma nacional em *Dedo-Duro*. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 dez. 1983, p. 7.

(1b) Esta reportagem é sobre a premiação do livro *Dedo-Duro*, concedida pela *Fundação Cultural do Distrito Federal*. O autor faria considerações sobre o evento e destacaria o lirismo com que o escritor retrataria seu universo marginal, transformando seus personagens “em escórias da sociedade”. Para Miketen, este seria um dos pontos cruciais que marcariam a singularidade dos livros de João Antônio para a literatura brasileira.

PRÊMIO para João Antônio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 dez. 1983.

(1b) Breve nota sobre a premiação de *Dedo-Duro*. O prêmio “Pen Clube” seria o segundo recebido no ano de 1983. O texto traz um sintético comentário de Jorge Amado sobre o escritor João Antônio.

TRÊS histórias sobre e para jovens. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 dez. 1983.

(1c) Neste texto, o autor cita três obras que estariam sendo indicadas para os adolescentes brasileiros. *Grotão do café amarelo* e *Verde era o coração da montanha*, de Francisco Marins

e *Dedo-Duro*, de João Antônio, sendo que, nesta última, haveria, segundo o autor do texto, aspectos da narrativa “Frio”, inserida em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ambos, segundo o autor, retratariam, de forma diversificada, o leitor infanto-juvenil.

LIDMILOVÁ, Paula. Alguns temas da literatura brasileira. Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró/Editorial Nórdica, apresentação de Assis Brasil, Rio de Janeiro, 1984, p. 82.

(3a) O texto fala da coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço* que seria a “estréia” mais original no conto paulista contemporâneo. Essa originalidade, segundo o autor, se deveria ao modo como os marginais e a pequena burguesia seriam retratados por João Antônio.

JOÃO Antônio para adolescentes. *A notícia*, Joinvilli, 7 jan. 1984.

(2a) Nesta resenha, o autor aborda a linguagem de João Antônio que, segundo o texto, seria adaptada ao público infanto-juvenil em *Meninão do Caixote*. O texto também traz considerações sobre alguns contos da obra, como “Frio” e “Bolo na Garganta”.

MELHOR da contística de João Antônio em *Meninão do caixote*. *O Globo*, 16 jan. 1984.

(1a) A resenha traz um depoimento de João Antônio a respeito da coletânea *Meninão do Caixote*. O texto aborda, dessa forma, a temática e considerações do próprio autor sobre o processo de criação do livro.

SILVA, Deonísio da. Desvendando o outro Brasil. *Isto é*, 18 jan. 1984.

(2a) O texto trata do universo marginal desvendado por João Antônio em *Meninão do Caixote*. Assim como as demais obras anteriores, o escritor procuraria mostrar ao leitor um Brasil visto por outro lado, o de baixo. O ficcionista, dessa maneira, mostra-se curioso em conhecer o submundo tal como ele é, sem eufemismos. Numa abordagem sociológica, Deonísio da Silva falaria sobre o novo público de João Antônio, o jovem.

CAMPOS, Moreira. Carta a João Antônio, o contista. *Domingo do Povo*, Fortaleza, 22 jan. 1984.

(3b) Neste artigo, Moreira Campos faz comentários a respeito do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. Partindo de aspectos sociológicos na obra do escritor, o autor explora a temática humanizadora e autobiográfica nas narrativas inseridas na coletânea.

CUNHA, Fausto. Os meninos de João Antônio. *Jornal das Letras*, fev./ mar. 1984.

(2a) Esta resenha é por ocasião do lançamento da obra *Meninão do Caixote*, de João Antônio. Partindo de considerações de Antonio Candido sobre os personagens infanto-juvenis do escritor, Cunha faz indicações da obra para o público jovem, alvo inédito de João Antônio.

DEDO-Duro, *Zero Hora*, 9 mar. 1984.

(2a) Breve resenha a respeito do lançamento da obra *Dedo-Duro*. O texto traz considerações sobre a obra e os prêmios que João Antônio havia recebido pelo livro.

AS HOMENAGENS a Lima Barreto. *Estadão*, 12 mar. 1984.

(1c) Neste texto, é ressaltado o 103º aniversário de Lima Barreto. João Antônio seria citado por apresentar a obra do escritor homenageado ao público na Biblioteca Mário de Andrade.

JOÃO Antônio foi a Congonhas. *O Globo*, 14 mar. 1984.

(1a) Esta breve nota fala da presença de João Antônio em Congonhas. Segundo o texto, o escritor teria se “apaixonado” pela obra de Aleijadinho.

GIAQUINTO, Antônio. Na medida do sentimento. *Leia Livros*, nº 66, 15-14 mar. 1984.

(2a) Resenha sobre o lançamento do livro *Meninão do Caixote*. O autor focaliza o narrador e a maneira como ele filtra o mundo da criança marginalizada. Outro aspecto ressaltado pelo autor seria o paradoxo entre o ambiente de miséria e violência e os personagens infantis de João Antônio. Este, embora esteja almejando o jovem leitor não deixaria de ser contundente e inquietante.

MAIA, Adinoel Motta. Melhor que cerveja. *Jornal da Bahia*, Salvador, 15 mar. 1984.

(1c) Breve resenha sobre o livro *Para Gostar de Ler*. Entre outros vários escritores, João Antônio estaria na coletânea do novo volume.

JOÃO Antônio. Meninão do Caixote, *Correio Popular*, 20 mar. 1984.

(2a) Esta resenha traz, de forma sintética, considerações sobre a temática geral do livro *Meninão do Caixote*, de João Antônio.

CARVALHO, Ilmar. João Antônio é picado no globo por repórter com síndrome do escorpião. *Pasquim*, Rio de Janeiro, nº 769, 22 mar a 28 mar. 1984.

(1b) Trata-se de um comentário a respeito de uma nota dizendo que João Antônio iria participar do júri das escolas de samba. O escritor, segundo esta reportagem, teria aparecido na Passarela completamente embriagado. Mas o repórter “com síndrome de escorpião” não sabia explicar o motivo pelo qual, depois de uma hora, João Antônio estaria completamente sóbrio.

JOÃO Antônio e o Meninão do Caixote. *Correio Braziliense*, Brasília, 25 mar. 1984, p. 9.

(1b) Trata-se de uma reportagem sobre o lançamento de *Meninão do Caixote*. O texto traz um depoimento sobre o processo de criação do livro. Segundo o autor, o escritor pretendia atingir os leitores estudantes de segundo grau.

PARA GOSTAR de ler. *Jornal da Cidade*, Bauru, 30 mar. 1984.

(1c) Breve nota sobre o nono volume de *Para Gostar de Ler*, recentemente lançado pela Editora Ática S.A. João Antônio, entre outros, é citado por participar da coletânea.

RECEITA. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1984.

(1b) Breve comentário sobre uma publicação a respeito de João Antônio. Um repórter, cujo nome não é citado, afirma que o escritor comparecera completamente embriagado para julgar uma escola de samba. O curioso, segundo o texto, é que em apenas uma hora, estaria completamente sóbrio. O autor pergunta ao escritor paulista a “receita” para curar um pileque em tão pouco tempo.

LAJOLO, Marisa. João Antônio, um senhor escritor. E ponto. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 6 abr. 1984.

(2a) Trata-se de uma resenha sobre o lançamento de *Meninão do Caixote*. A autora faz considerações sobre os protagonistas e a temática infantil. Para Lajolo, João Antônio mostraria um universo infantil ainda não explorado pela literatura, “onde pés descalços e braços nus” não seriam apenas metáforas.

ATHANÁZIO, Enéas. “Dedo-Duro de João Antônio”. *A notícia*, 15 abr. 1984.

(2a) Resenha crítica por ocasião do lançamento da obra *Dedo-Duro*. O autor, além de ressaltar o estilo *sui generis* de João Antônio, levanta considerações a respeito da linguagem e do processo de criação dos personagens.

ESCRITOR João Antônio. *Jornal do Brasil*, 26 abr. p.4.

(1a) Breve reportagem sobre uma palestra do escritor João Antônio que abordaria a temática “sócio-cultural” carioca. O texto também traz informações sobre o evento.

O FRACASSO do romance. *Literatura, Visão*, 21 maio 1984, p.52.

(1c) Trata-se de uma reportagem sobre os 240 romances que não corresponderam aos requisitos mínimos para a premiação da Bienal Nestlé. João Antônio, ao dar sua opinião sobre o assunto, afirmaria que “graças a Deus e ao diabo” a literatura brasileira não dependia da Bienal.

PARA GOSTAR de ler, antologia de contos. *Jornal do Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 maio 1984.

(1c) Breve resenha sobre a antologia *Para Gostar de Ler*, nono volume, em que João Antônio estaria inserido, entre vários outros escritores brasileiros.

VASCONCELOS, Antonio. Meninão do Caixote, *Notícias*, nº 75, 2 a 9 jun. 1984.

(2a) Breve texto sobre o lançamento de *Meninão do Caixote*, de João Antônio. O autor ressalta a linguagem na obra do escritor.

AUGUSTO, Sérgio. Escritor do Cárcere na mira da censura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1984.

(1c) O texto é sobre a censura de *Memórias Carcerárias* de vários autores que foram presos e passariam suas memórias para um livro. João Antônio, ao dar sua opinião a respeito do assunto, afirmaria que a cadeia “humanizou muitos escritores”. Dessa forma, para o escritor, seria uma injustiça proibir publicações dessa tipologia literária.

GOMES, Duílio. Contos em sete Canais. *Jornal do Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 jun. 1984.

(1c) Trata-se de uma resenha sobre a coletânea *Para Gostar de Ler*, que estaria em seu nono volume. João Antônio, entre outros, seria citado por fazer parte da coletânea, e participaria com o texto “Meninão do Caixote”.

MAIA, Adinoel Motta. A Falta de um espaço para textos de crítica erudita. *Livros*. *Jornal da Bahia*, 3 ago. 1984.

(1b) O texto traz um trecho do trabalho de Benedito Nunes a respeito do livro *Dedo-Duro*, de João Antônio. O autor ressalta a ambientação e o social na obra de João Antônio e lamenta a falta de espaço no jornal para críticas literárias.

CAMINHA Jr. Edmilson. Antônio, Odylo e Gabriel. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 11 ago. 1984.

(1b) A reportagem é sobre o lançamento de *Meninão do Caixote*, de João Antônio. Segundo Caminha Jr., o escritor, junto com Odylo e Gabriel, seria um dos mais importantes lançamentos da Record do ano de 1984. Dessa forma, o texto traz considerações sobre o estilo e a repercussão que a obra joãoantoniana tem no Brasil e no mundo.

A PROFESSORA Ana Rosa Gomes. *Jornal da Cidade*, Bauru, 19 ago. 1984, p.6.

(1c) Breve nota sobre a defesa da tese *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*, da professora Ana Rosa Gomes Cabello.

UM DESFILE de meninos anônimos, miseráveis. Por João Antônio. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 25 ago. 1984.

(1b) O texto traz informações sobre o lançamento do livro *Meninão do Caixote*. Além dessas considerações, o autor levanta dados biográficos a respeito do escritor e da temática na obra de João Antônio.

GUIMARÃES, Airton. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 set. 1984.

(1c) Trata-se de uma breve nota sobre os quatro livros indicados pela PUG-MG para o vestibular. Um deles seria *Meninão do Caixote*, de João Antônio.

MENEZES, Carlos. *Vida Literária. O Globo*, 12 set. 1984.

(1c) Nota sobre a coletânea de contos de João Antônio, *Meninão do Caixote*, que foi indicada para o vestibular da PUC, em Minas Gerais.

COURI, Norma. *Euforia no último dia da Bienal*, s.l., 13 set. 1984

(1c) Trata-se de uma reportagem no último dia da oitava *Bienal Internacional do Livro*. O autor discute o motivo da arrecadação de um bilhão em onze dias de evento. Ao tratar dos escritores que participaram da exposição, Couri cita João Antônio, que teria um alto índice de venda de seu novo lançamento, *Meninão do Caixote*. De acordo com o texto, o escritor paulista atrairia os jovens leitores para esse evento, fato não muito comum para a Bienal.

MONTEIRO, Nilson. *João, o das quebradas. Folha de Londrina*, 15 set. 1984, p. 13.

(1b) Esta reportagem aborda o lado social e político do escritor João Antônio. O texto aborda alguns trechos em que o próprio escritor opina sobre seu processo de criação, tais como personagens e ambientação. Outro assunto em pauta seria o governo e a situação cultural de Londrina, cidade do norte do Paraná, local de onde o escritor extrairia uma de suas narrativas no livro *Abraçado ao meu rancor*.

JOÃO Antônio autografa o “Meninão do Caixote”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 out. 1984.

(1b) Reportagem por ocasião da noite de autógrafos da obra *Meninão do Caixote*. O autor faz considerações sobre o evento e a temática geral da obra de João Antônio, especialmente sobre o aspecto autobiográfico, presente em todas as obras de João Antônio. Para finalizar, o texto mostra um depoimento do escritor sobre seu mais recente livro.

DA CORDA bamba nasce a arte dos pingentes. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 out. 1984.

(1b) Esta reportagem aborda aspectos biográficos de João Antônio. As informações vão desde o nascimento do escritor, passando pela sua infância e adolescência, até sua maturidade no Rio de Janeiro. Também são ressaltados os clássicos lidos pelo escritor e o processo de criação de algumas de suas obras, pois, como afirma o próprio João Antônio, é “da corda bamba” que surgem seus personagens pingentes.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. João Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 946, 17 nov. 1984, p.11.

(1b) Breve nota sobre a participação do escritor João Antônio como comentarista da Rede Globo. O texto também informa sobre o lançamento de *Meninão do Caixote*.

CAMINHA Jr., Edmilson. *Corpo a corpo com a vida. Suplemento Literário de Minas Gerais*, nº 949, 8 dez. 1984.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio discute sobre a venda dos livros de contos no Brasil, a dificuldade em se aceitar esse gênero como “arte literária” e o porquê de seu fascínio pelos

marginais. O texto também faz considerações sobre a formação cultural do escritor, sua admiração por Lima Barreto e a influência da televisão em sua carreira. Concomitantemente a esses assuntos, o autor comenta sobre a violência urbana no País.

RAMOS, Ricardo. A arte do conto. *Revista do Círculo do Livro*, nº 56, jan. fev. mar. 1985, p. 75.

(1c) Este texto trata de um pequeno panorama da história do conto brasileiro que, para o autor, teria seu reconhecimento na literatura. João Antônio é citado, entre outros, como um dos representantes do conto contemporâneo.

MENEZES, Carlos. João Antônio é tema de tese. *O Globo*, 25 fev. 1985.

(1c) Breve nota sobre a conclusão da tese do holandês Ruud Ploegmakers *Frescuras do Coração – a melancolia nos contos de João Antônio*. O texto traz breves considerações sobre a tese defendida pelo estudioso.

CAMINHA Jr., Edmilson. Quais os dez melhores contos brasileiros? *DN Cultura*, Fortaleza, 3 mar. 1985.

(1c) Neste texto, Caminha Júnior discute como foram selecionados os dez melhores contos brasileiros. Partindo de uma discussão sobre o conceito desse gênero literário, o autor seleciona dez textos. A narrativa “Frio” de João Antônio estaria incluída na listagem.

JOÃO Antônio na Holanda. *Jornal da Cidade*, Bauru, 5 mar. 1985, p. 14.

(1b) Trata-se de uma apresentação de três teses defendidas sobre João Antônio. Tereza de Moraes, de acordo com o texto, seria a primeira a defender uma tese, cujo título seria *Enfoque Sociológico da Obra de João Antônio*, na Universidade de Brasília, Ana Rosa Cabello com *A gíria como linguagem Literária em Contos de João Antônio*, na Universidade Estadual Paulista e, na Universidade Real, de Utrech, na Holanda, Ruud Ploegmakers com a dissertação intitulada *Frescuras no coração ( a melancolia nos contos do submundo de João Antônio)*.

WOLFF, Fausto. João Antônio e Carne Frita. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1985.

(1b) Trata-se de uma homenagem a João Antônio. O autor fez uma reprodução de um texto de João Antônio sobre Carne Frita, o grande jogador de sinuca de seu tempo.

MACEDO, Tânia. João Antônio e os pingentes da vida. *Primeira Hora*, nº 7, Osasco, 9 a 15 mar. 1985.

(1b) Este texto traz uma abordagem da temática marginal, tão constante na obra joãoantoniana. Além de destacar esse ponto na obra do escritor, Tânia Macedo levantaria alguns aspectos biográficos na produção do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

WOLFF, Fausto. E com você... João Antônio! *Última Hora*, 23 mar. 1985, p.6.

(1b) Fausto Wolff, neste texto, além de levantar alguns dados biográficos sobre o autor de *Malhação do Judas Carioca*, publica uma carta que recebeu de João Antônio em resposta ao artigo sobre a derrota de Carne Frita para Manoel Português. O escritor faria comentários a respeito do seu gosto pelo jogo de sinuca e sobre Frita que, segundo o texto, seria o mestre do taco.

TABLAS, H.S. No início da década de sessenta.... *O comércio de Jahu*, 29 mar. 1985.

(1b) Este texto levanta alguns dados biográficos sobre a carreira do escritor João Antônio. O autor destaca a primeira publicação e informa que a obra do escritor estaria sendo tema de dissertação na Holanda.

MAIA, Adinoel Motta. Pequenos lucros na literatura de press-release. *Jornal da Bahia*, Salvador, 7 e 8 de abril de 1985.

(1c) O autor discute sobre os *press-releases* que tem recebido das editoras e publica alguns que foram lidos por ele. Um desses anúncios seria a premiação do livro *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, editado pela Record.

PLOEGMAKERS, Ruud. Frescuras do Coração (melancolia nos contos do submundo de João Antônio). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 971, 11 maio, 1985.

(3b) Este texto é uma síntese da tese defendida por Ploegmakers, em Utrecht, na Holanda. Uma das considerações discutidas pelo estudioso seria em relação ao lirismo presente na obra de João Antônio que, de acordo com o texto, seria uma característica marcante nas suas obras. Outro ponto ressaltado pelo autor estaria relacionado à escassez de análises mais aprofundadas da produção joãoantoniana. Segundo Ploegmakers, a crítica literária, em geral, se volta para o realismo brutal nas narrativas de João Antônio, o que provaria, para o holandês, que no Brasil, salvo raras exceções, faltaria um trabalho mais minucioso e consistente sobre o escritor brasileiro.

WILLEMSEN, August. PLOEGMAKERS, Ruud. João Antônio. *De Balie*, 11 mai., 1985, tradução nossa.

(1b) Neste texto há dados biográficos sobre João Antônio, como a sua carreira jornalística, e a época de sua produção, que seria marcada pela ditadura militar. A filmagem do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* também é mencionada nesta reportagem. Outro ponto ressaltado são os livros que o escritor brasileiro escreveu sobre Lima Barreto e sobre o compositor Noel Rosa.

ZEITUNG, Frankfurter Allgemeine. Autorenabend mit João Antônio, *Zeitung for Deutschland*, 22 maio 1985, nr 117/ seite 31, tradução nossa.

(1b) Breve anúncio sobre a presença de João Antônio na *Biblioteca Central de Livros e Discos*, em que faria uma palestra em língua portuguesa. O tradutor do português para o Alemão seria Ray-Gudemertten.

MARINHEIRO, Elizabeth. Tessituras. *Diário de Barbacena*, 27 maio 1985.

(1b) A autora deste texto ressalta a indiferença da crítica perante alguns autores nacionais. Além dessa informação, a autora ressalta que o escritor João Antônio, por exemplo, embora fosse assunto de tese na Holanda, não estaria sendo analisado de maneira aprofundada no Brasil.

COM SOTAQUE alemão. *Isto é*, 3 jul. 1985.

(1b) Trata-se de um texto informativo a respeito da estada de João Antônio na Alemanha. O escritor teria dado conferências em sete cidades da Alemanha Ocidental. Segundo o texto, o escritor estaria orgulhoso com o entusiasmo dos europeus com a literatura brasileira.

NITSCHACK, Horst. Der brasilianische schru ftsteller João Antônio, *Zu Gast im atelier – theater*, Montag, 3 jun., 1985, tradução nossa.

(1b) O texto levanta alguns dados biográficos de João Antônio. O livro destacado nesta reportagem é o *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Segundo o autor, João Antônio, juntamente

com Loyola, Ivan Ângelo, Antônio Torres e Márcio Souza, abordaria uma temática extraída de fatos reais, que ocorreram durante a ditadura militar brasileira.

PROENÇA Filho, Domício. João Antônio: a narrativa articulada. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1985.

(3b) Neste artigo, são levantados vários aspectos das narrativas de João Antônio. Para Proença, na obra do escritor haveria características autobiográficas, documentárias, ficcionais, ações, cogitações e lirismo. Nesta análise, o articulista buscaria esses “referenciais literários” em diversos textos, como “Três Cunhadas”, “Fugie”, “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas”, “Malagueta, Perus e Bacanaço” e vários outros.

PINHEIRO, Nevinha. “A ostentação da burguesia é um acinte à miséria do povo”. *Jornal do País*, 11 a 17 jul. 1985.

(1a) Esta entrevista é por ocasião da chegada de João Antônio ao Brasil, que retorna da Alemanha. O escritor brasileiro opina sobre a situação sócio-econômica da Holanda e conta o quanto os europeus se indignaram com a situação do Rio de Janeiro. Outro assunto abordado neste texto seria sobre as experiências no campo literário, as conferências de que participou e os novos projetos de lançamentos de obras do escritor paulista.

MENEZES, CARLOS. João Antônio, um giro europeu. *O Globo*, 15 jul. 1985.

(1b) Breve reportagem sobre a permanência de João Antônio na Europa. O texto traz informações sobre as conferências e as respectivas cidades em que o escritor esteve presente.

CAMINHA Jr., Edmilson. Lima Barreto, da Bruzundanga para o Jornal Nacional. *Diário do Noroeste*, Fortaleza, 28 jul. 1985.

(1c) Este texto refere-se à “significativa” presença de Lima Barreto na literatura brasileira e sua estreita relação com todos os aspectos da vida social brasileira, que marcariam a permanência atemporal da obra barretiana. Para o autor, João Antônio e Jorge Amado seriam os grandes seguidores e admiradores do escritor em questão.

JOÃO Antônio: novo livro, após a visita à Europa. *Gazeta de Vitória*, Espírito Santo, 3 set. 1985.

(1b) A reportagem diz respeito ao pré-lançamento da próxima obra de João Antônio. Este, segundo o autor, prefere não revelar o título do novo livro. O texto traz ainda informações sobre sua viagem ao exterior e o reconhecimento do trabalho do escritor na Europa.

JOÃO Antônio descobre na Europa que os seus textos são universais. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 set. 1985.

(1b) Reportagem acerca da chegada de João Antônio da Europa. Segundo o texto, num depoimento, o escritor afirmaria estar chegando de “outro mundo”, devido ao contraste sócio-econômico entre o Brasil e a Europa. O autor também informa sobre o percurso de João Antônio e seus encontros com estudiosos de sua obra e da literatura brasileira.

ESCRITOR João Antônio estará em Caxias nesta segunda-feira. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 28 set. 1985.

(1b) Texto informativo sobre a estada de João Antônio em Caxias do Sul. O escritor faria um debate informal com os estudantes de Letras. Além desses dados, o texto ressalta a importância das obras de João Antônio no Brasil e no exterior.

HOHLFELDT, Antonio. Pra lá de Bagdá. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 999, 23 nov. 1985.

(3b) Segundo este autor, a obra de João Antônio se dividiria em três momentos. O primeiro estaria marcado pela produção ficcional, com alguns resquícios de depoimento-memorialístico. A segunda “série de obras” estaria relacionada ao jornalismo, e, num terceiro momento, a obra deste escritor teria como característica um misto de conto e reportagem. Antonio Hohlfeldt faz um levantamento da teoria marxista para denominar os personagens marginais, tão constantes na obra de João Antônio. Partindo de tais considerações, o estudioso analisa a estrutura das narrativas do escritor focalizando o narrador, os personagens e os recursos utilizados pelo escritor paulista.

ABRAÇADO ao meu rancor. *Nova*, 1986, p. 13.

(2a) Breve resenha sobre o recente lançamento de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*. O texto aponta a temática geral da obra, citando o “universo marginalizado”, tão presente nas narrativas do escritor.

HOHLFELDT, Antônio. “João Antônio – os melhores contos”, *Global Editora*, São Paulo, 1986.

(1c) Trata-se de breves comentários sobre a produção literária de João Antônio. Fragmentos de depoimentos de estudiosos como Luiz Costa Lima, Antonio Candido, Cassiano Nunes, Heloisa Buarque de Hollanda, Fausto Cunha e Malcolm Silverman, compõem esse texto.

RATH, João. “Abraçado ao meu rancor”, s.l., 1986.

(3b) Este texto faz parte de uma análise baseada na teoria do espelho, em que João Rath procura identificar, nas narrativas de *Abraçado ao meu Rancor*, a resposta para um suposto paradoxo entre a temática e o seu significado. De acordo com o autor, essa teoria explicaria, por meio da “contradição externa” - supostamente o rancor do personagem narrador, - o significado interno do texto, que seria o “amor” que autor-narrador teria pelo seu antigo bairro.

BARBIERI, Ivo. *A cor social*, s.l., 1986.

(3b) Neste estudo, o autor retoma a teoria do “corpo-a-corpo com a vida”, inserida no livro *Malhação do Judas Carioca*, para mostrar a intencionalidade no discurso das narrativas de João Antônio. Ivo Barbieri afirma que a ficção do escritor se desenvolveria com os “pressupostos” impostos pelo autor em sua teoria do “corpo-a-corpo” e que esta poderia ser empregada em todas as coletâneas do escritor. Dessa forma, Barbieri traça um pequeno panorama dos personagens e suas respectivas relações com o “texto-manifesto” que compõe a obra *Abraçado ao meu rancor*.

DURIGAN, Jesus. *Otários e Otários e Otários*, 24 maio 1986, p. 1-10.

(3b) Este artigo, num primeiro momento, discorre sobre a carreira de João Antônio e levanta algumas informações a respeito de sua produção literária. Além disso, o autor parte para a análise da obra do escritor focalizando os malandros e os otários que compõem as narrativas joãoantonianas. O estudioso ressalta a maneira como esse “eterno” duelo seria explicado pelo ponto de vista do que estaria por baixo, nas margens da sociedade dominante, ao contrário de muitos escritores que procuram mostrar a problemática social no Brasil partindo do discurso burguês.

GROPILLO, Ciléia. O que está para se editar. *Jornal do Brasil*, 1 jun. 1986.

(2a) Resenha crítica por ocasião do lançamento do oitavo livro de João Antônio, cujo título seria *Abraçado ao meu rancor*. O texto aborda, de forma sintética, o novo estilo do escritor, ressaltando as inovadoras “técnicas literárias” de João Antônio. Gropillo, além dessas considerações, discute a modalidade das narrativas e não se arrisca a chamá-las de contos. O resenhista cita alguns personagens inseridos nesta obra.

KHÈDE, Sonia Salomão. Estética do rancor. *Jornal do Brasil*, 03 ago. 1986.

(2a) Esta autora explora a obra de João Antônio à luz da estética do grotesco no processo de criação em *Abraçado ao meu rancor*. Para Khéde, na tentativa de captar o público leitor, João Antônio, “autor do grotesco”, construiria uma literatura edificante e moralista. Sob o ponto de vista social, a autora acredita que a tonalidade humanizadora no texto não estaria presente só na temática, mas também no discurso das próprias personagens do escritor.

GOMES, Álvaro Cardoso. De olho na banda podre da vida. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1986.

(2a) Trata-se de uma resenha crítica sobre o livro *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. Partindo de uma visão sociológica, a autora procura ressaltar na temática e nos personagens, o retrato da “realidade cotidiana”, transformando São Paulo numa espécie de “metonímia” do Brasil.

HELENA, Lúcia. Ódio e ternura marcam a utopia na cidade flor-do-mal. *O Globo*, 10 ago. 1986, p.11.

(2a) Nesta resenha, Lúcia Helena retoma as obras anteriores ao livro *Abraçado ao meu rancor*, para afirmar que o autor sempre retomaria sua temática, a fim de aprofundar-se em seu estilo e “ética” literária. Neste último lançamento, em especial na narrativa que dá título ao livro, tem-se a “cidade flor-do-mal” como personagem principal, marcada pelas contradições sociais, mas o ódio e o rancor contidos na narrativa, para a autora, mascaram a utopia do escritor em relação ao quadro social de seu país.

BUENO, Wilson. *Abraçado ao meu rancor*. *Correio de Notícias*, Curitiba, 28 ago. 1986.

(1b) Trata-se de uma reprodução do depoimento de João Antônio a respeito do processo de criação do livro *Abraçado ao meu rancor*. O escritor faz considerações sobre o título e a temática de algumas narrativas inseridas na coletânea.

ZILBERMAN, REGINA. João Antônio contos, com velhos heróis. *Jornal da Tarde*, 30 ago. 1986.

(2a) A autora deste texto faz uma comparação entre os personagens principais de João Antônio com outros “heróis” que se inserem nos romances de aventuras. De acordo com a estudiosa, os protagonistas joãoantonianos seriam ambulantes e itinerários, assim como os outros personagens de histórias aventurescas. O escritor constrói a resistência de seus miseráveis diante da desigualdade social fazendo destes verdadeiros heróis, segundo Zilberman.

ARRUDA, João. O Clássico Velhaco. *Leia*, São Paulo, p. 34, out. 1986.

(2a) Esta resenha procura evidenciar o submundo que está presente no novo lançamento de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*. O autor detém-se na temática marginal e em alguns protagonistas. O texto também aponta um certo autobiografismo na narrativa que dá nome ao livro de João Antônio.

LAFETÁ, João Luiz. João Antônio e sua estética do rancor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 out. 1986.

(2a) Esta resenha destaca três pontos na obra *Abraçado ao meu rancor*. Num primeiro momento, Lafetá faz considerações sobre o novo universo marginal revelado por João Antônio. Com o subtítulo “Malandragem descorada”, o autor focaliza o autobiografismo, em especial, na narrativa que dá título ao livro. Por fim, Lafetá discute o “amargo paradoxo” que percorre a nova estética da obra que ganharia uma tonalidade pesada e ressentida, substituindo o picaresco tão presente nas narrativas das obras anteriores.

FLECHA, Jairo Arco e. Qualquer assunto é assunto. *Isto é*, 8 out. 1986, p. 96.

(2a) O autor desta resenha parte da temática e do trabalho narrativo na obra *Abraçado ao meu rancor*. Para o autor, João Antônio seria importante na literatura brasileira por destacar os homens “sem identidade” na sociedade em geral, transformando-os em personagens principais. Outro aspecto abordado no texto seria a vida desses protagonistas que, apesar de parecer não ter sentido, acaba gerando um tema extraordinário para as narrativas de João Antônio.

MEKLER, Telma. Só João Antônio suporta os guardadores de carro. *Jornal do Comércio*, 12 out. 1986.

(2a) Esta resenha crítica parte de uma análise sociológica a respeito do livro *Abraçado ao meu rancor*. Para a autora, João Antônio seria um defensor da classe marginalizada, devido à insistência do escritor em abordar temas do submundo e dar voz a esses seres repelidos pela sociedade. Telma Mekler mostra sua preferência pelo texto “O Guardador”, e também destaca o trabalho do escritor com a linguagem.

CAMPOS, Moreira. Nova Carta a João Antônio. *O Povo*, Fortaleza, 12 out. 1986, p.6.

(1b) Trata-se de uma carta de Moreira Campos respondida a João Antônio depois da leitura do livro *Abraçado ao meu rancor*. O autor ressalta o estilo renovador do escritor e discorre sobre as narrativas “Amsterdã, ai”, “Eguns” e “Tatiana Pequena” levantando a temática de cada narrativa.

SILVEIRA, Joel. Vai-e-vem. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 out. 1986.

(1a) Pequena entrevista sobre o novo lançamento de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*. O escritor explicaria o título escolhido e o seu processo de criação. O texto também levanta considerações a respeito dos personagens inseridos na obra.

QUINTELLA, Ary. Pois falo agora de João Antônio exatamente esse cara que tem o texto rigorosamente nacional. *Jornal de Domingo*, Belo Horizonte, 24 out. 1986.

(2a) Nesta resenha, o autor ressalta os aspectos biográficos na obra *Abraçado ao meu rancor*. Considerado como o “Rabelais do Mangue” por Quintella, João Antônio realizaria um trabalho rigoroso com a linguagem que, em alguns casos, se destacaria mais que a própria temática.

AVAREZ, Reynaldo Valinho. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 out. 1986.

(2a) Trata-se de uma resenha sobre o livro *Abraçado ao meu rancor*. O autor focaliza a “solidariedade romântica” de João Antônio para com os marginalizados. Avarez também destaca a estrutura da narrativa, organizada, minuciosamente, pelo escritor paulista.

FARACO, Sérgio. Livros. *A notícia*. São Luiz Gonzaga, 1º e 2º nov. 1986.

(1b) Breve nota sobre o lançamento da coletânea *Os Melhores Contos de João Antônio*. O volume reuniria alguns relatos do escritor e o estudo introdutório seria de Antonio Hohlfeldt.

CAMINHA Jr., Edmilson. Abraçado ao nosso rancor. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 1049, 15 nov. 1986.

(2a) Nesta resenha, Caminha Júnior cita vários aspectos que contribuem para a singularidade da obra *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. O trabalho com a linguagem, forma e temática, para o resenhista, retomariam a experiência do escritor em obras anteriores como *Malhação Judas Carioca*, *Casa de Loucos* ou *Ô Copacabana!*. O texto também ressalta o gênero indefinido do escritor do submundo.

GIGLIOTTI, Adir. João Antônio, pra valer. *Diário do Povo*, Campinas, 21 nov. 1986.

(2a) Trata-se de uma resenha sobre o novo livro de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*. O autor traz breves considerações sobre os personagens e a temática presentes na coletânea. Há também, neste texto, um depoimento do escritor a respeito do título de seu livro.

MAIA, Adinoel Motta. Metamorfose. *Suplemento Cultural do Jornal da Bahia*, Salvador, 26 nov. 1986.

(2a) Este texto explora a temática marginal na obra em lançamento, *Abraçado ao meu rancor*. Para o autor, João Antônio traria, neste livro, um “forte apelo social” devido ao peso de sua linguagem literária.

FARACO, Sérgio. Livros. *Nova Época*, Gramado/Canela, 3 dez. 1986.

(2a) Breve resenha a respeito do lançamento da obra *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. O autor faz sintéticos comentários sobre os dados técnicos do livro.

RIBEIRO, Francisco. No Brasil, viver sem estar bêbado é um porre. *Tribuna Bis*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1986.

(1a) Esta entrevista é por ocasião do lançamento do livro *Abraçado ao meu rancor*. João Antônio, dessa forma, aborda questões como o autobiografismo presente em suas narrativas. Outro ponto levantado pelo escritor contemporâneo neste texto, seria a influência de grandes mestres da literatura, como os autores russos e o naturalista Emile Zola, no processo de construção de sua linguagem. A situação social de sua época e a classe média também formam os assuntos abordados pelo entrevistado.

PINHEIRO, Nevinha. Abraçado ao meu rancor: João Antônio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 1044, 11 dez. 1986.

(2a) Nevinha Pinheiro, nesta resenha, aborda vários aspectos do livro *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. A autora inicia seu texto pelo título da obra e os sentimentos que o escritor buscaria provocar em seus leitores. A linguagem e a temática, que para a resenhista andam juntas, estariam em harmonia em todo o livro. Dessa forma, Pinheiro exemplifica suas colocações com algumas narrativas inseridas na obra.

RIBEIRO, Teresa. Histórias deste povo, elegante e apaixonado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 dez. 1986, p. 21.

(2a) Nesta resenha sobre *Abraçado ao meu rancor*, são destacados aspectos biográficos do autor, presentes em sua obra. A autora também faz considerações sobre a temática marginal, inovadora na literatura brasileira contemporânea, que traria um novo estilo e um novo discurso diante dos problemas sociais enfrentados no Brasil.

DUPONT, Wladir. João Antônio, o bom amigo dos sobreviventes urbanos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 dez. 1986, p.22.

(2a) Esta resenha crítica sobre o lançamento de *Abraçado ao meu rancor* está dividida em três momentos. O primeiro diz respeito à vida de João Antônio e sua carreira literária. O segundo focaliza o livro propriamente dito, com destaque para o trabalho com a linguagem e a temática na obra do escritor. Por fim, são ressaltados os projetos futuros de João Antônio, suas viagens pela Europa e sua opinião quanto à presença da literatura estrangeira no Brasil.

LUCAS, Fábio. A trajetória paulista de João Antônio, o exilado. *Diário do Sul*, Porto Alegre, 31 dez. 1986.

(2a) Nesta resenha crítica sobre o lançamento de *Abraçado ao meu rancor*, Fábio Lucas, primeiramente, traça um sintético panorama da trajetória da crítica sobre João Antônio. Num segundo momento, o autor destaca o “tom moralizador” no texto que dá título ao livro. O autor também tece comentários sobre as narrativas inseridas na obra, tais como “Tatiana Pequena”, “Eguns” e “Amsterdã”, em que seriam levantados aspectos quanto ao espaço, temática e personagens. Jacarandá, constante na obra do escritor, precisaria, segundo Lucas, mais “força” caricatural, como os outros protagonistas de João Antônio.

GARCIA, José Ribamar. *Abraçado ao meu rancor*. *Tribuna Literária*, 1987.

(2a) Trata-se de uma breve resenha sobre o livro *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. O texto traz algumas informações sobre a carreira do escritor e as premiações de sua mais recente obra.

MONTEIRO, Nilson. O rancor que salva. *Folha de Londrina*, Londrina, 14 jan. 1987, p.13.

(2a) O autor desta resenha ressalta, em *Abraçado ao meu rancor*, a temática e a linguagem nas narrativas de João Antônio. Vários outros pontos da obra são citados pelo resenhista, tais como as premiações desta obra, o submundo, sempre presente nos temas de João Antônio e o personagem Jacarandá. O escritor é comparado a Lima Barreto, por Monteiro, devido ao caráter inovador para a literatura brasileira.

PYRA, Fernando. Contos de João Antônio. *Diário de Petrópolis*, 25 jan. 1987.

(2a) Esta resenha é por ocasião do lançamento de duas obras de João Antônio: *Abraçado ao meu rancor* e *Os melhores Contos de João Antônio*. O autor ressalta a temática marginal presente nos livros citados e destaca a característica da reportagem no texto “*Abraçado ao meu rancor*”.

WILLENR, Cláudio. Os epígonos do modernismo, *Retrato do Brasil*, fev. 1987.

(3b) Este artigo trata de uma abordagem histórica da literatura dita pós-moderna. Segundo o autor, a pós-modernidade, com os seus futuristas que buscam o progresso a todo custo, se choca com uma literatura de resistência, marcada pela contra-cultura dos modismos culturais. O autor cita, como exemplo, a obra *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, que possuiria uma temática em que a modernidade e o progresso seriam sinal de destruição. Segundo o articulista, o autor poderia ser comparado a Marshall Berman em sua obra *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*, em que o enfoque temático seria a modernidade “forçada” de Paris.

ABRAÇADO ao meu rancor.s.l., fev. mar., 1987.

(2a) Nesta resenha sobre o lançamento de *Abraçado ao meu rancor*, o autor parte da temática marginal para marcar o novo estilo do escritor que procuraria evidenciar na linguagem literária o retrato da camada social marginalizada. João Antônio, segundo o texto, ao trabalhar com este aspecto da sociedade, se aproximaria de Graciliano Ramos.

PAES, José Paulo. Ilustração e defesa do rancor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 mar. 1987, p. 10.

(3b) Neste estudo, José Paulo Paes, sob a perspectiva semântica, desvenda o signo do rancor, aspecto marcante no discurso da obra *Abraçado ao meu rancor*. Ao discutir sobre essa característica no livro, o estudioso coloca em dúvida a celebre frase de André Guide que diz que “os bons sentimentos só produzem, via de regra, má literatura”. Para Paes, o “rancor” presente na obra joãoantoniana seria muito profundo e significativo. Dessa forma, o articulista discute a natureza do discurso joãoantoniano na obra em questão, que seria colocado no mesmo patamar de Gregório de Matos, Máximo Gorki, Jack London, François Villon e Alcântara Machado.

A DIFÍCIL vida dos pobres, esquecidos e marginalizados, num livro pungente. *Revista do livro*, nº 65, abr. maio, jun. 1987.

(2a) Breve texto sobre o livro *Dedo-Duro* de João Antônio. A resenha traz, sinteticamente, considerações sobre o escritor e sua temática marginal.

MARTINS, Marília. De olho nas ruas. *Isto é*, 22 abr. 1987.

(1c) Esta reportagem é sobre a pretensão dos escritores jornalistas em levar seus romances-reportagens à televisão. Os escritores Aguinaldo Silva e José Louzeiro seriam os exemplos de escritores que, segundo Martins, fizeram suas carreiras nas seções policiais dos jornais. João Antônio é citado, por avaliar a nova tipologia de texto e a situação do escritor jornalista (ou jornalista-escritor) perante a literatura de seu tempo. Para o autor de *Abraçado ao meu rancor*, essa literatura se originaria da censura, já que esta impedia a publicação de certos textos em jornais.

ESCRITOR João Antônio volta a Jundiaí em junho. *Jornal da Cidade*, Jundiaí, 21 maio 1987.

(1b) Trata-se de uma reportagem sobre o retorno de João Antônio à cidade de Jundiaí. O texto traz breves informações sobre a carreira jornalística do escritor e as publicações de seus livros.

NEM HERÓIS, nem vilões: apenas o povo brasileiro. Maio, jun. 1987, nº 85, p. 19.

(1a) Nesta entrevista, João Antônio fala a respeito do acidente que sofreu seu primeiro livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Além disso, expõe sua opinião a respeito do conceito de “escritor da marginalidade”, da classe média, e a relação autor-personagem em sua obra.

O LADO proibido das cidades. *Editora Clube do livro*, 2º semestre, 1987.

(2a) Breve resenha a respeito do lançamento do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço e Malhação do Judas Carioca*, de João Antônio. Quanto ao primeiro livro, o resenhista ressalta a temática marginal, enquanto que no segundo seria focalizado o aspecto sociológico em João Antônio.

LITERATURA. *Jornal da cidade*, Jundiaí, 07 junho, 1987, p.34.

(1b) Sintética reportagem sobre a primeira estada de João Antônio em Jundiaí. O texto informa sobre as experiências jornalísticas do escritor e as futuras viagens e eventos realizados pelo autor de *Abraçado ao meu rancor*.

NOITE de autógrafos com o escritor João Antônio. *Jornal da Cidade*, Jundiaí, 10 jun. 1987, p. 7.

(1b) Esta reportagem é por ocasião da noite de autógrafos do escritor João Antônio. O texto traz informações sobre o evento e o convite feito ao escritor para fazer parte do júri do *Prêmio Internacional Literário Casa de Las Américas*.

PEREZ, Renard. O conto brasileiro contemporâneo II, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, nº 1077, 13 jun. 1987.

(3b) O texto trata da apresentação dos diversos escritores contistas brasileiros. João Antônio, entre outros, seria considerado o escritor dos tipos marginais. Peres traz informações sobre a temática, as obras publicadas pelo autor e a recepção de sua obra no Brasil.

JOÃO Antônio e um novo livro no Culto à Ciência, 16 e 17 jun. 1987.

(1b) Breve reportagem sobre a presença de *João Antônio* em Campinas. O escritor falaria sobre o seu recente lançamento *Abraçado ao meu rancor*. O texto também traz informações sobre as obras premiadas do escritor paulista.

O NOVO livro de contos de João Antônio. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 jul. 1987, p.10.

(1b) Esta reportagem é devida ao recente lançamento de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*. Segundo o texto, o escritor seria várias vezes premiado e viajaria por diversos estados brasileiros dando palestras e participando de muitos eventos sobre literatura.

BYE bye Brazil. *Jornal do Brasil*, 25 jul. 1987.

(1b) Trata-se de um texto sobre o lançamento de *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. De acordo com esta reportagem, o escritor estaria feliz por ter seu livro prefaciado por Alfredo Bosi e estaria de viagem marcada para a Alemanha, financiada pelo Departamento de Incentivo à Cultura.

CINTRA, Leda Rita. Uma temporada de lançamentos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 agos. 1987.

(1c) Este texto trata das novas publicações e dos novos escritores que se lançam no mercado editorial. A reportagem traz diversos nomes de escritores e suas respectivas obras. João Antônio seria citado como um dos grandes expoentes da literatura brasileira contemporânea.

MENEZES, Carlos. Rosa-dos-ventos. *O Globo*, 19 ago. 1987.

(1b) O texto é sobre o novo lançamento da editora Ática. A série “Rosa-dos-ventos” traz autores como Ignácio de Loyola Brandão e João Antônio com seu *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

RIBEIRO, Tereza. Com a alma do brasileiro na bagagem. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1987.

(1b) Esta reportagem é devida à viagem de João Antônio a Berlim, lugar em que residiria por um ano. O texto traz um breve depoimento do escritor sobre sua viagem e a sua visão da sociedade brasileira e alemã. João Antônio faria, segundo a autora, uma espécie de divulgação e interpretação do significado do jogo do bicho para os brasileiros de baixa renda.

LEAL, César Barros. Estante de Livros. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 28 set. 1987.

(2a) Breve texto sobre o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O autor faz uma sintética nota abordando temática malandra na obra de João Antônio.

AMARAL, Gonçalves de. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Correio Popular*, 6 out. 1987.

(2a) Breve resenha sobre o lançamento da editora Ática “Rosa-dos-Ventos”, a qual apresentaria o texto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio, que estaria inserido na coletânea.

NA SÉRIE Rosa-dos-ventos. *Jornal Cultura*, Curitiba, 7 a 22 out. 1987.

(2a) Breve resenha sobre a série *Rosa-dos-ventos* que lançaria o texto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. O resenhista indicaria a obra como “remédio” aos jovens leitores que não apreciam o ato de ler.

BOSI, Alfredo. Um boêmio entre duas cidades. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 out. 1987.

(3b) Este texto de Alfredo Bosi é o prefácio do livro *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. O crítico parte do aspecto biográfico no texto que dá nome ao título da obra para desvendar a simbologia da temática joãoantoniana. Dessa forma, para Bosi, o “boêmio” viveria entre “duas cidades”, aquela em que vivera em sua infância e a atual, a prejudicada pelo progresso, na qual a pobreza teria sido transformada em miséria. O autor também compara esse “cinismo” no discurso de João Antônio com a “sombra irada” de Lima Barreto.

TOLIPAN, Heloísa. Textos que a ditadura vetou vão virar livro. *Jornal do Brasil*, 19 out. 1987.

(1c) Este texto trata da publicação de duzentos textos do *Jornal Movimento* que foram censurados no período da ditadura militar. Traz informações sobre a trajetória do jornal, que teve como repórter João Antônio. Este, de acordo com a autora, assinaria o texto crítico sobre a censura da década de setenta. Além dessas considerações, Tolipan registra um depoimento do escritor paulista e sua relação com o AI-5.

RESENDE, Vânia Maria. O menino na literatura brasileira. *Editora Perspectiva*, série Debates, São Paulo, 1988, p. 227-232.

(3b) Trata-se de um estudo sobre o mundo infantil retratado na obra de João Antônio. A autora trabalha com o livro *Meninão do Caixote*, especificamente, com as narrativas “Lambões de Caçarola” e “Frio”. O objetivo desta análise seria averiguar as condições psicossociais das crianças na obra do escritor que, segundo o texto, oscilariam entre o mundo marginal adulto e a imaturidade da infância, já perturbada por uma “realidade” inadequada ao desenvolvimento dos pré-adolescentes.

LITERATURA Brasileira. *Revista Desfile*, nº22, mar. 1988.

(2a) Breve resenha sobre o relançamento de *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio. O texto apresenta uma sintética nota sobre o livro e o tema abordado pelo escritor.

MIRANDA, Aristóteles. Recordações do escritor Lima Barreto. *O Liberal*, Belém, 4 set. 1988.

(1c) Trata-se de uma reportagem sobre Lima Barreto e o seu reconhecimento pela literatura brasileira. Ao comentar a respeito de um certo “esquecimento” ou “descaso” da crítica em relação à obra barretiana, o autor cita João Antônio como um dos biógrafos que resgataram Lima Barreto para a posteridade. Para Miranda, aliás, João Antônio seria tão “maldito” quanto Lima Barreto.

JOÃO Antônio: contratos na Alemanha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1989.

(1b) Nota informativa sobre o retorno de João Antônio ao Brasil. O escritor estaria na Alemanha por um ano participando de vários eventos culturais e literários em diversas cidades.

JOÃO Antônio um recontador do cotidiano que se purifica no retorno ao lodo. *Estado do Maranhão*, 19 fev. 1989.

(1a) Trata-se de um depoimento de João Antônio sobre a criação de *Meninão do Caixote*. O escritor fala sobre Luisinho, um jogador de sinuca que lera as obras do autor quando ainda eram apenas manuscritos.

ANA Rosa Gomes Cabello. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 ago. 1989.

(1b) Texto informativo sobre a tese defendida pela professora Ana Rosa Gomes Cabello, cujo título seria *Gíria: vulgarização de um signo de grupo?* O tema seria a respeito do emprego da gíria marginal na literatura de João Antônio.

AZEVEDO, REINALDO. A Editora Estadão Liberdade vai reeditar toda a obra de João Antônio... *Diário do Grande ABC*, Santo André, 19 ago. 1989.

(2a) Sintética resenha sobre a reedição de *Leão-de-chácara*. O texto traz breves considerações sobre a temática geral da obra.

LEÃO-DE-CHÁCARA. *Zero Hora*, porto Alegre, 20 ago. 1989.

(2a) Breve resenha sobre a sétima edição de *Leão-de-Chácara*. O autor faz considerações sobre a nova forma da capa e a temática marginal que, segundo o texto, seria constante na obra do escritor João Antônio.

KRAUSZ, Luiz S. A Literatura contemporânea em duas amostras. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1989, p. 5.

(2a) Esta resenha refere-se a dois lançamentos que se destacariam na literatura brasileira. Um seria o romance de Luís Vilela, intitulado *Graça* e o outro, o livro *Leão-de-chácara*, de João Antônio. O texto traz considerações sobre a temática de cada livro. O autor ainda ressalta que, apesar da diferença de estilos, as duas obras estariam sendo as mais solicitadas pelo público leitor.

A SEGUNDA vida do Leão Ferido. *Leia*, set. 1989.

(1b) Esta reportagem é devida ao relançamento do livro *Leão-de-chácara*, que se encontraria na sétima edição. O escritor daria seu depoimento sobre a emoção que sentiu com este acontecimento que só se igualaria com o lançamento da primeira obra, *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

JOÃO Antônio. *Leão-de-chácara*. (o submundo vai ao universo da arte). *Toda Hora*, Belo Horizonte, 17 a 23 set. 1989, p.5.

(2a) Trata-se de uma resenha sobre *Leão-de-chácara*. O autor retoma o sucesso do lançamento anterior, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, para explicitar o estilo de João Antônio. O texto também traz um trecho de um depoimento de Léo Gilson Ribeiro a respeito do trabalho do escritor.

DEBATES com João Antônio. *O Liberal*, Belém, 28 set. 1989.

(1b) Reportagem sobre a carreira literária do escritor João Antônio. Além de considerações sobre as conferências, debates e mesas redondas de que o escritor teria participado, o autor informa sobre as premiações das obras joãoantonianas.

JOÃO Antônio: alguns traços do autor. Casa de Estudos Germânicos, Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas, UFP, Belém, 28-29 set. 1989.

(1b) Trata-se de dados biográficos a respeito de João Antônio. O texto apresenta considerações sintéticas sobre a trajetória da carreira do escritor desde 1937 até 1989.

BRAGA, Hamilton. Escritor João Antônio profere palestras na Universidade e fala de seu livro sobre Lima Barreto. *Diário do Paraná*, 29 set. 1989.

(1c) Hamilton Braga, nesta reportagem, revela o processo de criação da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, de João Antônio. Em meio às considerações do autor, haveria um depoimento do próprio escritor que narra como conheceu o professor Cláudio Nóbrega da Silva, que, segundo o texto, teria fornecido as informações sobre Lima Barreto para o livro de João Antônio.

LEÃO -de-chácara na sétima edição. *Correio da Bahia*, 30 set. 1989.

(2a) Pequena resenha sobre a sétima edição de *Leão-de-chácara*. O autor anônimo faz considerações acerca das obras de João Antônio e suas respectivas premiações e ressalta a opinião de Antonio Candido sobre a narrativa “Paulinho Perna Torta”.

JOÃO Antônio: Leão-de-chácara. *Cooperhodia*, set/out. 1989.

(2a) No texto constam breves informações a respeito da capa do livro *Leão-de Chácara* e os nomes das quatro narrativas que compõem a obra de João Antônio.

RIBEIRO, Leo Gilson. Acrobacias boêmicas. *Isto é senhor*, p. 11 e 12, 4 out. 1989.

(2a) O autor deste texto procura colocar para o leitor o estilo irreverente e autêntico do livro *Leão-de-chácara*, de João Antônio. Este, segundo o texto, poderia ser comparado a Zola ou Sartre devido ao realismo e à temática marginal. Partindo dessas considerações, Léo Gilson Ribeiro faz um levantamento das características dos personagens do escritor paulista.

O ESCRITOR João Antônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, nº 7328, ano 24,7 out. 1989.

(2a) Pequeno anúncio sobre o livro de contos intitulado *Nove Mulheres*, que estaria sendo homenageado na “Noite João Antônio” com a presença de estudantes e da crítica literária.

DURIGAN, Antônio Jesus. A ciranda dos malandros. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 1131, 7 out. 1989, p. 12-15.

(3b) Estudo acerca das contradições a respeito da concepção dos “otários” e “malandros” na literatura de João Antônio. O autor traça um pequeno panorama da crítica em relação aos textos do escritor. Para Durigan, o universo marginal joãoantoniano corresponderia a um ensinamento e a um aprendizado em que haveria códigos e leis. Assim, desse quadro da sociedade marginal construída pelo escritor paulista, resultaria um processo mais significativo e profundo da obra do autor em detrimento da opinião de alguns críticos, os quais não são citados por Durigan.

DICAS do Ucha. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 out. 1989.

(1c) O autor desta resenha faz indicações de leituras ao público leitor. Ao recomendar Gabriel Garcia Márquez, em *O General em seu labirinto*, critica o novo lançamento de Umberto Eco, *O Pêndulo de Foucault*, e concomitantemente, elogia *Leão-de-chácara*, do escritor João Antônio.

AS BOAS novas de Luiz de Miranda. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 out. 1989.

(1c) Texto informativo sobre a trajetória literária de Luiz de Miranda. Além de considerações sobre a temporada do escritor no Rio de Janeiro, o autor afirma que João

Antônio teria conversado com Miranda sobre seus projetos literários depois do seu retorno da Alemanha.

SILVA, Deonísio. Rubem Fonseca. *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*. (sem referência), 3 nov. 1989.

(1c) Trata-se de um estudo sobre a recepção crítica da obra *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, de Rubem Fonseca. Ao traçar considerações sobre a produção literária na época da ditadura, cita João Antônio, entre outros, como profissionais excluídos e desaparecidos do mercado editorial.

MEDEIROS, Maria Lúcia. Mishima: contemporaneidade. *O Liberal*, 30 nov. 1989.

(1c) O texto traz informações sobre o escritor oriental Yukio Mishima em *Morte em Pleno Verão*. Ao ressaltar a narrativa contemporânea na literatura, Medeiros cita João Antônio. Além disso, a autora destaca a gíria marginal nas narrativas do escritor paulista que, assim como Guimarães Rosa, foi um grande renovador da linguagem na literatura brasileira.

RIEDEL, Dirce. *O outro saber*, s.l., Rio de Janeiro, dez. 1989.

(3b) Pequeno estudo sobre os personagens de João Antônio. A autora fala de um “saber” específico da malandragem, em que a escola seria a rua e esse aprendizado, juntamente com determinada ética, construiria as características tão singulares dos protagonistas do escritor.

COTIDIANO em três dimensões. *Jornal da Bahia*, Salvador, 2 dez. 1989.

(2a) Nesta resenha, são destacadas as obras de Walmir Cardoso que, segundo o resenhista, retrataria o “espaço cósmico” em suas narrativas. Já escritores como Fernando Sabino e Rachel de Queiroz, por exemplo, apesar de não apelarem para o racional e para a ficção científica, levariam ao leitor uma “experiência do vivido”. Dessa forma, a literatura de João Antônio revelaria uma vivência do submundo da marginalidade.

## 7.CATEGORIA DOS TEXTOS

### 1) Biobibliográficos

- a) entrevista;
- b) reportagem
- c) referência em coluna literária

### 2) Resenhas críticas

- a) em periódicos, por ocasião do lançamento de obras;

### 3) ensaios e artigos em livros;

- a) ensaios e artigos em livros;
- b) ensaios e artigos em periódicos

## 7.1 . LEVANTAMENTO NUMÉRICO DOS TEXTOS

1a- 54

1b- 193

1c- 165

2a- 211

3a- 6

3b- 44

## 7.2 .LEVANTAMENTO NUMÉRICO DOS TEXTOS ANO A ANO (1977-1989)

1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
174	98	68	34	52	75	34	36	23	29	25	3	22

## 8 – ÍNDICES

### 8.1. ÍNDICE ALFABÉTICO DE JORNAIS E REVISTAS

A Gazeta (São Paulo)  
A Gazeta (Vitória)  
A Notícia (Joinville)  
A Notícia (Manaus)  
A Notícia (Minas Gerais)  
A Notícia (Rio de Janeiro)  
A Palavra (Rio de Janeiro)  
A República  
A Tribuna (Vitória)  
A Voz do Paraná (Curitiba)  
ABC Verdade  
Ars Média (Belo Horizonte)  
Arte e Comunicação (Londrina)  
Casa de Estudos Germânicos (UFP) (Belém)  
Cidade de Itapira (Itapira)  
Círculo do Livro  
Conceito (Vitória)  
Correio Braziliense (Brasília)  
Correio da Bahia (Salvador)  
Correio da Paraíba (João Pessoa)  
Correio das Artes (João Pessoa)  
Correio de Notícias (Curitiba)  
Correio do Povo (Porto Alegre)  
Correio Popular (Campinas)  
Departamento de Promoções (Curitiba)  
Desfile (São Paulo)  
Destaque (Belo Horizonte)  
Destaque (Minas Gerais)  
Destaque (São Paulo)  
Destaque Literário  
Diário da Tarde (Juiz de Fora)

Diário de Barbacena (Barbacena)  
Diário de Minas (Belo Horizonte)  
Diário de Pernambuco (Recife)  
Diário de Petrópolis (Petrópolis)  
Diário de São Paulo (São Paulo)  
Diário do Grande ABC (São Bernardo do Campo)  
Diário do Noroeste (Fortaleza)  
Diário do Paraná (Curitiba)  
Diário do Povo (Campinas)  
Diário do Sul (Porto Alegre)  
Diário Mercantil (Juiz de Fora)  
Diário Popular (São Paulo)  
Editora Perspectiva (São Paulo)  
Estado do Maranhão (São Luís)  
Estado do Paraná (Curitiba)  
Extra-Realidade Brasileira (São Paulo)  
Folha Carioca (Rio de Janeiro)  
Folha Comercial e Industrial (Osasco)  
Folha da Manhã (Campos)  
Folha da Manhã (Porto Alegre)  
Folha de Itapira (Itapira)  
Folha de Londrina (Londrina)  
Folha de São Paulo (São Paulo)  
Folha do Litoral (Parafba)  
Folha do Pontal (Ituiutaba)  
Folha do Povo (Ubá)  
Folhetim (São Paulo)  
Gazeta de Vitória (Espírito Santo)  
Gazeta Universitária  
Global Editora (São Paulo)  
Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro)  
Isto é senhor (São Paulo)  
Jornal A União (João Pessoa)  
Jornal Cultura (Curitiba)

Jornal da Bahia (Salvador)  
Jornal da Cidade (Bauru)  
Jornal da Cidade (Jundiaí)  
Jornal da Manhã (Ijuí)  
Jornal das Letras  
Jornal das Tintas  
Jornal de Alagoas (Maceió)  
Jornal de Brasília (Brasília)  
Jornal de Campinas (São Paulo)  
Jornal de Domingo (Belo Horizonte)  
Jornal de Hoje (São Luiz)  
Jornal de Ipanema (Rio de Janeiro)  
Jornal de Letras  
Jornal de Pesquisa  
Jornal de Santa Catarina (Blumenau)  
Jornal de Segunda (Jundiaí)  
Jornal de Serviço (Natal)  
Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)  
Jornal do Comércio (Rio de Janeiro)  
Jornal do Estado de Minas (Belo Horizonte)  
Jornal do Livro (Niterói)  
Jornal do País  
Jornal dos Sports (Rio de Janeiro)  
Jornal Extra (Joinville)  
Jornal JESET  
Jornal José (Brasília)  
Jornal Península (Juiz de Fora)  
Jornal Unitário (Fortaleza)  
Jornal Universitário (Recife)  
Jornal Veredas (Osasco)  
José  
Leia Livros (São Paulo)  
Livraria Cultura Imprensa (São Paulo)  
Luta Democrática (Rio de Janeiro)

Menção

Microjornal (São Paulo)

O Acadêmico (Blumenau)

O Diário de Ribeirão Preto (São Paulo)

O Diário Regional (Osasco)

O Estadão

O Estado (Florianópolis)

O Estado (Santa Catarina)

O Estado de São Paulo (São Paulo)

O Estado do Maranhão

O Fluminense (Rio de Janeiro)

O Globo (Rio de Janeiro)

O Grande Osasco (Osasco)

O Imparcial (Brasília)

O Liberal (Belém)

O Momento (Corumbá)

O Norte (João Pessoa)

O Norte (João Pessoa)

O popular (Goiânia)

O Popular (Goiânia)

O Povo (Fortaleza)

O Prelo

O Regional (Mogi-guaçu)

Pasquim (Rio de Janeiro)

Península (Juiz de Fora)

Pioneiro (Caxias do Sul)

Primeira Hora (Osasco)

Quem (Santa Catarina)

Record (Rio de Janeiro)

Retrato do Brasil

Revista (Salvador)

Revista Capricho (São Paulo)

Revista do Livro

Revista É

Revista Escolha (Ribeirão Preto)  
Revista Homem  
Revista Isto é (São Paulo)  
Revista Leia (São Paulo)  
Revista Leia Livros (São Paulo)  
Revista Manchete (Rio de Janeiro)  
Revista Nacional  
Revista Nacional do Cooperativismo  
Revista Nova (São Paulo)  
Revista Nova Época (Gramado)  
Revista O Outro Saber (Rio de Janeiro)  
Revista Posição (Vitória)  
Revista Quem  
Revista Saga  
Revista Secções  
Revista Sete Dias  
Revista Status (São Paulo)  
Revista Veja (São Paulo)  
Revista Veja (São Paulo)  
Revista Versus (São Paulo)  
Revista Visão (São Paulo)  
Revista Zero Hora (Porto Alegre)  
Suplemento da Tribuna (Rio de Janeiro)  
Suplemento Literário de Minas Gerais (Belo Horizonte)  
Toda Hora (Belo Horizonte)  
Tribuna Bis (Rio de Janeiro)  
Tribuna da Fronteira  
Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro)  
Tribuna de Aracaju (Aracaju)  
Tribuna do Ceará (Fortaleza)  
Tribuna Literária  
Última Hora (Rio de Janeiro)

## 8.2 - ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

AGUIAR, Flávio.....	15/08 a14/09/1982
ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e.....	17/02/1979
	22/10/1977
ALENCAR, Mirian.....	14/04/1978
ALMEIDA, Lúcia Machado de.....	17/11/1984
ALVES, Eduardo Francisco.....	26/06/1977
ALVES, Rosental Calmon.....	11/04/1981
AMADO, Jorge.....	1982
AMARAL, Gonçalves de.....	06/10/1987
	04/07/1981
ANDRADE, Maria Aparecida.....	01/08/1982
	1982
ANTUNES, Nara.....	22/08/1982
ARAÚJO, Carlos Antônio.....	24/03/1979
ARAUJO, Celso.....	23/09/1977
	5/09/1977
ARAUJO, Henry Correa de.....	25/03/1979
ARCELA, Antonio.....	1980
ARRUDA, João.....	10 /1986
ATHANÁZIO, Enéas.....	25/12/1982
	15/04/1984
ATHAYDE, Felix de.....	28/09/1978
AUGUSTO, Sérgio.....	30/08/1978
	12/06/1984
AVAREZ, Reynaldo Valinho.....	25/10/1986
AVELLAR.....	1978
AZAMBUJA, Norton de.....	06/01/1977
AZEVEDO, Reinaldo.....	19/08/1989

	28/05/1983
	24/05/1986
ESCOSTEGUY, Jorge.....	11/1977
ESCOVEDO,Sérgio.....	.26/03/1977
	.. 1- 08/09/1979
F AE, Walter José.....	12/03/1977
FALCONE, Maria Carolina.....	07/03/1983
	..... 17/09/1982
FARACO, Sérgio.....	1-2/11/1986
	..... .03/12/1986
FARIA, Álvaro Alves de.....	04/10/1982
	16/04/1977
	17/04/1977
FARIAS, Marcílio.....	05/1980
	15/05/1977
	1977
	1978
	07/08/1978
	19/10/1979
	1980
	12/02/1980
	16-22/05/1981
	1982
	23/03/1983
	02/08 a 09/10/1982
FERRAZ, Geraldo Galvão .....	12/05/1982
	04/1977
	08/1977
	30/12/1981
FERREIRA,Sônia Nolasco.....	23/04/1982
FILHO, Campomizzi.....	12/11/1977
FISCHER, Almeida.....	...05/03/1983

FLECHA, JAIRO Arco e.....	08/10/1986
FONSECA, Ênio.....	06/03/1980
FRADE, Wilson.....	04/09/1979
FRANCA, Jamari da Costa.....	08/01/1977
FRANTZ, Mara.....	28/09/1978
GALÃO, Paulo Costa.....	10-11/02/1979
GARCIA, José Ribamar.....	1987
GIAQUINTO, Antonio.....	14-15/03/1984
GIGLIOTTI, Adir.....	21/09/1986
GOMES, Álvaro Cardoso.....	10/08/1986
GOMES, Duílio.....	04/07/1981
	04/05/1981
	23/06/1977
	08/1982
	06/01/1983
	14/06/1984
GOMES, Frederico.....	11/12/1977
GOMES, Roberto.....	16/12/1977
GONÇALVES FILHO, Antonio.....	27/04/1981
GONÇALVES, Lurdes.....	09/04/1983
GONZAGA, Sergius.....	05/11/1977
GROPILLO, Ciléa.....	01/06/1986
GUIMARÃES, Márcia.....	02/05/1982
GUIMARÃES, Paulo César.....	21/02/1979
GUIMARÃES, Torrieri.....	30/06/1977
	02/07/1977
GUIMARARÃES, Airton.....	06/09/1984
HELENA, Lúcia.....	10/08/1986
HOHFELDT, Antonio.....	1986
	23/11/1985
	1981
	27/04/1978
	10/07/1977

INOJOSA, Joaquim.....	04/03/1977
	08/03/1977
JORGE, Franklin.....	09/03/1977
JOSÉ, Angela.....	20-21/01/1979
JOSÉ, Elias.....	30/05/1981
KHÉDE, Sonia Salomão.....	26/08/1978
	03/08/1986
KLEIN, Paulo.....	13/10/1977
KRAUSZ, Luiz S.....	24/08/1989
LAFETÁ, João Luiz.....	28/09/1979
	..... 05/10/1978
LAGO, Mário.....	18/11/1978
	.....01/1979
LAJOLO, Marisa.....	06/04/1984
LEAL, César Barros.....	28/09/1987
LEITE, Anna.....	26/03/1983
LIDMILOVÁ, Paula.....	1984
LIMA, Abdias.....	03/01/1979
LIMA, Roque de.....	16/01/1977
LISBÔA, L. G. Horta.....	04/01/1979
LOPES, Décio.....	10/11/1978
LOUZEIRO, Luciane.....	15/08/1977
LUCAS, Fábio.....	31/12/1986
LUCIDI, Daisy.....	03/12/1980
LURDOSO, Dirceu.....	11/09/1977
LYRA, Pedro.....	02/06/1977
MACEDO, Tânia.....	9-15/03/1985
MAIA, Adinoel Motta.....	03/02/1979
	06/12/1980
	04/04/1981
	30/03/1983
	14/01/1984
	15/03/1984

	03/08/1984
	08/04/1985
	26/11/1986
	08/03/1984
	16/10/1977
	03/12/1977
	07/01/1978
MANDATTO, Jácomo.....	21/01/1979
	03/03/1979
	12/08/1980
	28/09/1979
	18/07/1981
	01/05/1982
	01/1977
	09/09/1982
MARINHEIRO, Elizabeth.....	27/05/1985
MARTINS, Júlio César Monteiro.....	11/09/1977
MARTINS, Marília.....	22/04/1987
MARTINS, Tânia.....	1982
	25/07/1982
MARTINS, Wilson.....	05/09/1982
MATRICIANO, Carmem Lucia.....	10/12/1977
MEDEIROS, Magno Charles.....	11/11/1978
MEDEIROS, Maria Lúcia.....	30/11/1989
MEKLER, Telma.....	12/10/1986
MELLO, Maria Amélia.....	24/06/1978
	10-11/02/1979
MELO, Paulo.....	12/11/1977
	30/11/1977
MENEZES, Carlos.....	09/06/1977

	06/07/1977
	01/08/1977
	02/08/1977
	05/09/1977
	23/09/1977
	10/1977
	09/12/1977
	26/06/1978
	08/09/1978
	07/09/1979
	22/02/1980
	28/11/1980
	15/09/1982
	12/09/1984
	25/02/1985
	05/07/1985
	19/08/1987
MIGUEL, Salim.....	10/11/1982
MIKETEN, Antonio Roberval.....	07/12/1983
MILLARCH, Aramis.....	15/04/1979
	14/09/1979
	15/09/1979
	03/12/1981
MIRANDA, Aristóteles.....	04/09/1988
MIRANDA, Tavares de.....	30/06/1977
MONTEIRO, Nilson.....	15/09/1984
	04/01/1987
MOREIRA, Liana.....	07/04/1980
MOREIRA, Virgílio Morilzsohn.....	01/03/1981
MOTTA, Cezar.....	05/09/1982
NASCIMENTO, Manoel.....	07/03/1979
NEIVA, Graça .....	15/05 a 14/06/1981
NITSCHACK, Horst.....	03/06/1985
NOLL, João Gilberto.....	11/08/1979

NUNES, Benedito.....	1982
NUNES, Cassiano.....	28/09/1982
OLIVEIRA, José Carlos.....	04/12/1977
OURIQUES, Evandro. ....	1978
PAES, José Paulo.....	21/03/1987
PAIVA, Salviano Cavalcanti de.....	26/04/1978
PEREIRA, Erialdo.....	11/02/1979
PEREIRA, José Aroldo.....	29/04/1978
PEREIRA, Manuel da Cunha.....	18/09/1982
PEREIRA, Reinaldo Dacheux.....	21/07/1977
PEREZ, Renard.....	13/06/1987
PINHEIRO, Nevinha.....	26/12/1981
	11-17/07/1985
	11/12/1986
PLOEGMAKERS, Ruud.....	11/05/1985
PÓLVORA, Hélio.....	16/03/1977
PORTELLA, Eduardo.....	31/12/1977
PRADO, Wil.....	07/06/1977
	2/09/1977
	1977
	30/01/1977
	10/02/1977
	01/03/1977
	1977
PROENÇA FILHO, Domício.....	07/07/1985
PYRA, Fernando.....	25/01/1987
QUINTELLA, Ary.....	08/1977
	12/11/1977
	14/03/1978
	20/03/1978
	24/10/1986
RAINHO, Cleonice.....	10/11/1978
RAMOS, P.....	15-21/08/1980
RAMOS, Ricardo.....	1985

RATH, João.....	1986
RAWET, Samuel.....	04/09/1977
REBELLO, Gilson.....	22/09/1982
REIS, Paulo César dos.....	1977
RENAIS, Paulo .....	09/1981
RENAURO, Hilma .....	05/1982
RESENDE, Otto Lara.....	.1978
RESENDE, Vânia Maria.....	.1988
REY, Marcos.....	19/12/1982
	.19/09/1981
RIBEIRO, Darcy.....	12-13/11/1977
RIBEIRO, Francisco.....	04/12/1986
RIBEIRO, Léo Gilson .....	13/11/1982
	16/04/1977
	03/01/1980
	05/01/1980
	06/12/1980
	1982
	04/10/1989
RIBEIRO, Teresa.....	16/12/1986
	21/08/1987
RIEDEL, Dirce Côrtes.....	12/1989
ROCHA, Glauber.....	11-17/02/1977
ROCHA, Jesus.....	28/03/1977
RODRIGUES, Beatriz Lima.....	01-15/1981
ROMERO, Carlos.....	30/10/1977
RÓNAI, Paulo.....	09/1981
ROSA, Jair Humberto.....	08/1978
SÁ, Jorge de.....	22/11/1981
	01/08/1982
SALLES, Fritz Teixeira de.....	30/04/1977
SCALZO, Nilo.....	22/09/1982
SCHRAMM, C. O.....	05/03/1977

SCLIAR, Moacir.....	18/04/1982
	8/05/1982
SHER, Therezinha.....	1979
SILVA, Aguinaldo.....	09/01/1977
	11/03/1977
	18/09/1977
	1980
SILVA, Deonísio .....	18/01/1984
	3/11/1989
SILVA, Hélio.....	05/11/1977
SILVA, Mario Athayde .....	1977
SILVA, Mylton Severiano. ....	01/03/1977
SILVEIRA, Joel.....	19/10/1986
STERNHEIM, Alfredo.....	22/11/1977
TABLAS, H. G.....	29/03/1985
TINHORÃO, J. R.....	14/11/1978
TOLIPAN, Heloísa.....	19/10/1987
VASCONCELLOS, Antonio.....	2-9/06/1984
VELASCO, Antonela.....	10/01/1978
VIANNA, Marilena.....	09/11/1977
VICENZIA, Ida.....	16/09/1978
	08/02/1979
VIEIRA, Cora Rónai.....	1978
VIEIRA, Flávio Pinto.....	29/07/1977
	23/08/1980
VILAVERDE, Marco.....	10/03/1979
WILLENR, Cláudio.....	02/1987
WOLFF, Fausto.....	08/03/1985
	23/03/1985
WYLER, Vivian.....	13/08/1977
	23/12/1978
WILLEMSEN, August. ....	11/05/1985
ZEITUNG, Frankfurter Allgemeine.....	22/05/1985

ZILBERMAN, Regina..... 30/08/1986

## 9. BIBLIOGRAFIA

### a) Bibliografia de João Antônio:

*Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

*Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

*Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

*Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

*Lambões de caçarola*. (Trabalhadores do Brasil). Porto Alegre: L&PM, 1977.

*Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

*Ô Copacabana!* Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

*Dedo-Duro*. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed, 1982.

*Meninão do Caixote*. São Paulo: Atual, 7ª ed. 1991.

*Contos Escolhidos*. Brasília: Horizonte, INL, 1983

*Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

*Zicartola e que tudo mais vá para o inferno!* São Paulo: Scipione, 1991.

*Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

### b) Bibliografia crítica e teórica:

A CRÍTICA incorpora as agitações das ruas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano I, 29 de mar. 1981, p. 11.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

AGUIAR, Flávio Wolf. A palavra no purgatório. In: *Literatura e cultura nos anos 70*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

AI-5/ Fundação Perseu Abramo Flávio Aguiar. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br>

AMÂNCIO, Moacir. Cronistas do Estadão. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1991.

ANTENORE, Armando. A dor no país dos tapinhas que não doem. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jun 2001.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002, 134 p.

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. *Entrelivros*. São Paulo: Ateliê, 1999.

BENDER, Flora Christina. LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1991.

BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1997.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.

BOSI, Alfredo. *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. *A gíria como linguagem literária em textos de João Antônio*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia – UNESP, 1984. (Dissertação de mestrado, policopiada).

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para Gostar de Ler: crônicas*. Vol.5, São Paulo: Ática, 1981.

CANDIDO, Antonio. Ele descreveu as franjas escuras da vida. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 01 de nov. 1996, p. 3-6.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1995, 279 p.

CHAUÍ, Marilena. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 65-69.

CISCATI, Márcia Regina. *Malandros da terra do trabalho: malandragem e boêmia na cidade de São Paulo (1930-1959)*, 1ª ed. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2000. 269 p.

COUTINHO, Afrânio. Da crítica Brasileira. In: *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, 1974, p.263-267.

COUTINHO. Afrânio. “Ensaio e crônica”. In: *A literatura no Brasil*, 3ª ed., Vol.6, Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CURTY, Marlene Gonçalves. CRUZ, Anamaria da Costa. *Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertação e teses*. Maringá: Dental Press, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURIGAN, Jesus Antonio. João Antonio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*, trad. Jefferson Luiz Camargo, 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 117 p.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*, (trad. Waltensir Dutra), 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001, 341 p.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Cultura. Escritores de Briga. *Isto é*, p. 58-64, 12mar. 1982.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *Aristarchos*. 2º ed. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1941.

FREITAS FILHO, Armando, BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa, GONÇALVES, Marcos Augusto. O Caso João Antônio. In: *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, p. 49-62.

GAMA, Albertina Ribeiro da. TELLES, Célia Marques. *Arquivos, Patrimônio e Memória: Memória cultural e edições*. São Paulo: Trajetórias e Perspectivas/ UNESP/ FAVESP, 1999.

GOES, Marta. O sucesso miserê de um escritor tropical. *Última Hora*. São Paulo, 2 out. 1975, p.11

HOHLFELDT, Antônio. A Literatura da Resistência, *Correio das Artes*, João Pessoa, 10 jul. 1977, p. 14.

HOHLFELDT, Antônio. Pra lá de Bagdá. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Os melhores contos de João Antônio*. Seleção de Antônio Hohlfeldt. São Paulo: Global, 1986.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de & GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

JESUS, Cleide Durante Assis de. *A Crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa*. Assis, 2000. 149 f. Dissertação de mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis /UNESP, Assis-SP, 2000.

LOMBARDO, Edison Luiz. *O malandro em textos de João Antônio*. Araraquara. Dissertação de mestrado (policopiada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis /UNESP), 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. São Paulo: Imprensa Nacional – Casa da Moeda? Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

MEMÓRIA CULTURAL E EDIÇÕES – Org. Albertina Ribeiro da GAMA, Célia Marques TELLES, Ívia Iracema Duarte ALVES. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFBA, Bahia, 2000, p. 9-24.

MENEZES, Carlos. Poeta contra terrorismo terminológico e metodológico da nova crítica letrada, *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 set. 1979.

MODERNIDADES E PÓS-MODERNIDADES: LITERATURA EM DOIS TEMPOS: livros de resumos. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras: Centro de Ciências Humanas e Naturais: UFES, 2002.

MOISÉS, Leyla Perroni. Que fim levou a crítica literária? In: *Inútil Poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. p. 335-358.

MOREIRA, Liana. O Rio acabou transformado em mero curral eleitoral. *Tribuna da Imprensa*: Rio de Janeiro, 07 abr. 1980, p.9.

NEM JOÃO Capote, nem Truman Antonio. *Aqui*, São Paulo, set. 1976, Ano 1, Nº 44, p. 24-25.

OLINTO. Antonio. *Jornalismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa nacional, 1955.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. 1988. 212 p. Campinas. Dissertação de mestrado (policopiada), UNICAMP p.1988.

PAIXÃO, Fernando. As coisas simples de João Antônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de nov. 1996. MAIS! p.5-12.

PEREIRA, Jane Christina. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1963 a 1977*. Assis, 2001. 164 p. Dissertação de mestrado (policopiada), Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2001.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994.

PROLEITURA, UNESP. Art. Dezembro 97, Ano 4, nº 17.

REIS, Leila. “Cronistas do Estadão” chega às livrarias, sl.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o Romance Moderno. In: *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectivas, 1973, p. 75-97.

REVISTA REMATE DE MALES, Campinas: Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem /UNICAMP, Nº 19, Campinas, 1999, 147 p.

RIBEIRO NETO, João da Silva & LABRIOLA, Luiz Paulo (org.). *João Antônio*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Literatura Comparada).

ROMERO, Carlos. Desquite, Futebol e Morte. *A União*, Paraíba, 08 out. 1976.

SCHWARZ, Roberto (Org) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 (Coleção Literatura e teoria literária).

SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto escritor maldito*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956, 235.

SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira. 2: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem não me risque nada: os cadernos, rascunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina César*. Rio de Janeiro: Sette letras, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis Colados*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 13-33.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

THORMES, Jacinto de. Futebol e Literatura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Nº 90, 24 jun. 1978.

TRAJANO, José. Nem João Capote, nem Truman Antônio. *Jornal AQUI*, São Paulo, ano I, Nº 44, set. 1976, p.24.

VIEIRA, Cora Rónai. As verdades do Leão. *Primeira Crítica*. 20 nov. 1975, p. 11.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. (Trad. P. H. Britto), São Paulo: Cia das letras, 1990.